fon fon
ANNO XXVI — N.º 4
Rio, 23 de Janeiro de 1932
— PREÇO: 1$000 —

O conto brasileiro

A CARTA

De J. C. Nogueira Ribeiro

MAURICIO DE MATTOS era um homem feliz. Redactor do grande vespertino da cidade, casára-se, havia dois mezes, com uma encantadôra mulherzinha, a quem adorava, repartindo a existencia entre o jornal e a sua Dulce.

Naquella noite, porém, tendo uma entrevista urgente da redacção, sahira logo após o jantar, deixando-a sozinha em casa.

Dulce, acostumada até então com a prosa nocturna do marido, sentiu-se a principio um tanto triste, reanimando-se todavia pouco a pouco e ficando, ao mesmo tempo, presa de um vago receio, ante uma idéa que se lhe despertára no cerebro...

Eram casados havia dois mezes, transcorridos na mais completa ventura. Mas sua mãe não lhe dizia que todos os homens se tornam falsos depois, o mais tardar, do primeiro mez de vida matrimonial? E por que seu marido escaparia á regra? Não! Ella iria verificar. Iria procurar nas algibeiras de Mauricio e — tentava enganar a si mesma — passaria assim entretida as horas de espéra...

Começou pelo terno que elle havia mudado poucos minutos antes e, logo no segundo bolso revistado, encontrou um enveloppe branco.

"Ao Redactor d'"A Tarde",

dizia apenas. Mas tão perfumado, que Dulce o abriu sofrega e delle retirou um pequeno bilhete. Leu-o e, ao lê-lo, intensa pallidez cobriu-lhe a face e uma amargura immensa possuiu-lhe o coração.

Que! Pois então seu marido a enganava? Elle, que lhe jurava ainda, diariamente, desmedido amôr! Não! Não era possivel! Quem sabe seria illusão? E leu novamente:

M.

Espero-te hoje sem falta. Mas é preciso que venhas... Estou louca de saudades tuas... Beija-te a

Martha.

Sim! Não havia duvida possivel! Elle a enganava! Amava outra... E guardando, sem mais exame, o bilhete no enveloppe, Dulce, impulsiva como era, tomou de prompto uma resolução...

* * *

O automovel rodava silenciosamente. Subito, ouviu-se um pequeno estampido e o vehiculo se deteve.

NA IDADE DA PEDRA... — Prompto! Está tudo acabado entre nós... Devolvo-te as tuas cartas...

— Que foi, *chauffeur*? — perguntou Dulce, que, com suas malas, se encaminhava para a casa paterna.

— Quasi nada, senhora... Apenas um pneu furado.

— Demóra muito?

— Vinte minutos, senhora...

E Dulce, temendo que seu marido, chegando em casa e lendo a carta que ella lhe deixára, viesse á sua procura e a encontrasse alli, não tergiversou; chamaria outro taxi. Para isso desceu e, ao descer, lobrigou alguma coisa que ficava na almofada do vehiculo, cahida talvez de sua bolsa quando, pouco antes, della tirava o lenço ensopado de lagrimas...

Olhou melhór: era um enveloppe do qual se via o verso. E, com espanto, leu:

Para ser publicado, por favôr, na correspondencia amorosa d'"A Tarde".

De uma leitora.

Apanhou o enveloppe: era o mesmo... Era aquella carta... De um relance, Dulce comprehendeu tudo... Como fôra precipitada! Devia voltar! Mas, teria tempo? Confiava que sim... Voltaria logo e, ella o esperava, ainda a tempo...

* * *

Mauricio regressou ás vinte e tres horas: estivéra muito occupado. E elle, que esperava um amúo de sua mulherzinha, experimentou verdadeiro pasmo quando ella, lançando-se em seus braços, segredou-lhe ao ouvido:

— Sabes, meu amôr? Eu te amo tanto! E tu és tão bom, tão bom...

— E White, que estudava commigo, antigamente, aqui no laboratorio, onde anda elle?

— Ah! White? Sim, lembro-me! Elle era muito distrahido, e/um dia, ensaiando um explosivo... Vês aquelles pontinhos lá no tecto? Pois bem: é elle...

O HOMEM QUE

Quem sou eu?...

Esse typo vulgar que arrasta quotidianamente o seu miseravel esqueleto de casa ao Ministério, do Ministério á casa, sempre com aquelle olhar parado e aquelle sorriso de sandeo, sempre naquelles mesmos bondes nauseabundos, sempre naquella mesma promiscuidade burgueza?

Quem sou eu?...

Serei aquelle timido imbecil — como si todos os timidos não fossem imbecis! — que diz banalidades ao ouvido da senhorita Gloria, romantica e insinuante como todas as trintonas sem casamento, só porque o sr. seu pae se chama Fagundes e é chefe da "minha" secção no Ministério?

Quem sou eu?...

Serei esse modesto individuo, sordido como todos os modestos, que diz a quem quizer ouvir, principalmente ás pessôas das relações do sr. Fagundes, que o seu unico sonho é ser promovido ao logar de segundo official, para poder constituir um lar, um lar modesto nos suburbios, com quintal e gallinheiro?

Quem sou eu?...

Serei algum desses tres typos, ou, mesmo, todos os tres em horas differentes?

Não! Positivamente não sou eu!...

Não sou?...

Quem sou, então?...

Vasculho, com o dedo do pensamento, todos os recônditos escaninhos do meu cérebro, em busca da personagem que sou...

Quem sou eu?...

Aquelle typo quixotesco que esbofeteou um mendigo de máu gosto, só porque elle ousou dizer uma pilheria á senhorita Glorinha?

Que me importa que todos os mendigos digam pilherias, e mesmo desaforos, a todas as Glorinhas do mundo ridiculas e pintadas como a filha do seu Fagundes?! ...

Eu sou...

Porque não digo a todos quem sou eu?

Seria natural...

Diria alto, escreveria em todos os jornaes, para que

A TUA CARTA

Tua carta violeta, meu amor,
ao contrario do que me disseste, o outro dia,
não está sob os pés da imagem do Senhor...

(Elle bem poderia
abril-a e... lêl-a!
num momento lilaz de indiscreção...)

E, depois, poderia, até perdêl-a,
entre os lyrios astraes do Jardim da Emoção...

Por isso, oh! minha Excelsa Illuminada,
tua carta violeta está guardada
na caixa-forte do meu coração!...

JAYME DE SANT'IAGO

EU NÃO SOU...

todos ouvissem e lessem o que ha de verdade sobre a minha pessôa...

Gritaria:

— Eu não sou esse sujeito vulgar que perambula por ahi! Eu não sou esse funccionario methodico que entra ás 11 e sáe ás 4, impreterivelmente! Eu não sou esse namorado idiota que diz phrases gongoricas e inexpressivas á filha do sr. Fagundes! Eu não sou o que sou! Sou differente, muito differente! ...

Quem sou?...

Pesa-me dizer a minha verdadeira personalidade. Sinto que ficarei desmoralizado perante a sociedade, aos olhos de todos, pela suprema coragem de dizer o que alguém nunca disse!

Eu tenho nojo daquelle Ministério onde trabalho! Eu odeio essa hedionda Glorinha, esse ser mixto de mulher e de phantasma, que me lambusa a bocca com seu "rouge" assalivado! Eu tenho soberano desprezo por esse indivíduo obeso que se chama Fagundes, e que, no eemtanto, saúdo diariamente com o melhor dos meus sorrisos! Eu tenho horror desses bondes vulgares em que viajo com cavalheiros tão vulgares quanto elle!

Eu não sou um modesto, um timido, um imbecil!

Eu sou ambicioso, ousado, intelligente!

Quero mais do que mil Fagundes poderia desejar!

O meu ideal não pára no miseravel tugurio suburbano, com quintal, gallinheiro, e a senhorita Gloria de contra-peso! Não pára no mesquinho logar de segundo official escripturario!

Vae além! Muito além! ...

E me deslumbro ante a grandiosidade do meu sonho! E me extasio ante a exuberancia da minha intelligencia creadora!

Serei um hypocrita? Hypocrita por ser o que não sou?...

Então...

Quem sou eu?...

Um homem como muitos outros, igual a todos os homens...

Porque todos os homens são como eu! Todos os homens são o que não são!...

MAURO BARCELLOS

PROJECTOS SOMBRIOS. — Desejo um pouco daquelle preparado: "morte aos ratos".

— Que quantidade, mais ou menos?

— O sufficiente para um adulto...

O DESTINO TRISTE DO NOSSO AMOR...

Que tedio!... Que torpor!... Esta grande frieza
torna deserta a paz deste amargo deserto,
e põe nuvens fataes, num esvoejar incerto,
pelo céo todo azul — esplendor e belleza...

Como plumas ao vento, acariciado e desperto
o ambiente, as nevoas vão enchendo de tristeza
todo o arvoredo esguio e a sonora macieza
das fontes de crystaes que estão chorando perto...

Nas tuas, minhas, mãos; meus olhos, nos teus
[olhos,
nós ficamos assim em sofrego abandono
sorvendo, num só beijo o beijo dos abrolhos...

E, frio, entre nós dois, a veres e eu a ver,
banhado pelo luar, muito brando, do outomno,
o nosso lindo amor, num soluço, a morrer...

STENIO DE SÁ

— E White, que estudava commigo, antigamente, aqui no laboratorio, onde anda elle?

— Ah! White? Sim, lembro-me! Elle era muito distrahido, e, um dia, ensaiando um explosivo... Vês aquelles pontinhos lá no tecto? Pois bem: é elle...

PENSANDO COM LOGICA

Quem é que ha de pagar as installações luxuosas, os enormes alugueis e as luvas esmagadoras senão o freguez?...

E' por isso que só me visto na Alfaiataria Guanabara — Rua da Carioca, 54, cujo predio é proprio e a isenta de sacrificar seus freguezes.

O HOMEM QUE

QUEM sou eu?...

Esse typo vulgar que arrasta quotidianamente o seu miseravel esqueleto de casa ao Ministerio, do Ministerio á casa, sempre com aquelle olhar parado e aquelle sorriso de sandeo, sempre naquelles mesmos bondes nauseabundos, sempre naquella mesma promiscuidade burgueza?

Quem sou eu?...

Serei aquelle timido imbecil — como si todos os timidos não fossem imbecis! — que diz banalidades ao ouvido da senhorita Gloria, romantica e horrenda como todas as trintonas sem casamento, só porque o sr. seu pae se chama Fagundes e é chefe da "minha" secção no Ministerio?

Quem sou eu?...

Serei esse modesto individuo, sordido como todos os modestos, que diz a quem quizer ouvir, principalmente ás pessoas das relações do sr. Fagundes, que o seu unico sonho é ser promovido ao logar de segundo official, para poder constituir um lar, um lar modesto nos suburbios, com quintal e gallinheiro?

Quem sou eu?...

Serei algum desses tres typos, ou, mesmo, todos os tres em horas differentes?

Não! Positivamente não sou eu!...

Não sou?...

Quem sou, então?...

Vasculho, com o dedo do pensamento, todos os reconditos escaninhos do meu cerebro, em busca da personagem que sou...

Quem sou eu?...

Aquelle typo quixotesco que esbofeteou um mendigo de máu gosto, só porque elle ousou dizer uma pilheria á senhorita Glorinha?

Que me importa que todos os mendigos digam pilherias, e mesmo desaforos, a todas as Glorinhas do mundo ridiculas e pintadas como a filha do seu Fagundes?!...

Eu sou...

Porque não digo a todos quem sou eu?

Seria natural...

Diria alto, escreveria em todos os jornaes, para que

A TUA CARTA

Tua carta violeta, meu amor,
ao contrario do que me disseste, o outro dia,
não está sob os pés da imagem do Senhor...

(Elle bem poderia
abril-a e... lêl-a!
num momento lilaz de indiscreção...)

E, depois, poderia, até perdêl-a,
entre os lyrios astraes do Jardim da Emoção...

Por isso, oh! minha Excelsa Illuminada,
tua carta violeta está guardada
na caixa-forte do meu coração!...

JAYME DE SANT'IAGO

EU NÃO SOU...

todos ouvissem e lessem o que ha de verdade sobre a minha pessôa...

Gritaria:

— Eu não sou esse sujeito vulgar que perambula por ahi! Eu não sou esse funccionario methodico que entra ás 11 e sáe ás 4, impreterivelmente! Eu não sou esse namorado idiota que diz phrases gongoricas e inexpressivas á filha do sr. Fagundes! Eu não sou o que sou! Sou differente, muito differente!...

Quem sou?...

Pésa-me dizer a minha verdadeira personalidade. Sinto que ficarei desmoralizado perante a sociedade, aos olhos de todos, pela suprema coragem de dizer o que alguem nunca disse!

Eu tenho nôjo daquelle Ministério onde trabalho! Eu odeio essa hedionda Glorinha, esse ser mixto de mulher e de phantasma, que me lambusa a bocca com seu "rouge" assalivado! Eu tenho soberano desprezo por esse individuo obeso que se chama Fagundes, e que, no emtanto, saúdo diariamente com o melhor dos meus sorrisos! Eu tenho horror desses bondes vulgares em que viajo com cavalheiros tão vulgares quanto elle!

Eu não sou um modesto, um timido, um imbecil! Eu sou ambicioso, ousado, intelligente!

Quero mais do que mil Fagundes poderia desejar! O meu ideal não pára no miseravel tugurio suburbano, com quintal, gallinheiro, e a senhorita Gloria de contra-peso! Não pára no mesquinho logar de segundo official escripturario!

Vae além! Muito além!...

E me deslumbro ante a grandiosidade do meu sonho! E me extasio ante a exuberancia da minha intelligencia creadora!

Serei um hypocrita? Hypocrita por ser o que não sou?...

Então...

Quem sou eu?...

Um homem como muitos outros, igual a todos os homens...

Porque todos os homens são como eu! Todos os homens são o que não são!...

MAURO BARCELLOS

O DESTINO TRISTE DO NOSSO AMOR...

Que tedio!... Que torpor!... Esta grande frieza
torna deserta a paz deste amargo deserto,
e põe nuvens fataes, num esvoejar incerto,
pelo céo todo azul — esplendor e belleza...

Como plumas ao vento, acariciado e desperto
o ambiente, as nevoas vão enchendo de tristeza
todo o arvoredo esguio e a sonora macieza
das fontes de crystaes que estão chorando perto...

Nas tuas, minhas, mãos; meus olhos, nos teus [*olhos,*
nós ficamos assim em sofrego abandono
sorvendo, num só beijo o beijo dos abrolhos...

E, frio, entre nós dois, a veres e eu a ver,
banhado pelo luar, muito brando, do outomno,
o nosso lindo amor, num soluço, a morrer...

STENIO DE SÁ

PROJECTOS SOMBRIOS. — Desejo um pouco daquelle preparado: "morte aos ratos".

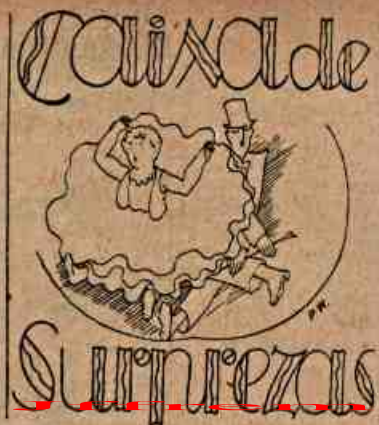
— Que quantidade, mais ou menos?

— O sufficiente para um adulto...

A PROFUNDIDADE DOS OCEANOS — Ao nordeste do Japão encontrou-se, no Pacifico, uma profundidade de 9.947 metros. Sabe-se, com effeito, que o oceano Pacifico é o mais profundo de todos os mares.

No Atlantico ha apenas dois pontos onde a sonda registra uma profundidade de 7.300 metros.

•

O "CALDO DE VIBORAS" — No seculo XVII este caldo representava um grande papel na medicação usual. A senhora de Lafayette conseguiu restaurar suas forças graças a essa extranha beberagem. Madame de Loigné escrevia á sua filha: "O sr. de Boissy vae trazer-me dez duzias de viboras do Poiton, pois já se acabaram as que eu tinha. Para preparar-se o caldo cortam-se as viboras em pedaços, ferwem-se na agua, filtra-se esta e bebe-se um pequeno copo todas as manhãs. Graças a isso conservo-me em perfeito estado de saúde."

•

AVIÕES AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS — Uma casa da Colonia, constructora de automoveis, do aeroporto de Francfort, vae lançar no mercado um novo typo de biplanos, para dois logares, ao mesmo preço de um automovel de valor medio.

Os novos biplanos poderão voar a uma velocidade de noventa e tres milhas por hora, com um raio de trezentas e setenta e tres milhas.

•

A VIUVEZ NO CONGO — Quando uma mulher do Congo fica viuva colloca uma bandeira na frente de sua casa.

Emquanto a bandeira não cáe ou fica reduzida a tiras, a viuva não póde casar-se.

Acontece, porem, ás vezes, vir a sorte em auxilio das desconsoladas viuvas: desencadear-se uma tempestade, no dia mesmo da morte do marido chorado, e que, em algumas horas estraçalha a bandeira. Então, já a viuva poderá contrahir novas nupcias.

O APPARELHO FALA!

Muitas e interessantes notas posthumas foram publicadas em quasi todos os órgãos de publicidade acêrca de Thomás Alva Edison. Em nenhuma lemos o caso que se nos afigura interessantissimo e que, por isso, passamos a narrar.

Sabem todos que o genial americano descobriu o apparelho registador e reproductor dos sons, ao qual chegaram a chamar photographia da palavra falada, por obra do acaso, como sóe acontecer a quasi todas as descobertas notaveis. Ao lidar com um telephone, é ferido num dedo pela pequenina haste presa ao diaphragma do referido apparelho quando a vóz fazia vibrar a placa diaphragmatica. Si as vibrações eram tão fortes, pensara então o inventor, poderiam sobre uma superficie flexivel produzir signaes representativos das ondas sonoras. Mais tarde, pensára tambem nisto: esses signaes reproduzirem mecanicamente as proprias vibrações que lhes deram causa.

Andava com a cabeça cheia dessas coisas, quando, a conversar certa vez com um cidadão americano cujo chapéo de feltro muito fino tinha perto da bôcca, notára que o panno se sensibilizava á acção das palavras articuladas pelo seu interlocutor. E desde aquelle instante não cogitára de outra coisa senão de fazer experiencias com o fim de registar os sons e repetir depois esses mesmos ruidos rythmados, até entregar o phonographo á civilização moderna, do qual teem os scientistas feito maravilhosas applicações.

A primeira prova publica foi notabilissima. Fal-a o proprio Edison em Nova-York, na redacção do *Scientif American*.

Depois, em Paris, fôra encarregado o conde *du* Moncel de apresentar o phonographo á Academia de Sciencias. E é este o assumpto especialissimo destas linhas. Em presença da illustre companhia, *du* Moncel colloca o apparelho sobre uma secretaria, entrega a cada um, por sua vez, dois tubos phonicos, toca a manivela do apparelho, e é ouvida esta saudação, em francês:

"O phonographo apresenta os seus cumprimentos á Academia de Sciencias."

Ha enthusiasmo da parte de uns e admiração e incredulidade da parte de outros. Estes chegam a desconfiar que exista ali um ventriloquo e só acceitam o invento como realidade incontestavel quando, isolados num compartimento, dão movimento ao apparelho e ouvem um a um estas palavras de timbre metalico:

"O phonographo apresenta os seus cumprimentos á Academia de Sciencias."

Entre os incredulos existe certo velhinho, que deseja ficar só. Cerra, com chave, o compartimento, pega os dois tubos phonicos, applica-os ao ouvido, toca a manivela do phonographo e, maravilhado, com o coração palpitante, escuta naquelle mesmo som metalico a mesma saudação com as mesmissimas palavras:

"O phonographo apresenta os seus cumprimentos á Academia de Sciencias."

Convicto de ser mais um invento notavel para eternizar o agradecimento dos homens ao genio de Edison, muito commovido apanha o velhinho o pequeno apparelho, condul-o á sala das sessões, onde se acham reunidos os outros companheiros de Academia e, já bem curvado, com physionomia sympathica, olhos vivos sorrindo, transmitte-lhes o effeito produzido em sua alma bôa por aquella maravilha do talento inventivo, dizendo simples e peremptoriamente:

"O apparelho fala!"

HORMINO LYRA

Veiga Miranda — ALVARES DE AZEVEDO — E. G. Rev. dos Tribunaes — São Paulo — 1931

O sr. Veiga Miranda póde se gabar de ter escripto um livro desinteressante, sobre a personalidade tão curiosa de Alvares de Azevedo. Passando a 12 de setembro ultimo o centenario do nascimento do poeta, quiz o autor prestar o seu singelo tributo ao bizarro espirito que fascinou uma geração academica, ficando na historia da nossa literatura como uma das figuras mais expressivas do genio dos tropicos.

Valha ao menos a intenção do sr. Veiga Miranda, porque, difficilmente, a monotonia da obra será ultrapassada por quem quer que tente escrever acerca de tão fascinante vulto da nossa incipiente literatura.

Parece que o autor sentiu perra a sua penna, tanto assim que inicia o capitulo IV escrevendo:

"Padecem de desoladora monotonia as narrativas biographicas obedientes ao estricto criterio chronologico. Assumem um ar de papeis officiaes, de traslados tabellionicos ou testamentarios.

Tratando-se de um escriptor de então, a nórma a seguir deverá ser sempre a do encadeamento das idéas, partindo-se do principio de que a connexão dos factos quasi nunca corresponde á complexidade da vida espiritual.

Fazemos esta observação, como réplica antecipada aos que estranharem as idas e voltas do presente despretencioso esboço literario. Não nos propomos tomar Alvares de Azevedo no berço, embalar-lhe os primeiros somnos innocentes, leval-o á pia baptismal, acompanhar-lhe a dentição, etc. O nosso intento é o de traçar varios perfis, que se possam contemplar como si folheassemos um album de retratos seus, mas collocados indifferentemente, sem attenção a qualquer ordem, sem attender á progressão da idade, sem a preoccupação de comparar o desenvolvimento physico de anno a anno... O methodo é inimigo da variedade: e já diziam os latinos que a variedade deleita."

Ora, Alvares de Azevedo não merecia homenagens tão despretenciosas...

O sr. Veiga Miranda quiz fazer um album de retratos, e não escrever um ensaio sobre o poeta?!

Mas, então, era preferivel não moer a paciencia do proximo, com um alentado volume de 300 paginas.

Accresce uma circumstancia curiosa, na obra do sr. Veiga Miranda. Segundo o seu altissimo modo de pensar, Alvares de Azevedo exerceu influencia, que chama de *esporadica*, sobre vates varios.

Castro Alves, Bilac, Luiz Guimarães, Guerra Junqueiro beberam no pucaro da sua inspiração. Grandississima descoberta! Ha melhor...

Eça de Queiroz legou-nos uma phrase: *Sob o manto diaphano da fantasia, a nudez forte da Verdade*. Pois, saibam quantos que o Eça tambem *bebeu* em Alvares de Azevedo:

"A arte é um manto para as bellezas núas; é preferivel deixar uma estatua despida, a pespontar uma tunica de veludo para embuçar um manequim..."

Diz o autor que "Eça não faleu em véo de poesia, mas sim no manto diaphano da fantasia", mas, é a mesma coisa.

Realmente... Talvez o sr. Veiga Miranda pudesse ensaiar com maior successo um livro sobre plagios ou coisas parecidas. A nossa impressão é de que o sr. Veiga Miranda escreveu o seu livro, suppondo que apresentava um relatorio ministerial, ao publico.

Influencia, talvez, do *saudosissimo*, dos bons tempos em que carregou com a pasta da Marinha.

Entre o *conteur* dos *Passaros que fogem*..., livro de estréa, e o *ensaista*, ou biographo do *Alvares de Azevedo*, não houve nenhum progresso natural.

Agora, que o escriptor *paulista*, nascido em Minas, bate ás portas da Academia, recommendamos aos srs. *immortaes* a leitura do livro do sr. Veiga Miranda.

Apenas lamentamos que o autor não pudesse dar maiores proporções ao *ensaio*, pois deixamos de lêr dois capitulos, *o primeiro relativo aos pendores theorias literarias e o segundo em torno aos pendores e doutrinas philosophicas desse admiravel, desse genial adolescente*. (*pag*. 259).

Certamente, seriam duas obras primas, mui semelhantes ao primeiro capitulo do livro: *O romantismo, crise de puberdade do espirito humano, etc.*

Tasso da Silveira — CANTICO DO CHRISTO DO CORCOVADO — Edições Forja — Rio 1931 — 2$

Um pequeno poema, que é tambem uma prece pelos destinos do Brasil.

Senhor!
— na montanha clara,
em meio da paizagem
ardente de beleza
sobre o granito batido
de ventos imemoriais,
e sob a lucilação
das estrelas sagradas,
meu povo ergueu a tua imagem gloriosa...

De inicio, sente-se a larga inspiração do poeta, a serenidade das imagens, o traço vivo da sua arte moderna.

Isto não nos surprehende, porque Tasso da Silveira, ha muito, vem figurando na vanguarda dos nossos grandes artistas do verso.

O poema que acabamos de lêr é apenas um traço luminoso do talento do seu autor.

Baroneza Orczy — O PIMPINELLA ESCARLATE — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

SÃO 318 paginas de leitura attrahente, vividas no ambiente da Revolução Franceza. O aspecto material muito recommenda a industria nacional do livro.

Renato Travassos — EU E TU NUM GRANDE AMOR — Editora Guanabara — Rio — 3$

UM poema de amôr, o poema de duas almas, eis o velho thema explorado pelo verso sempre novo de Renato Travassos.

Numa obcessão de todos os instantes,
Meus olhos, quando estão dos teus distantes,
Não sentem de outros olhos o sabor...

Meus olhos são mendigos á procura
De pão e abrigo, vinhos da ternura
Dos olhos teus, perdidos num olhar...

Olha-me assim, querida! bem de frente,
Olha no meu olhar profundamente:
Minha alma quer com a tua conversar!

Mas, depois de revelado o *segredo*, apparecem os *arrufos*:

Por ti, desprezo a vida e affronto a morte,
E sou capaz de todas as loucuras:
E' tanto e tal, emfim, o meu transporte,
Que até apanho estrellas nas alturas!

Sonho-te sempre pura divindade,
Como minha alma te deseja e quer...

Mas dóe, depois do sonho, a realidade:

Tu, caprichosa e futil, és mulher!

E a divina loucura do poeta continúa:

Nosso destino, ás vezes, é risonho
De tal maneira, de tal modo lindo,
Que, na alegria de viver sorrindo,
A realidade nos parece um sonho!

E' que, chegada a quadra dos amores,
O amôr de sonhos a alma nos povôa;
E a criatura, rindo, ingenua e bôa,
Crê na ventura, e cobre-se de flores...

E' assim o poema de Renato Travassos: um immenso jardim coberto de rosas e espinhos... As rosas do poeta. Os espinhos do amôr.

General João Borges Fortes — A ESTANCIA — Rio — 1931

TRATA-SE do discurso pronunciado pelo illustre militar, ao tomar posse do lugar de socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do R. Grande do Sul. E' uma peça oratoria de grande belleza e largo civismo, que revela a primorosa cultura literaria do autor.

A. Schopenhauer — DORES DO MUNDO — Liv. H. Antunes — Rio — 1932 — 4$

SCHOPENHAUER já póde ser lido em portuguez. O volume condensa materia interessante sobre o Amor, a Morte, a Arte, a Moral, e pensamentos diversos, tudo isto olhado através das lunetas do adoravel pessimismo do philosopho allemão.

Caio Nunes de Carvalho — NOVA DEMOCRACIA: NOVA REPUBLICA — (Ser ou não Ser) — editor A. Coelho Branco F.º — Rio — 1931 — 3$

COM este terceiro fasciculo, o autor dá por findo o seu brilhante estudo de sociologia constitucional, indicando novos rumos á nacionalidade batida pela revolução de Outubro.

Ainda desta feita, o autor exhibe a sua bella cultura, esgrimindo as palavras e as idéas com uma vivacidade surprehendente.

Impossivel resumir a materia do fasciculo, sem prejuizo para o perfeito entendimento dos nossos leitores.

Preferimos recommendar a leitura do trabalho, notavel por muitos titulos.

Basta registar que, tomando em apreço o primeiro opusculo, o Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros conferiu ao autor o titulo de socio correspondente, honra mui merecida.

Soares de Faria — VIAGEM SILENCIOSA — Typographia Orion — Sacramento — 1931

PARA escrever o seu livrinho, o sr. Soares de Faria buscou inspiração nas *paizagens — ora alegres, ora sombrias — da alma humana.* Um *modelo* da *inspiração* do autor, a que deu o titulo *Conhecimento*, aqui vae:

"E' triste, silenciosa, como quem andou os longos caminhos da magua, a minha eleita. Por isso, o coração que percorreu tambem as estradas do soffrimento, se embebe da luz dos seus olhos tristes. E quer habitar a alma silenciosa, povoá-la de alegria e de esperança. Mas os olhos tristes continuam lentamente consumindo-o e lentamente matando-o. O sorriso della é como o canto silencioso, audivel sómente do coração afeiçoado.

O canto deleita, mas é veneno. Mata para conceder a illusão da vida. Felizes os que morrem desse veneno!"

E', pelo menos, um veneno complicado...

Mary Floran — MAMA BORRALHEIRA — Editora Guanabara — Rio — 1932 — 4$

LEITURA suave, destinada ao sexo feminino. A traducção de *Mamá Cendrillon*, confiada a Helio de Andrade, seguiu de perto o original. Historia de um amor simples, cuja pureza é vigiada de perto pela famósa *Borralheira*, e que termina pelo enlace feliz de Philippe de Thuisans e Antonieta d'Asquer, producto de um doce milagre...

Yantok — AVENTURAS MARAVILHOSAS DE JUCA MUTUCA E FANIKITO — Editora Braz Lauria — 1932 — Rio — 5$

A creançada está de parabens. Um livro de historias de Yantok, é sempre um agradavel divertimento para a petizada. Juca Mutuca e Fanikito são duas figuras impagaveis, cheias de vida, destinadas a ficar na memoria de quantos tiverem a ventura de abrir o livro de Yantok.

Por isso mesmo o editor vae esgotar os milhares de volumes lançados ao mercado.

Mario Poppe

A "FELICIDADE"

FOI no mais escuro recanto daquella praça publica que elles se encontraram.

Como a l g u m criminoso foragido que temesse ser visto, o homem, de chapéu enterrado até os olhos, procurava occultar-se mais ainda na sua enorme capa negra.

— Ninguem te viu chegar? — perguntou.

— Não...

E, num gesto habitual, a mulher esfregou as mãos nervosas, uma na outra, e aspirou sofregamente...

Era, apenas, um signal, que o homem comprehendeu, e sorriu maliciosamente.

— Está mais caro, sabias?

A mulher arregalou os olhos febris e falou, raivosa:

— Ainda mais? Então isto é todo dia? Neste mez já mais de oito vezes que augmentaste o preço. Ah! Isto é um desafóro. Tu pensas que eu tenho mina de dinheiro?

— "Esta" é melhor... é da "ingleza": parece pó de arroz de tão fina... Uma delicia!

Dos pés á cabeça, a mulher estremeceu de gozo...

O homem continuou:

— Si não queres comprar, não compres. Para mim até é um alto negocio não te vender. Tenho na Gloria duas "irmãs" formidaveis... E' o preço que eu der. Guardarei para ellas. Daqui ha pouco, o Rio não terá mais, e ellas hão de querer guardar. Até a vista.

E, dando-lhe as costas, o homem, embuçado na sua negra capa, afastou-se a passos lentos. Ella fez um esforço mais para conter-se, mas foi impossivel.

Correu atraz do homem.

— Escuta... Quanto queres a mais?

— Cincoenta mil reis em gramma.

— Queres dizer, então, que é setenta e cinco, agora?

— Sim...

— E' muito... é demais. Dou vinte, serve?

— Não. Preço é preço. Não estás lidando com o gringo da prestação. Até amanhã.

— Escuta... Vae mesmo acabar?

— Vae... E' preciso prevenir...

— E' verdade...

A mulher parecia louca. Os olhos, bebedos, febris, relampejavam de desejo, a pallidez accentuára-se mais ainda em seu rosto sem pintura.

E, nervosa, esfregando as narinas com as costas da mão, exclamou:

— Toma! E' o retrato da Baby.

E arrancou do pescoço o disco de platina e brilhante, que trazia no verso a photographia da criança.

— Dinheiro não tenho — continuou — mas este medalhão vale mais! Só o brilhante central...

E, numa gargalhada cortante, accrescentou ainda:

— Com as joias que te tenho dado já podes montar uma joalheria... Vamos... dá me a felicidade. Tenho pressa. Baby já deve estar acordada; é a hora do leite...

Estendeu a mão na qual o homem, o grande criminoso, despejou a "poeira".

No delirio do gozo, imaginando, já, no estonteante prazer que dalli a momentos ia ter, a mulher correu para a casa, apertando, de encontro ao seio nú, a mão fechada que continha o terrivel veneno que ella chamava de *Felicidade!*

ZÉLIA MOREIRA

SOBRE A BELLEZA

A belleza ou vive em nós, no senso esthetico, ou vem para nós, pelo instincto.

E' externa e ficticia ou interna e immortal.

A belleza interior, a belleza intima dos sonhos, das rosas estheticas do pensamento, que florescem nos j a r d i n s da alma, ou meditação, que é a belleza da poesia, do ideal, essa é eterna, sublime e immaculavel.

A belleza externa, a belleza que o instincto crêa, como um estimulo ao gozo, é ephemera e imaginaria.

Assim, a belleza da mulher é a consequencia logica da volupia do nosso instincto.

E a mulher é tanto mais bella quanto maior fôr, em nós o desejo de gozal-a.

Ephemera e ficticia, a belleza externa se extingue com o proprio gozo...

A propria morte da belleza, na mulher, tem um perfume estranho de volupia e de saudade.

E' falsa, dolorosa como o proprio amor.

E se parecem tanto, que chegamos a duvidar si é o amor que produz a belleza ou si é da belleza que provém o amor. Sem comprehendermos que o Amor da Belleza é a unica Belleza do Amor.

Só a belleza intima das coisas, a belleza immaculada da poesia, que vive nos rosaes meditativos dos jardins interiores, que é a belleza esthetica do pensamento, póde viver eternamente.

Porque a impossibilidade de ser attingida a torna indestructivel e immortal.

Os ideaes são immaculaveis...

GUARACY COELHO

Viajar

Quando viajar a Cavallo, em Vapor, Automovel e Estrada de Ferro, quando fizer viagens ou longos passeios a pé, quando apanhar Sol ou Chuva, toda a vez que molhar os pés, sempre que tomar banhos demorados de mar ou em rio, todas as vezes que levar grandes sustos ou tiver de repente uma grande contrariedade a senhora deve tomar uma Colher de Chá de ***Regulador Gesteira*** e logo em cima Meio Copo de Agua!

Quando fizer alguma viagem, leve sempre em sua mala alguns Vidros de ***Regulador Gesteira.***

Com os abalos do vapor ou da Estrada de Ferro, com o sol ou a chuva, molhando os pés, tomando-se banhos muito demorados, levando-se um grande susto ou tendo-se de repente grande raiva ou pezar forte o Utero pode sentir algum desarranjo, que poderá ser principio de uma Molestia Grave!

Por isso é de enorme prudencia e muito util tomar uma colher de chá de ***Regulador Gesteira.***

Qualquer perturbação do Utero pode dar começo a Molestias perigosas e Males terriveis!

Dançar

Depois de dançar, quando voltar das Festas e dos Bailes ou dos Teatros, depois que passear de Automovel, ao chegar em casa tome sempre uma colher de chá de ***Regulador Gesteira***

O CARTÃO REVELADOR

O meu amigo Pedro Gustavo entrou em meu consultorio medico sem se fazer annunciar e visivelmente agitado.

— Que ha? — perguntei-lhe, após fazêl-o sentar.

Elle demorou um pouco, pois offegava, e respondeu:

— Um thesouro!...

Calou-se e eu, espantado, me calei tambem.

— Acabo de descobrir um mappa que me indica um thesouro!

Olhei-o fixamente e já julgava houvesse perdido o juizo o pobre rapaz. Mas elle, para mostrar que não dizia asneiras, foi saccando do bolso um papel amarellecido e, collocando-o sobre a mesa, disse:

— Examina-o.

Desdobrei-o e, effectivamente, vi linhas traçadas que indicavam qualquer coisa.

— Acreditas?

Respondi com um meneio de cabeça.

— Repara.

E, com o dedo, Pedro Gustavo foi seguindo todas as linhas até se deter num ponto, mas, pelo tempo, um pouco desbotada.

— Mas, como podes saber que este mappa traz a existencia de um thesouro? — indaguei, incredulo ainda.

— Como? Lê.

No reverso do mappa, lia-se:

"Os bancos podem fallir. Trabalhei muito para juntar o que possúo. As linhas representam as divisões do subterraneo e a mancha escarlate a localização do meu thesouro. Campo livre, entrada dez metros além de uma mangueira secular, sob uma grande pedra. Jaboatão."

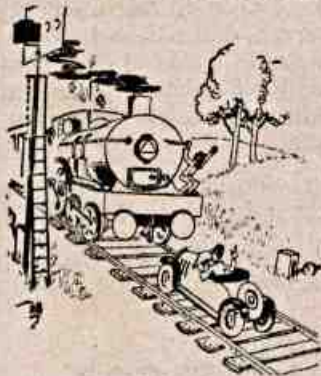
Não se divisava assignatura. Após a leitura, que foi difficil, dada as lettras quasi illegiveis, devido á acção do tempo, que tudo destróe, Pedro Gustavo me fitou e foi dizendo:

— Agora reconstituo os factos admiravelmente. Sabes que, depois do desapparecimento brusco e mysterioso de meus paes, meu tio Rodolpho me tomou sob sua tutella, dizendo que a unica herança que me legaram meus genitores fôra uma estante com livros antigos. Isso eu acreditei até hontem. Hoje, não creio mais. E avanço. Meus progenitores foram assassinados pelo tio Rodolpho que assim logrou se apoderar do thesouro almejado.

— Nada pódes suppôr nem falar por emquanto — observei.

— Supponho e falo somente a ti, como meu amigo que és. Mais tarde, com as provas nas mãos, sim, desmascararei esse perverso que me quer casar com sua filha, minha prima Neusa, a quem detesto.

— Calma, muita calma, é o que recommendo.

— E acho que tens razão. Como ia dizendo, elle soube de qualquer fórma que meu pae possuia grandes recursos e, porque não confiasse nos bancos, segundo reza no reverso deste mappa, os guardou no subterraneo em apreço. Ora, tio Rodolpho, naturalmente, sabe disso, e assassinou juntamente com minha mãe e se apoderou da fortuna, obrigando-o o remorso a me tomar sob sua tutella. Oh! como o odeio!

— Cavalheiro, faça o favor de me informar: é esta a estrada Rio-São Paulo?

Falava com ardor e ao perorar levantou-se bruscamente da cadeira.

— Perdes a calma, meu amigo, e é della que necessitas neste momento. Nada de exasperações improficuas nem tampouco precipitações que te prejudiquem. Estudemos detidamente o caso e, uma vez que estamos de posse do mappa, investiguemos e apuremos o que em verdade existir.

Pedro Gustavo se conservava calado e olhava fixamente o mappa.

— Como serei cruel na minha revanche!

— Digo-te que deverás respeitar os cabellos brancos do teu tio.

— Respeitar! Ser clemente para com os matadores de meus paes, nunca! Não me conheces ainda!

— Conheço-te. E por te ter na conta de um rapaz ajuizado, possuidor de magnanimo coração, é que espero não sejas tão cruel para com o pobre velho, caso positives tuas hypotheses, pois que todos erram neste mundo.

— Veremos... veremos...

Mais animado, prosegui:

— Acaso seja elle o assassino de teus pobres paes, com as provas nas mãos, vingar-te-ás. Muito bem. Conheço, devido á minha profissão, o coração de teu tio. Acho-o cansado, enfermo. Levado por ti ás barras dos tribunaes, execrado pelo publico, aquelle organismo combalido, não resistiria ao choque e o velho succumbiria. E depois? Depois, tua consciencia conheceria o remorso e tu dirias: eu bem poderia ter evitado.

Pedro Gustavo não falava. Eu prosegui:

— O remorso, meu amigo, que agita o ser de teu tio lhe ha castigado cruelmente durante os annos decorridos.

— Acceito o que dizes.

Nelson Nogueira Pinto

— Sim, Pedro Gustavo. Ainda bem que acceitas minhas palavras sensatas. Não é com um crime que se vinga outro crime. Afasta da tua imaginação a barbara pena de Talião. Acima de nós, meu amigo, ha um Ser que nós não vemos e que nos vê. Um Ser para o qual não existem segredos. Um Ser que vive ao par dos detalhes mais insignificantes da nossa existencia. Um Ser que é juiz, um Ser que faz justiça imparcialmente.

— Seja meu tio o assassino de meus pobres paes, na tua opinião, que haverei de fazer?

— Finge não saber de nada e basta que estejas sciente de tudo para o desmascarares intimamente. Elle, no teu sub-consciente, então, passará de um assassino vil, um ladrão miserável.

— E' horrivel!

— Reconheço.

— Não!

— Então não conta commigo para coisa alguma.

Pedro voltou-se de subito.

— Não contar comtigo? Assusta-me.

— Contarás commigo si me prometteres antecipadamente que não has de fazer nenhum mal ao teu tio Rodolpho.

Elle meditou um pouco, e falou:

— Prometto.

— Agora dá-me um abraço.

Abraçamo-nos com effusão.

— Outra hypothese — tornou Pedro Gustavo. — Não seja meu tio o autor dessa trama, e nós achemos esse thesouro — poderemos considerar-nos, mais tarde, dois homens riquissimos.

— Praza aos céos que assim seja! Não é que me fascine a parte da fortuna que me hás de dar. E' que de outra fórma ficará comprovada a innocencia de teu tio, a quem muito estimo.

— Identico desejo é o meu.

— Em todo caso póde ser que elle não se tenha apoderado do thesouro e, entretanto, o assassinato de teus paes pese em sua consciencia.

— Perfeitamente.

— Assim sendo, só com muita cautela e perseverança poderás saber de tudo.

— Logico.

— Entreguemos a Deus, pois, meu amigo, o desenrolar dos factos.

Sahimos.

* * *

Alguns dias depois, Pedro Gustavo procurou-me.

— De posse do mappa — disse elle — como era natural e superior a todas as forças, mantive-me reservado em casa de meu tio. Essa circumstancia e mais ainda o facto de datar minha reserva desde o dia em que, na presença de Neusa, dei uma busca na velha estante e achei o mappa, que ella não viu, dada minha esperteza, — tudo isso despertou suspeitas. E posso affirmar-te que estou sendo espionado.

— Neste caso, tens razão de suspeitar mais ainda do senhor Rodolpho.

— Sim.

— E' necessario attentar que em taes occasiões as coincidencias são innumeras.

— Comprehendo. A duvida e a desconfiança tambem exercem seus papeis.

— Bem que reconheces.

— Emfim, depois se esclarecerá tudo.

— Assim o espero.

— Para evitar taes coisas, urge que nos transportemos ao subterraneo.

— Marca o dia.

— Domingo.

— E' inconveniente. Não sabes que nos logarejos afastados da cidade ha feiras aos domingos e que por isso o transito de pedrestes augmenta?

— Tens razão.

— Segunda-feira é o dia ideal.

E rematei, a sorrir:

— Accresce o facto das almas fazerem penitencias ás segundas-feiras.

Pedro Gustavo sorriu e retirou-se logo após.

* * *

Quando descemos do trem, em Jaboatão, olhares curiosos se nos cravaram. Duas senhoras idosas, em companhia de um homem velhote, murmuraram:

— Parecem dois policiaes.

Eu percebi e disse baixinho ao ouvido de Pedro Gustavo:

— Estamos em situação nada bôa. Tomam-nos por policiaes.

Elle comprehendeu e fitou com energia as senhoras, que procuraram disfarçar olhando átôa.

— Sentemo-nos — convidou Pedro Gustavo, puxando-me por um braço.

O aspecto da estação era deploravel.

Havia apenas um grande e velho banco para servir aos passageiros. Puzemo-nos a conversar

— Sabes? Encontrei um trevo de quatro folhas...

— E elle te trouxe bôa sorte?

— Que pergunta, homem!... Pois si elle estava dentro de uma carteira perdida...

sobre varias coisas, afim de convencermos as curiosas mulheres de que não eramos policiaes. Em dado momento, o homem velhote, que as acompanhava, bradou:

— Vem alli o nosso carro!

Effectivamente, numa curva do caminho, surgiu, envolto em densa nuvem de poeira, um velho carro puxado por dois cavallos fogosos. Quando a viatura chegou, as mulheres, conduzidas pelo homem, se refestelaram commodamente e nos lançaram ainda, ao se retirarem, olhares prescrutadores.

— Naturalmente — commentou Pedro Gustavo — são senhoras de engenho.

— E vão para longe.

Na curva do mesmo caminho o vehiculo desappareceu.

* * *

Ia alto o sol e seus raios nos queimavam o corpo. Suavamos por todos os póros e não encontravamos uma arvore sob cuja fronde pudessemos descansar. Sentiamos o estomago reclamar alimento e não nos achavamos com coragem para devorar a comida que levavamos. Era extensa a planicie e quando reparavamos, á nossa vista, parecia subirem do solo labaredas brancas. Subitamente estacamos. A mangueira secular, prevista no mappa, nos apparecia.

— E' alli! — exclamou Pedro

O Cartão Revelado

(Continuação)

Gustavo, estendendo o indicador na sua direcção.

Soberba, altiva, dominando tudo, lá estava a velha arvore, plantada no pequeno oasis dentro do pequeno deserto. Com que volupia nos deitamos sobre a relva fresquinha que circundava as grossas raizes da centenaria arvore! E com que alegria divulgamos, dez metros á sua frente, segundo o mappa, a grande pedra! Comemos á farta e depois lobrigamos além um riacho de aguas crystalinas.

Saciados, descansámos um pedaço, emquanto fumavamos calmamente. Que quietude admiravel. Ouvia-se, apenas, na solidão, o trinar das aves sobre os galhos da velha mangueira e o murmurio das aguas do regato que corriam. O sol abrandára mais e nós podemos estudar quietamente o mappa, certos como estavamos de que não nos viam.

— Penso que não faremos nada agora — obtemperou Pedro Gustavo.

— Por que?

— Como poderemos demover esta pedra, si não dispomos de ferramenta alguma?

Elle tinha razão, não havia duvida.

Entretanto, sou homem que preciso vêr para crêr.

— Experimentemos.

Despojámo-nos dos paletots e examinámos detidamente a grande pedra. Devido ao tempo, a areia lhe subira em roda cerca de um palmo, o que tornava difficil demovel-a. Comecemos por cavar em torno e quando nos haviamos occupado algum tempo nesse mistér ficamos subitamente alegres por constatarmos que a pequena rocha, montada sobre uma carreta de ferro, poderia ser movida com pouco esforço. O suor cabia em bagas do nosso rosto e a fadiga nos aniquilava o organismo.

— Descansemos — propoz Pedro Gustavo. Novamente cahimos exhaustos ao pé da secular mangueira, gozando com soffreguidão as caricias de sua sombra amiga.

Em taes momentos sempre nos recordamos do passado. Assim eu me via, pequeno, ao lado de Pedro Gustavo, no collegio em que estudavamos. Recordava futeis incidentes occorridos em nossa vida collegial.

Via o professor mettido em seu fraque surrado, ralhando com Pedro, por qualquer travessura. E que eu, dorido com o que soffria meu amigo, faço uma bolinha de papel, embebo-a na tinta escolar e a jogo, certeiramente, á pessoa do mestre, que, attingido em pleno rosto, solta um grito e, ferrando em suas barbas brancas manchadas, cae pesadamente na cadeira, exclamando:

— Estou ferido!

Passado o susto, a hilaridade dos alumnos para desespero do mestre que, offendido em seu amor proprio, abriu inquerito para apurar a quem cabia a responsabilidade da offensa. Não foi difficil descobrir o autor. E eu fiquei longas horas de pé, emquanto o professor escrevia uma extensa carta a papae. Fóra das aulas, Pedro Gustavo me estendia a mão, dizendo:

— E's meu amigo!

E eu me sentia feliz por ser considerado seu amigo...

* * *

Lembrava-me mais de que, em chegado em casa, conduzindo a missiva, papae se precipitara sobre mim, para dar-me o necessario castigo, no que foi obstado por Pedro Gustavo, que lhe dizia:

— Senhor Pedro, Lucio não deve ser surrado!

Falára com tanta arrogancia que o velho se detêra.

— Acaso será crime — proseguiu — o facto de um amigo em prestar sua solidariedade a outro?

Papae acalmou e deixou-me em paz.

Dessa vez, fui eu quem lhe estirou a mão, exclamando:

— E's meu amigo!

* * *

Pensando em tudo isso, intimamente, não me pude conter e perguntei a Pedro Gustavo que, entregue ás suas meditações, se conservava quedo, olhando ao longe o horizonte:

— E's meu amigo, ainda?

Elle como que se sobresaltou.

— Duvidas?

Rimo-nos. Eu me ria ainda mais sem explicar o motivo daquella pergunta repentina.

* * *

Pedro Gustavo gritou:

— Lucio, prosigamos o trabalho interrompido; vê que a tarde vae chegando e lembra-te que o trem para a cidade parte ás seis da tarde.

— Repousemos mais; é cêdo ainda.

Era uma hora da tarde. Pedro Gustavo, reparando num bando de aves que passára alacremente, perguntou:

— Recorda-te, Lucio, das caçadas que realizavam papae, tio Rodolpho e teu pae?

— Oh! sim.

— Bons tempos aquelles, não?

— Magnificos!

— E quem diria que meu tio, tão amigo que se dizia ser de papae, mais tarde, seduzido pelo ouro, ergueria sua mão para o assassinar!

— Em todo caso, meu amigo, ainda não pódes falar assim.

— Tenho quasi a certeza.

— Deus queira que tuas suspeitas sejam infundadas.

— Sim. Deus queira.

— Custa-me crêr que teu tio Rodolpho, tão amigo que fôra de teu pae, tivesse a coragem precisa para o assassinar e roubar.

O Cartão Revelador

(Conclusão)

Demais, sua physionomia é tão tranquilla, que, digo, elle não parece ser um assassino e ladrão.

— As physionomias, Lucio, muitas vezes encobrem almas miseraveis.

— Lá isso é. Si todos os semblantes retratassem a psychologia dos individuos...

— E' verdade. Teu pae, por exemplo, physionomicamente fazia tremer ao mais ousado.

Entretanto, possuia um coração de ouro, uma alma bôa, simples, incapaz de commetter um erro, um deslise na vida. Sua honradez era o seu maior thesouro e sempre elle dizia que o que te havia de deixar era fructo de seu trabalho honesto, continuo, e que preferiria mil vezes te deixar na miseria a te fazer legatario de bens clandestinos. Tempera de ferro, a de Pedro Teixeira de Souza!

— Justamente. E o que elle me legou não sinto o minimo receio de proclamar bem alto:

— Herdei o fructo sazonado da honestidade sem maculas de meu pae!

Quedámo-nos, commovidos. Quem perturbou o silencio foi Pedro Gustavo:

— Vamos, Lucio, reencetemos os trabalhos!

Com pequeno esforço removemos a pedra. O subterraneo, lugubre, sombrio, se nos desenrolou aos olhos.

— Desçamos!

Ajudados por pilhas electricas, descemos por uma pequena e carunchosa escada.

Era humido o local. Puxei de minha arma para o que désse e viésse. Penetrámos um corredor estreito e cheio de deslizes.

A' direita, divulgámos uma pequena porta. Não falavamos. Forçámos, e a porta cedeu facilmente.

Entrámos. Mas recuámos, lividos, horrorizados. Acabavamos de vêr dois esqueletos, lado a lado, á borda de um regular buraco. Um delles, sentado, e em posição de quem escrevêra, junto a uma pedra. Nossos pulmões necessitavam de oxygenio. Voltámos á superficie da terra.

— Comprehendeste, Pedro Gustavo?

— Sim; são os esqueletos de meus paes!

— O buraco, na exacta posição em que o indica o mappa, abrigára o thesouro...

— ... Que meu tio roubou! — concluiu elle.

— Investiguemos, porém.

Voltámos ao subterraneo. Com o auxilio das pilhas, procedemos a uma busca em regra. De subito, meus olhos brilharam.

— Achei um cartão, Pedro Gustavo!

Miravamos e remiravamos, á claridade das pilhas, o achado.

— Aqui ha letras — affirmei.

— Voltemos ao campo — propoz meu amigo.

Agora, a claridade era mais que sufficiente. E ambos lemos, no cartão encontrado:

"Quem nos assassinou foi Pedro Teixeira de Souza."

As letras, tremulas, denunciavam que o desgraçado as traçára já nas agonias da morte. Era a accusação formal, absoluta. Fiquei pallido e Pedro Gustavo não se atrevia a falar. Aquelle cartão revelava tudo e comprovava a innocencia do tio Rodolpho.

. . . .

O crepusculo envolvia a terra e o comboio, celere, rumava ao Recife. Na plataforma de um dos vagões, olhavamos ao longe a planicie em cujo seio se abrigava o subterraneo sombrio que occultava os despojos de duas victimas da ambição humana!

O SOSIA

NELLY escapou-se do vão da porta de estrada, para, mais adeante, parar. Ergueu-se na ponta dos pés e correu o olhar pela sala do café, que uma fumaça azulada envolvia.

— Quem sabe? murmurou. Soltou um suspiro e tornou ao seu logar habitual: uma cadeira collocada numa especie de saguão exclusivamente reservado para as senhoras.

— Sempre a mesma, Nelly? — disse-lhe sua vizinha, uma rapariga que acabava de esmagar um *baton de rouge* sobre os labios polpudos. "A esta hora é que vens chegando... Assim... é porque vaes bem..."

— Quem déra que assim fosse! Infelizmente, pelo contrario: ando sob um "peso" bruto, um "peso" de que não podes fazer idéa.

Calcula que até a miseravel da minha senhoria vive a ameaçar-me de me pôr na rua... e sem a minha mala! Tudo isso porque lhe devo quatro ou cinco semanas, não sei bem ao certo... Que miseravel! Que bruxa!... E, depois, tenho outros aborrecimentos, outras difficuldades... A desgraça, quando chega, vem por todos os lados... Sim... tambem a ama do meu garotinho me escreveu, com relação ao mez em atrazo... Quando penso no que já me tem custado este filho! Mas, os filhos são sempre assim: é preciso que a gente "sangre" por amôr delles. Isso, quando se póde fazer, ainda bem... mas nós... nós... com a nossa vida... Será, porém, por minha culpa que as coisas não me têem corrido bem?...

Nelly cerrou os olhos e ficou, por algum tempo, pensativa. Depois, continuou:

— Pobresinho do meu Geo querido! Não posso, no emtanto, deixal-o á mingua. Ah! que vida! que peste de vida! Léo, é absolutamente necessario que eu faça qualquer cousa esta noite.

E, de novo, seu olhar correu a sala.

— Que gente! Que refugo! disse, desesperada.

— Visa aquelle que está lá... disse Léo.

— Qual? Onde?

— Ali, naquella mesa mais ao fundo...

— Não vejo...

— Mas, olha bem, perto do bilhar... São dois... O mais corpulento, desde a tua chegada, que nos espreita. Seu companheiro está sentado defronte delle, de costas para nós... Vês, agora?...

— Sim. E' exacto...

— E é sério, direito — accrescentou Léo. Conheço os homens...

— Emfim, exclamou Nelly, sorridente, já é alguma sorte.

— Ageita-te um pouco. Refaz tua physionomia e vem...

Emquanto Nelly preparava, Léo, com um ar canalha, se poz a piscar o olho em direcção á mesa dos homens.

— Despacha-te Nelly. Vem. Assaltemos a "praça". E, tomando Nelly pelo braço, foi andando, resolutamente.

— Sejam bem vindos, disse um dos homens, que se levantára para os receber. Aborreciamo-nos bastante, eu e aqui o meu amigo. Agora, porém, com a encantadora companheira de ambos...

— Oh! nada de phrases, nada de galanteios... Não façamos ceremonia — disse Léo. Convidaste-nos, caro senhor e estamos ás ordens...

Sorriu, dando a entender que comprehendera bem, e sentou-se.

— Que esperas? perguntou Léo, á sua amiga. Não irás ficar em pé, ahi; anda toma logar aqui, perto deste senhor.

E indicava o outro homem, o que ellas não tinham visto, porque ficára de costas. Era um homem moço ainda, muito louro, typo de esportista.

Nelly permanecia immovel; empallidecera e

— O senhor permitte que eu me ausente neste instante? Necessito sahir em companhia de minha mulher...
— Não. Impossivel!
— Obrigado, patrão!

Minha felicidade

Minha felicidade é o carinho divino
Que vem de tuas mãos miraculosas,
Mãos que só vivem desfolhando rosas
Por sobre o meu destino.

Minha felicidade é a tua voz dolente,
Cantando na minha alma suavemente...
— Voz tristonha de triste serenata
Que se ouve ao longe, quando o luar desata
O seu manto de luz por sobre a terra!
Voz que encerra
As symphonias todas do Universo,
Indescriptiveis para um simples verso!

De Marcel Marter

seus olhos, cheios de angustia, tinham uma expressão esquisita. Uma ligeira crispação repuxava-lhe um pouco o canto da bocca.

— Estás louca? proseguiu Léo... Não, de certo perdeste a cabeça...

E troçou:

C'est pas de sa faute
c'est la faute à l'amour.

— Não... não... não é possivel, murmurou Nelly, com uma voz sumida.

— Sabe, mlle. Nelly, que me está parecendo muito linda? — disse o rapagão louro — que, tomando-a pela mão, attrahiu-se para junto delle.

— Vamos. Sente-se aqui, a meu lado, como se fossemos velhos amigos.

Ella obedeceu como um automato, sem disfarçar, porém, seus gestos de extranho nervosismo.

— Sim, você agrada-me muito — proseguiu o joven — mas, por que esta physionomia torturada, dura, sem alegria? Você é, francamente, muito mais encantadora quando ri... Ria, sorria um pouco... Vamos...

Passou o braço na cintura de Nelly, que se retesou toda.

— Assim... assim, não. Você está a dar a idéa de um cabo de vassoura!

— Que tola! disse Léo. Com certeza estás doente... Mas... fala... dize alguma cousa. Ou, então, vae deitar-te, se não estás satisfeita!

— Henrique... Henrique... balbuciou Nelly. Não... não... é possivel! Henrique! Um nome que viera, do fundo do passado, abalar daquelle modo a pobre mulher, evocando todas as suas dolorosas recordações!

Oito mezes antes, Nelly acompanhava ao cemiterio o corpo de Henrique Milon, morto em consequencia de um desastre de automovel. Fôra sua amante e o pequeno Geo nascera dessa união. Desapparecido Milon, a historia de Nelly tornou-se banal: do atelier em que trabalhava ella desceu para aquelle genero de vida, como tantas outras infelizes...

Porque capricho, estranho e cruel da sorte, vinha ella, de subito, rever, áquela hora da noite, a imagem do seu antigo amante? Desceu sobre o rapagão louro um olhar desolado...

Porque, este rosto, de tez queimada, estes olhos de um azul limpido, o nariz, ligeiramente recurvo, o queixo, um tanto brutal, eram bem os traços daquelle que ella tanto amára! Um sosia de Henrique, eis o que puzera a sorte no seu caminho!

Ella tomou-lhe a cabeça entre as mãos.

— Ah! agora, sim! Sempre resolveste a deixar de tolices!, disse Léo.

— Geo... e a fome?, disse Nelly, mentalmente. Léo tem razão. Estou louca. Não me posso pagar o luxo de escolher. E' o primeiro... será o primeiro que apparecer. Será este, portanto...

Então, bruscamente ella atirou-se nos braços do homem que se parecia com Henrique... Tomou-lhes as mãos. Apertou-as violentamente e, subito, tomou-se de um riso nervoso, falso...

Elle mergulhou seus olhos nos olhos della, apertou-a contra o peito, procurando-lhe os labios maquillados...

— Ainda bem, exclamaram Léo e seu companheiro, estejam á vontade!

Mas, que terá Nelly? Ei-la que, de repente, estremece toda, retesa-se, para depois ser abalada por um intenso tremor.

E, antes que o homem louro pudesse segural-a, contendo-lhe o gesto, ella foge-lhe dos braços, e ergue-se, vacillante, para, como um passaro ferido pelo chumbo do caçador, cahir mais adeante, numa cadeira, com a cabeça pendida sobre a mesa visinha.

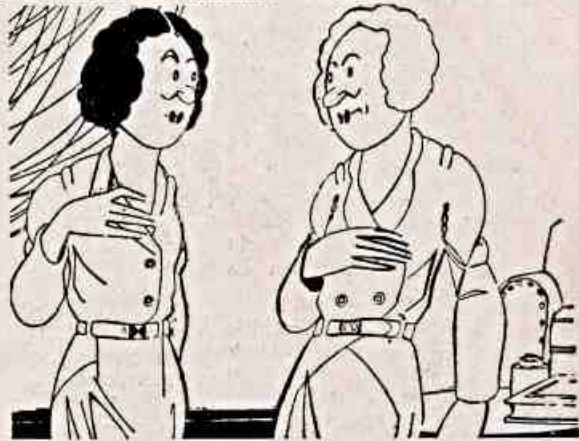
E lá, desfallecida, inerte, murmura, num soluço:

— Não, não posso... não posso...

Eu te amo e adoro a tua voz amada,
Que flue como a agua do rochedo.
A delicia sagrada,
O sacrosanto harpejo,
Misto de susto e mêdo,
Da melodia estranha do teu beijo...

O teu beijo é o canto do violino
Chorando orchestrações no meu destino.

E foi assim, nessa sonoridade,
Que eu encontrei minha felicidade...

ADOLPHO TOURINHO

— Vi meu marido beijar a creada. Isto custou-lhe, porém, um "manteau" de pelles, de que eu necessitava.
— E despediste a creada?
— Não. Preciso ainda de um chapéo!

Quando eu era modelo...

ESTA aventura — diz-me Jaques — remonta a muitos annos, já. Encontrava-me, nessa epoca, em uma situação de perfeita miseria. Exhausto, cansado, sentia o peso da fadiga, sobre mim. Não me faltava só o dinheiro: faltava-me, tambem, coragem, animo. O que vou contar é veridico. E' um momento vivido da minha vida.

Achava-me num café do boulevard de Montparnasse, a tomar um apperitivo, quando um typo de uma elegancia um tanto esquisita se sentou proximo de mim. Suas joias, sua camisa de seda fina, seu casaco de hombreiras elevadas, cortadas em quadrado, tudo isso denunciava o *gigolo* suspeito.

Elle virou a cabeça para o meu lado e nos reconhecemos. Fizeramos a guerra juntos: era o mais corajoso dos meus camaradas de campanha.

Elle pareceu satisfeito por encontrar-me e foi perguntando o que era feito de mim, como estava, qual a minha situação. Comprehendeu logo tudo e repetia a todo momento: "meu pobre amigo... meu pobre amigo..." Estava realmente compadecido de mim e interessou-se, logo, pela minha sorte. Contei-lhe tudo; confiei-lhe todas as amarguras e decepções que me haviam arrastado ao estado em que me achava. Elle fitou-me algum tempo, para, depois, bruscamente dizer-me.

— Ainda mantens os teus preconceitos burguezes ou os abandonaste, de uma vez, nas trincheiras do Aisne e da Champagne? No primeiro caso, em nada te poderei ser util. Mas se encaras a vida como ella realmente é... uma... (deixo em branco o que elle considera a vida) posso ajudar-te a sahir desta situação.

Com o constrangimento das pessoas honestas, disse-lhe que recusaria qualqur meio de vida que não fosse digno. Elle soltou uma gargalhada cantante, e assegurou-me que o que tinha a me propôr não me levaria nunca á cadeia.

— Queres posar como modelo para os pintores? Não és bonito nem bem feito de corpo. Mas, nessa profissão, que eu tambem exerço com muita sorte, não se exigem somente Apollos! Queres experimentar? Vamos... não *banca* o idiota, o imbecil. Lembra-te que vives a curtir fome...

Eu, de facto, estava a passar fome. Elle viu que ficara abalado, tentado, e ajuntou:

— Vae da minha parte á casa de Miss Arabella Jones... Uma linda e encantadora americana, meu caro, pastelista de talento. Acredito que ella te aproveite. Aqui está o endereço do seu atelier. Não hesita, não sê imbecil! Sei que me agradecerás, um dia. Miss Arabella é adoravel... é deliciosa!

Despedimo-nos.

Fiquei hesitante. Ao cahir a tarde, porem, a fome deu signal de si: gritou. Como jantar? Só havia um meio para sahir desta situação: seguir o conselho do meu camarada. Ser modelo não é lá uma profissão muito de accordo com a indole e a educação de rapazes como eu... Mas muita gente disso vivia... Decidi-me.

Quando toquei a campainha, appareceu-me uma velha senhora desdentada, meio barbada, emphysemada.

— Miss Jones? Sou eu! — murmurou. Que deseja?

Era horrivel! Fora, então, por ironia que o meu companheiro lhe chamara de... deliciosa! A feia creatura, porem, depois de correr-me um olhar dos pés á cabeça disse-me sem a menor amenidade:

— Muito bem! Interessa-me. Desejo pintal-o!

O negocio estava concluido, mas eu vivi, naquelle momento, um dos mais horriveis minutos da minha vida! Accusa se o homem de falta de pudor. Mentira! Posso affirmar que quasi morro de vergonha quando essa megera me mandou tirar a roupa!

Quando me achei em traje de Adão, Miss Jones collocou os oculos no seu nariz de papagaio, olhou-me, estudou-me, e acabou dizendo com um desprezo não dissimulado:

— *I am a spinster!* Sou uma moça velha! *Men are so disgusting!* Os homens são tão desagradaveis! Por isso é que quero fazer um quadro para mostrar a feiura da especie masculina! Vou pintál-o,, feio como é! Esplendido!

Minha tendencia para a obsidade não escapou tambem, como outros defeitos, á observação da terrivel sexagenaria.

Com a minha dignidade ferida, cumprimentei-a como se me encontrasse numa recepção em plena 5ª Avenida. Depois comecei a vestir-me. Miss Jones deixou-me fazer isso, sem dar-me uma palavra. Acendeu um cigarro; preparou um cocketail; encheu um copito, esvasiou-o, e, nem de leve, pareceu ter notado o meu máu humor. Mas quando terminei, ella me interpellou de novo:

— Muito bem! Torne *tirrá* roupa. Tenho *outros* idéas!

Tive vontade de bater-lhe, tão nervoso me achava.

Ella parece que o comprehendeu e logo mudou. Fez-se doce, amavel. Apanhou a bolsa que estava sobre uma mesa, abriu-a, tirou uma nota de cem francos que me deu, dizendo:

— *Tirra* roupa, faz favórr!...

Cem francos!... Não resisti mais. A velha bruxa installou, então, sobre um pequeno estrado um manequim articulado — uma dessas esqueleticas bonecas de que se servem os artistas e que lembram tão grotescamente, os sêres vivos. E ordenou, desta vez em tom que não admittia replica:

— Esta aqui era a rainha de Sabá, ou a imperatriz da Russia, ou, simplesmente, uma mulher. Prosterne se deante della!

Penso que me fazendo representar tão triste e ridiculo papel, ella tinha a intenção de vexar e humilhar todos os homens da creação. Porque o odio que ella tinha contra a gente do meu sexo era infinito. E foi-me preciso

obedecer-lhe: curvei-me e, reverente, permaneci durante mais de uma hora em attitude humilhante deante dessa boneca que representava a mulher.

Quando terminou o meu supplicio, me levantei furioso e tremulo. Miss Jones sorria fria e cruelmente.

— Volte amanhã! — disse. Terá a mesma retribuição!

O furor dominava-me. Sequer não lhe respondi. Sahi. Já na calçada, parei: no atelier visinho uma vóz clara e moça cantava uma canção da moda. Fiquei a escutal-a e esta musica emprestou-me um certo optimismo.

Ao sahir d'ahi, logo mais encontrava meu camarada.

— Qual tua impressão? perguntou-me. Aposto que estás loucamente apaixonado pela loura Arabella? Tem cuidado, meu caro! E' uma pequena perigosa, independente, linda, orgulhosa, que promette muito e não dá nada!

— Sim... ella dá... nausea, faz nojo. Chamal-a "pequena e linda", é uma pilheria um tanto dura...

Elle olhou-me pasmo. Contei-lhe, então, como tudo, havia passado. Seus olhos começaram a piscar e depois o riso fêl-os encherem-se de lagrimas. Quando terminei, intrigado com a sua importuna hilaridade, disse-me:

— Imbecil! Idiota! Cretino! Não me ouviste direito! Recommendei-te: á direita, á direita, atelier de Miss Arabella. Um anjo, meu caro, um amor de mulher! Em todo Montparnasse a opinião é unanime: "vêl-a é adoral-a!" Mas, á esquerda, é o atelier de sua tia: Miss Mary, uma megéra insupportavel! Enganaste-te, meu pobre Jaques! E' lamentavel!...

Refiz-me, então, e, como a teimosia é um dos meus defeitos, resolvi logo tentar a sorte novamente. E, no dia seguinte, encorajado, disposto a me impor favoravelmente, com uma grande confiança em mim, fui bater á boa porta.

Que poderei dizer de Miss Arabella? Estes acontecimentos passaram-se já ha tempo, no emtanto posso garantir que nunca uma mulher me pareceu tão linda nem tão desejavel. Toda descripção seria mediocre, incolor. Era uma dessas mulheres por quem se perde a cabeça completamente e por quem a gente se sacrifica de toda maneira, sem recuar deante do abysmo.

O coração saltava-me no peito. Desejava loucamente que ella me olhasse com indulgencia. Emquanto eu mal balbuciava o que lhe dizia, ella sorria. Tomei esse bom humor como uma acquiescencia. Sentia-me triumphar e dei alguns passos pelo atelier.

Um adolescente, perfeitamente bonito. Tinha o dorso nu e divertia-se em fazer resaltar os musculos emquanto aguardava o momento da pose. Tinha a musculatura de um athleta. Final impressionado a meu respeito.

— *It's a mistake!* disse-me Arabella, com uma vóz encantadora. Não tenho necessidade de um modelo. Como vê, tenho o que precisava.

Com o dedo, displicentemente, ella apontava-me o ephebo. Este ficou exultante, a distender os musculos do peito.

Ella o admirava com uma certa complacencia. Depois, virando-se para mim, accrescentou:

— Mas poderei fazer alguma cousa em seu favor. Vou leval-o para o atelier de minha tia Mary!

Fui incapaz de lhe resistir. Deixei-me conduzir como uma besta. Mal a pequena fada loira eclipsou-se, surgiu-me o monstro da velha, a receber-me com uma censura:

— Está atrazado de mais de uma hora! Previno-o, *my dead fellow*, que não tolero essas faltas!

LEON DEUTSCH

NOTAS DE ARTE

BERTA SINGERMANN — Festas de arte, de arte excepcional e unica, os recitaes com que, no Theatro Lyrico, Berta Singermann vem brindando o grande publico e a elite social e intellectual do Rio de Janeiro. Alem da nocturna, de lunedia, 2ª f., 11 de janeiro, a qual repetiu o programma do 2º vesperal, ouviram-se tres novas audições, nas tardes de 12, 14 e 16, comprehendendo 45 composições de todos os generos, afóra os innumeros *extra*, que occupam todos intervallos e os finaes de cada espectaculo. O que quer dizer que, na ultima semana, Berta Singermann se fez ouvir em cerca de uma centena de poesias, em verso ou prosa, cada qual reveladora do genio polymorpho da incomparavel interprete.

Fica-se perplexo para distinguir o que mais agradou a todos e a cada um. Quanto a nós, applaudindo embora todas as perfeições patenteadas no interpretar de numeros mais ou menos burlescos como *Pinocono* e *Arrepentido*, o que mais nos emociona são as interpretações onde melhor se ostenta o genio lyrico-epico-dramatico da genial recitante, abrolhando sumptuosamente nos esplendores da symphonia verbal, na plastica musical dos gestos e attitudes, nos mil e um matizes de requintada sensibilidade; o que tudo nos alcandora a cimos inacessiveis de espiritual belleza. Eis porque nossas ovações redobram de enthusiasmo, ouvindo-a e reouvindo-a, vendo-a e revendo-a viver todo o lyrismo delicado, commovente de *El Capricho*, de Alfonsina Storni, *Hombres necios que acusais*, de Sor Inés de la Cruz, *Amor*, de Lopo de Vega, *Cobardia*, de Amado Nervo, *In extremis*, de Olavo Bilac, ou o drama pungente do amor materno a soluçar, como no empolgante soliloquio de Andreiff — *El Gigante*; ou ainda as estrophes epicas de rara exaltação poetica, de grande, de excepcional poder communicativo, como *Polirritmo de la mujer vegetal*, de Parra del Riego, *Las Campanas*, de Edgard Poe, *Una hora de alegria y de loucura*, de Walt Whitman, *Alegria del mar* e *Exaltacion de la luz*, de Carlos Sabat Ercasty, e *Canta corazon*, de Laura Margarida de Queirós... Mas a verdade é que a maravilhosa creadora da declamação nova — da melopéa symphonica, de uma arte original, que se poderia chamar de *synesthetica*, porque nas interpretações poeticas de Berta Singermann todas as artes convergem para o mesmo effeito de belleza — é sempre inegualavel em todos os generos, do burlesco ao sublime. Eis porque o enthusiasmo é commum a todos os que a ouvem e vêem. Não ha quem se não sinta impressionado pela magia das suas interpretações, que têm o condão de valorizar poesias que em si mesmo pouco valem, como *O soldadinho de chumbo*, de Klingson e tornar ainda mais valiosas as que só por si têem excepcional valor, como *O Corvo* e *Os Sinos*, de Edgard Poe. Berta Singermann faz grandes os pequenos, e maiores, os grandes poemas. E' assim coautora e não simplesmente interprete das poesias que recita. Por isso mesmo nunca são em demasia os applausos que recebe. Poder-se-ia applicar-lhes o conceito de Beaumarchais sobre o amor —... *trop n'est pas même assez...*

CARMEN GOMES E REIS E SILVA — Não deve passar sem especial registro o grande exito que acabam de obter em Buenos Aires dois dos nossos mais notaveis artistas da scena lyrica — Carmen Gomes e Reis e Silva. Foram as duas maiores figuras da Companhia Lyrica, dirigida pelo maestro Antonio Marranti, que funccionou na ultima temporada do Theatro Marconi. Os jornaes da metropole argentina são unanimes em elogial-os quasi sem restricções.

"Raras vezes, escreve *El Diario*", desde os tempos do afamado Novi, pisára o palco do Theatro Marconi um tenor das qualidades vocaes como as que reúne o cantor brasileiro Reis e Silva; e se bastasse a famosa *Pira* de "*Il Trovatore*", de Verdi para consagrar-lhe o triumpho, dever-se-ia dizer que incontestávelmente o obteve. Reis e Silva tem um registro agudo notavel; chega facilmente, sem esforço algum, até o ré, como o demonstrou no *duo* com Eleonora do 2º acto, e na *Pira* emitte um dó de peito de uma sonoridade singular detendo-se numa *formata* quasi até em excesso. Mas deve-se reconhecer que a garganta deste cantor é privilegiada, e de uma resistencia a toda a prova. Basta dizer que cantou a *Pira* tres vezes consecutivas, sem demonstrar o minimo cansaço. Ao contrario, a cada *bis* as suas notas altisonantes adquiriam maior brilho e clareza. No phrasear, o tenor Reis e Silva não é tão elogiavel como nas notas agudas. Comtudo canta bem e move-se com sufficiente desembaraço."

"A soprano Carmen Gomes, tambem brasileira, é uma bôa cantora que diz muito bem, que interpreta com talento, e sobresae no registro agudo. Vóz fresca e generosa. Trata-se de uma artista de muita musicalidade."

"Carmen Gomes (Eleonora) — diz *La Prensa* — é uma cantora de vóz agradavel e extensa que maneja com bôa escola, e uma actriz expressiva; nota-se que é uma artista de valor; o seu exito foi caloroso e justo. O tenor Reis e Silva (Manrico) impoz-se immediatamente pela belleza e pela potencia da sua vóz; é um cantor de grandes recursos, que domina a scena e sabe conquistar o publico com a sua arte. Foi expressiva a interpretação da personagem. Depois de *La pira* recebeu o artista uma grande ovação pelo desembaraço e a segurança com que cantou essa pagina."

Como essa são todas as criticas dos outros orgãos da imprensa argentina, que temos á vista, taes *La Razón*, *La Opinion*, *La Jornada*, *Noticias Graficas*, *El Diario Español*, *L'Italia del Popolo*, *La Patria degli Italiani*. Houve mesmo alguns, que chegaram a evocar, para gloria maior dos dous artistas brasileiros, os nomes de celebridades que têm cantado no Colon. Disse um (*L'Italia del Popolo*) que Reis e Silva cantara *La pira* — "con un bon gusto assai superiore a quello di Lauro Volpi o di altri tenori di cartello venuti al Colon"; e outro (*Noticias Graficas*) que a bôa escola da soprana Carmen Gomes é — "cualidade que por cierto no suele caracterizar a muchas eminencias..."

Os brasileiros devemos todos nos ufanar com esses triumphos dos dous raros artistas nacionaes, almejando sejam taes triumphos, precursores de outros ainda maiores e mais merecidos.

OSCAR D'ALVA

A UNS OLHOS

NA voluptuosidade dos teus olhos meigos, ha qualquer coisa que prende e atráe a alma da gente.

Emmoldurados pelo moreno assetinado de teu rosto de linhas harmoniósas, teus olhos, parece, sentem a nostalgia de um céo que ficou distante, onde tua alma brilhava ambientada da graça divina das entidades sagradas.

Elles são como um reflexo das ansias dos que se amaram sob a caricia macia das brisas de Veneza, nas noites enluaradas.

Têm, na ternura de seu todo, affagos maravilhosos que seduzem, subtilezas que encantam, arroubos de paixão que dominam.

Falam, cantam, sorriem...

Entretanto, negros que são, lembram os olhos langorósos das lindas filhas de Andaluzia.

Feitos para a caricia de outros olhos, vivem da ansia de uma promessa para o desassocêgo de uma esperança.

Por isso, vejo-os sempre como que em sonhos, perdidos, ás vezes, em profundas meditações, como si buscassem no desconhecido infinito a luz dos olhos que lhe faltam.

E' justamente nesses momentos que são mais lindos os teus olhos.

E quem me déra que fossem os meus que elles buscassem! Ter a graça suprema da preferencia de uns olhos assim, suavemente doces, profundamente negros, miraculósamente béllos, seria o céo na terra, a gloria maxima da vida...

E oxalá que eu pudésse adorál-os sempre, comprehendêl-os sempre, para que, no derradeiro instante de minha existencia, deixasse este mundo guiado pela sua luz tão terna, saudosamente embalado pela sua lembrança suave e acariciadora...

MARQUEZ DE F.

O VÉO DA RAINHA MAB

(Lenda bohemia)

A rainha Mab, em seu carro feito de uma só perola, puxado por quatro coleopteros de peitos dourados e azas de pedraria, caminhando sobre um raio de sol, entrou pela janella da habitação onde se achavam quatro homens fracos, barbudos e impertinentes, lamentando-se como uns desgraçados.

Naquelle tempo, as fadas haviam repartido seus dons com os mortaes. Deram a uns as varinhas mysteriosas que enchem de oiro as pesadas caixas do commercio. A outros, umas espigas maravilhosas, que traziam riquezas. A outros, uns crystaes que faziam ver ouro e pedras preciosas no seio da mãe terra. Ainda a outros, cabelleiras espessas e músculos de Goliat.

Os quatro homens se queixavam. A um delles tocára por sorte uma carteira, ao outro o iris, ao terceiro o rythmo e ao quarto o céo azul.

A rainha Mab ouviu suas palavras.

Dizia o primeiro:

— Muito bem! Eis-me aqui na grande luta de meus sonhos de marmore. Arranquei o bloco e tenho o cinzel. Todos os outros têm: alguns, o ouro, outros, a harmonia, outros a luz. Eu quero dar á massa a linha e formosura plástica. E que circulo pelas veias das estatuas um sangue incolor como o dos deuses. Tenho o espirito da Grecia no cerebro. Sinto o martyrio de minha pequenez. Por que passaram os tempos gloriosos? Por que tremo deante dos olhares de hoje? Por que contemplo o ideal immenso e suas forças exhaustas? Por que á medida que cinzelo o bloco me envolve o desalento?

E dizia o outro:

— O que sou, devo a meus pinceis. Para que quero o iris e esta grande paleta do campo florido, si depois meu quadro não será admittido no salão? Que farei? Percorri todas as escolas, todas as inspirações artisticas. Pintei o busto de Diana e o rosto da Madona. Pedi á campina suas côres, seus matizes. Adulei a luz. Ah, mas sempre o terrivel desencanto! O futuro! Vender uma Cleopatra por umas moedas, para poder almoçar! E eu, que poderia, no estremecimento de minha inspiração, traçar o grande quadro que tenho aqui dentro!...

E dizia o terceiro:

— Perdida minha alma na grande illusão de minhas symphonias, temo todas as decepções. Escuto todas as harmonias, desde a lyra de Terpandro até as fantasias orchestraes de Wagner. Meus ideaes brilham em meio das minhas audacias de inspirado. Tenho a percepção do philosopho que ouviu a musica dos astros. Todos os ruidos pódem ser aprisionados, todos os écos são susceptiveis de combinações. Tudo cabe na linha de minhas escalas chromáticas. A luz vibrante é hymno, e a melodia da selva encontra um éco em meu coração. Desde o ruido da tempestade até o canto do pássaro, tudo se confunde e enlaça na infinita cadencia. Entretanto, não diviso sinão a multidão que ruge e a cella do manicomio.

E o ultimo assim falava:

— Todos nós bebemos da agua clara da fonte de Jonia. Mas o ideal fluctúa no azul. E para que os espiritos gozem de sua luz suprema, é preciso que se elevem. Eu tenho o verso que é de mel, e o que é de oiro, e o que é de ferro candente. Sou a amphora do celeste perfume: tenho o amor. Pomba, estrella, ninho, lyrio, vós conheceis minha morada. Para os vôos incommensuraveis, tenho azas de aguia que partem a golpes magicos o furacão. Amo as epopeias, porque dellas brota o sopro heroico que agita as bandeiras ondeantes! Amo os cantos lyricos, porque falam das deusas e dos amores! Amo a églogas, porque têm um perfume celestial! Eu seria capaz de escrever alguma coisa immortal. Esmaga-me, porém, um futuro de miseria e de fome!

Então, a rainha Mab, do fundo de seu carro feito de uma só perola, tomou um véo azul, quasi imponderavel, como que formado de suspiros, ou de olhares de anjos loiros e pensativos. E esse véo era o véo dos sonhos, dos doces sonhos, que tornam a vida côr de rosa. E com elle envolveu os quatro homens fracos, barbudos e impertinentes.

E elles deixaram de ser tristes, porque lhes penetrou no peito a esperança e na cabeça o sol alegre, com o rastro da vaidade, que consola em suas profundas decepções os pobres artistas.

E desde então, na morada dos brilhantes infelizes, onde fluctúa o sonho azul, se pensa no futuro como na aurora, e se ouvem risos que matam a tristeza, e dançam estranhas farandulas em torno de um branco Appolo, de uma linda paizagem, de um velho violino, de um amarellento manuscripto...

(Traducção de Mauro de Alencar).

Dr. Antonio Austregesilo.

Dr. Miguel Couto.

Dr. Aloysio de Castro.

Dr. Fernando Terra.

Dr. Werneck Machado.

A affirmação valiosa de cinco eminentes professores da medicina brasileira basta para consagrar o triumpho de

MAGIC

o excellente preparado pharmaceutico que supprime a transpiração das axilas, evitando assim que se estraguem os vestidos e fazendo desapparecer como por encanto, o mau cheiro caracteristico do suor.

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, secca o suor das axillas, tira o seu natural máo cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguem mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 4

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 23 de Janeiro de 1932

Na encruzilhada dos Destinos...

MARTINS CAPISTRANO

A tarde morna, sob a caricia imponderavel da brisa de Copacabana, dois amorosos caminhavam pela grande avenida que o sol de novembro envolvia no seu deslumbramento crepuscular. O posto 4 era uma polychromia ondulante de silhuetas á Watteau. Toda aquella gente alegre e inquieta conversava sobre motivos futeis da vida.

* * *

— Já foste ver "Sevilha dos meus amores"? — perguntava uma linda morena de olhos voluptuosos a uma suave Norma Shearer tropical, que respondia negativamente com um movimento de cabeça.

— Pois deves ir ver — insistia, com gravidade, a morena. — Ramon Novarro está daqui...

E apertava, galantemente, a pontinha da orelha, arregaçando os labios num sorriso alvi-rubro como as côres do Tijuca...

O *almofadinha* que ia entre as duas manifestou-se, então, pedantemente, assim:

— Ramon Novarro só tem é fama... Eu não gosto desse typo! Para mim não ha artista igual a Buck Jones.

Estava definida a sua pobre mentalidade.

A morena ainda o contrariou, maliciosa e ironica, e elle apenas soube contestar, com um gesto de hombros:

— Anh!...

* * *

Passou um casal, discutindo as côres de um pyjama que tomára parte no recente concurso do Praia Club. Elle era baixo. Ella, alta. Ambos de branco, e sem chapéo.

— Você é teimoso! — dizia ella. — Si eu conheço a pequena e a vi de perto... As calças eram de fazenda estampada. A blusa tinha um enfeite azul marinho sobre radium branco.

— Não quero contrarial-a. Mas sou capaz de jurar como você está enganada.

A *cavalheira* deu um beliscão no braço do cavalheiro, e a discussão terminou victoriosa para ella...

* * *

E os dois amorosos iam, romanticamente, enlevadamente, atravessando aquelle tumulto de frivolidades, palestrando a seu modo e dizendo, naturalmente, outras frivolidades menos nocivas ao ouvido da gente.

— E' verdade: ha quasi sempre um abysmo entre dois desejos...

— Um abysmo de rosas?...

— Não. Um abysmo de inquietações, de suspiros, de angustias dolorosas e de amargos desalentos.

— Mas você está, hoje, muito desilludido! Quem lhe deu essa melancolia?

— Você mesma, com esse modo irritante de sorrir deante da dôr.

— Da dôr?!...

— Sim. Dessa que nos envolve o coração onde quer que estejamos. Até aqui, neste perfumado ambiente de elegancia e alegria! Até aqui, onde nós somos como dois beduinos do deserto do Amôr!

— Tenha confiança no destino, e seja menos pessimista.

— O destino não me merece confiança. Foi elle que dilacerou a minha vida e vae, lentamente, como um supplicio chinez, suffocando os nossos sonhos. Você ainda acha pouco o que esse carrasco nos fez? Separou-nos uma tarde assim, levando-nos para pontos diversos. Tirou-nos tudo o que nos fazia felizes: a liberdade, a esperança e o amôr...

— O amôr?...

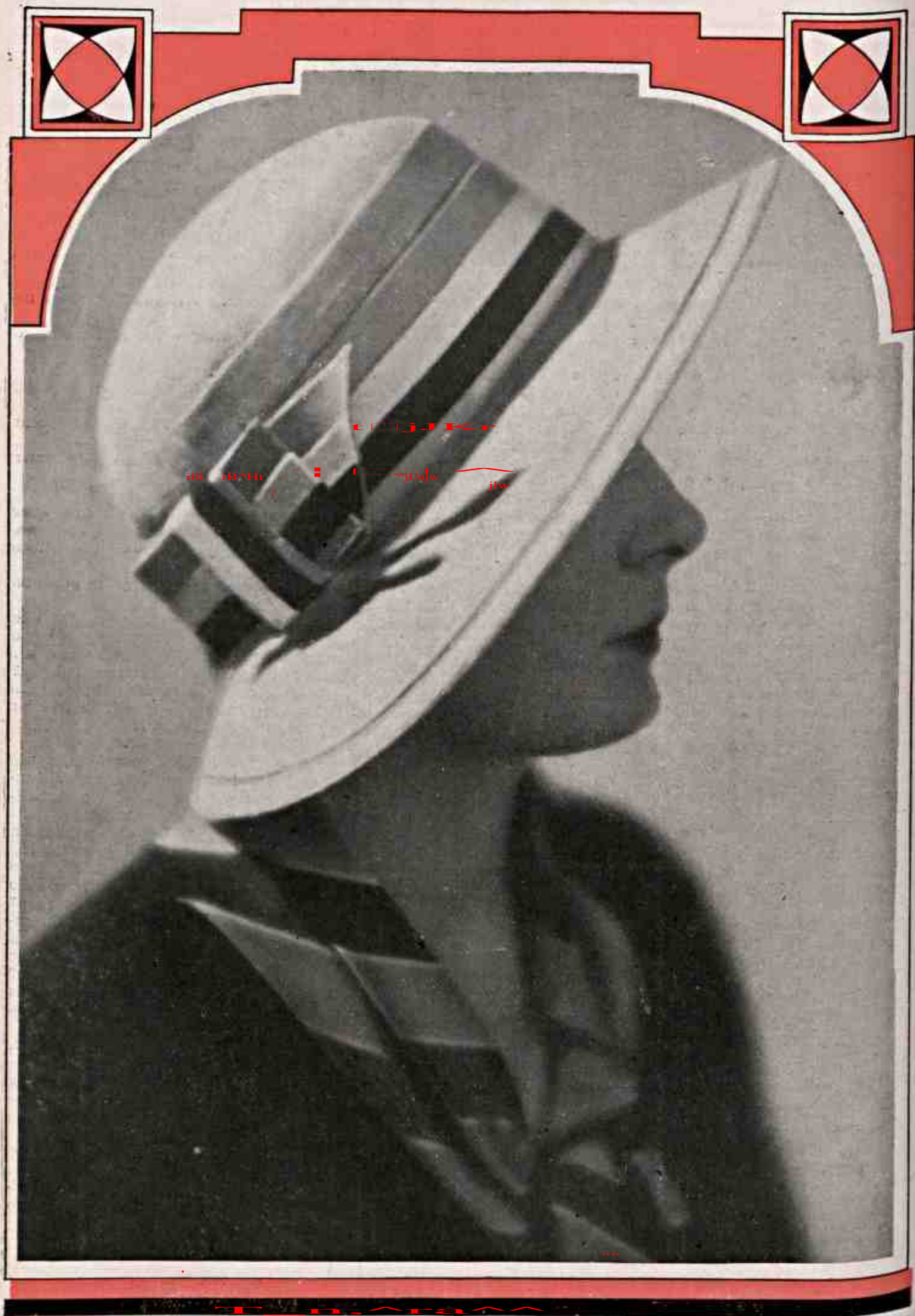
— Sim. Tambem o amôr. De que vale a gente gostar sem poder possuir? O amôr não é só a illusão, não é só a emoção espiritual. Tem personalidade physica. Precisa de alimento material. Não vive só da "poesia dos sentidos", porque morreria de tédio, mesmo que Balzac pensasse o contrario...

— Então você acha que fomos abandonados pelo amôr? E essa ventura de andarmos sozinhos no meio de tanta gente? E a sensação do peccado? O destino nos jogou para longe um do outro, mas o amôr nos juntou, mesmo contra a vontade dos preconceitos da vida. Por que, então, você está calumniando o amôr?

— Porque amar assim, assustado e ás pressas, não é sentir todo o delirio emocional do amôr.

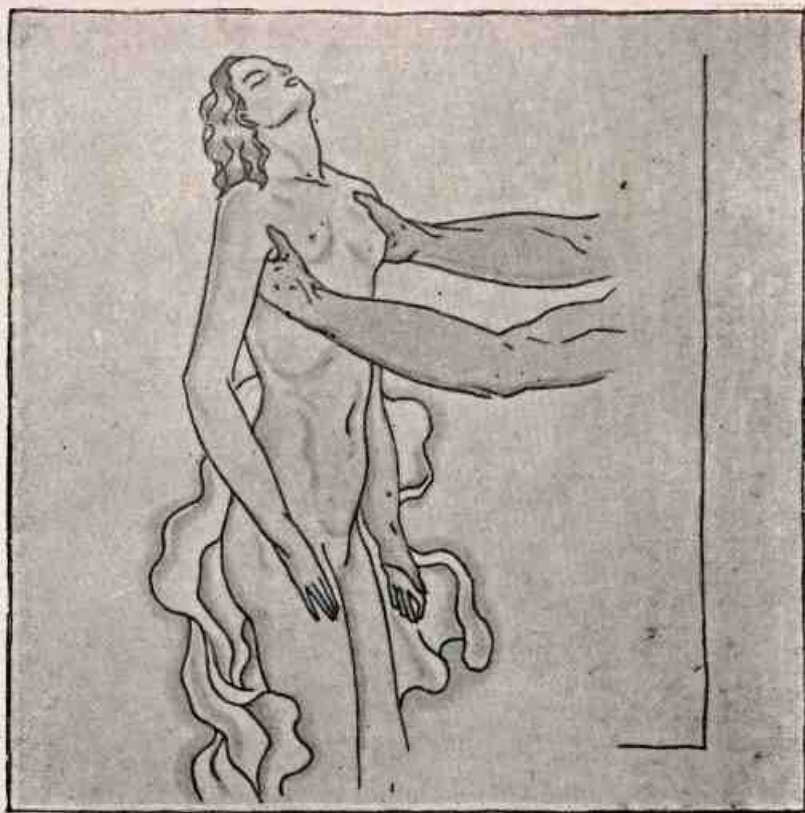
— Mas a nossa situação ha de mudar, um dia.

— Ha de mudar, um dia... Um dia que nunca chega... E assim nós vamos esperando, esperando indefinidamente... que se acabe a esperança, para vir o amôr...

E a praia toda, futilissima e rutilante, não ouviu essas duas vozes sentimentaes que derramavam, na tarde languida e vaidosa, um pouco do sentido da vida...

Chapeau de toile bise. Gros grain vert noir, et blanc.

CREAÇÕES JEAN PATOU

(Photos especiaes para FON-FON)

Paillasson blanc. Gros grain rouge vert et bleu.

ILLUSTRAÇÃO DE PAULO WERNECK

de RABINDRANATH TAGORE

(The Gardener, XLIX)

Tomo-lhe as mãos, e aperto-a contra o coração.
Busco estreitar sua belleza nos meus braços,
roubar-lhe, a beijos, a doçura do sorriso,
e com os olhos beber seus olhares escuros.

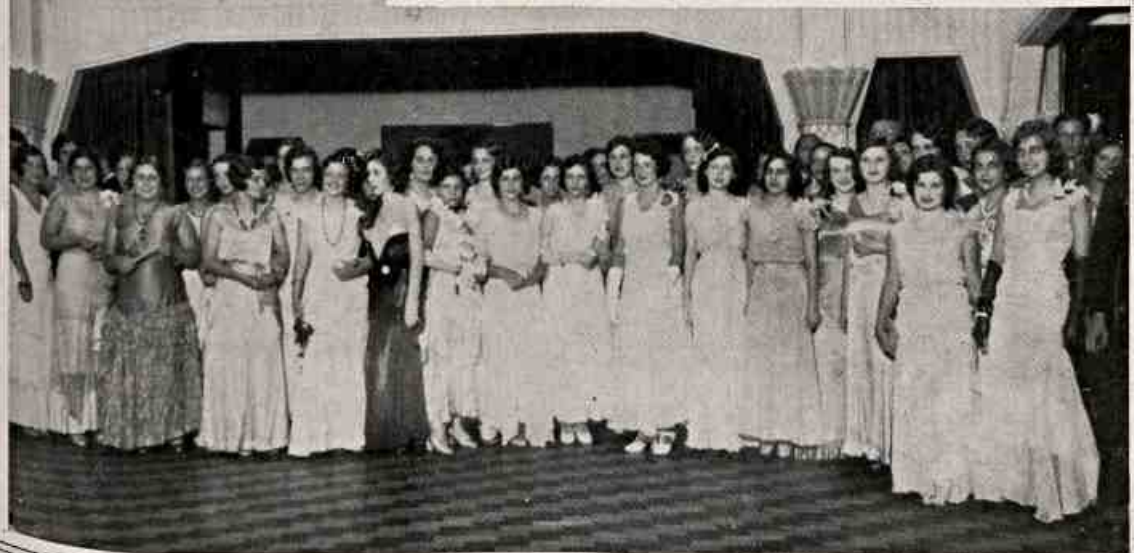
Mas, ah! pobre de mim!... onde estará tudo isso?
Quem pudéra arrancar ao céo o seu azul?...

Eu intento abraçar a belleza... Ella foge-me,
deixando unicamente um corpo em minhas mãos.

Renuncio, afinal, humilhado e vencido...

Como pudéra a carne attingir essa flôr,
que sómente ao espirito é dado tocar?...

A B G A R R E N A U L T

Com um baile verdadeiramente encantador, o America Football Club inaugurou o seu novo salão de festas, que passou por uma completa remodelação. Foi uma noite de grande animação e esplendor, transcorrendo as danças num ambiente de grande alegria. Esta pagina fixa varios aspectos desse magnifico festival do querido centro esportivo e mundano vendo-se a nova séde feericamente illuminada.

Para ser feliz no casamento

HA dias, fazia parte de uma roda, onde se achavam diversos cavalheiros, algumas senhoras e senhoritas. Havia tambem um noivo maltrapilho, — um pobre diabo desdentado, ridiculo, indigno de ser amado pela noiva, que era uma linda morena de olhos de sêda e sorriso de anjo.

Naturalmente, a palestra, depois de versar sobre generalidades, recaiu em um assumpto inevitavel: o amor.

Do amor passou-se ao matrimonio.

Foram diversas as opiniões expendidas. Houve até quem citasse Pascal: — o coração tem razões que a razão desconhece.

Quem citou o philosopho das *Provinciaes* foi um literato presente. Talvez por ironia. Talvez para justificar o absurdo daquella aberração amorosa — que era a morena linda apaixonada pelo noivo ridiculo.

Afinal, aventurei uma opinião.

— Casamento? — disse eu — Só ha um remedio para evitar a infelicidade, entre os conjuges.

Todos se interessaram pela minha idéa salvadora. Relanceei os olhos pela cara das matronas e das senhoritas; fitei os noivos e sorri para o literato, que esperava, certamente, uma *blague* qualquer. E falei:

— O matrimonio devia comprehender tres phases perfeitamente distinctas.

— Quaes? — perguntou o noivo calhambeque.

— As seguintes. A primeira: a do *flirt*, namoro ou entendimento. Durante um desses, devia ser feito um accordo, entre os interessados, para que um não enganasse o outro. Confiança — seria o lemma de ambos. Quando chegasse o noivado...

E parei. Os noivos se entreolharam. As matronas respiravam, oppressas.

A senhora Laís Lopes Wallace, alumna das mais distinctas da professora Nicia Silva, concluiu, com brilho, o curso de canto do Instituto Nacional de Musica. Por esse motivo a intelligente patricia, que é, realmente, uma fina organização artistica, foi muito cumprimentada pelas suas collegas e pessôas de seu largo circulo de relações nesta capital. A senhora Laís Lopes Wallace, digna esposa do sr. Charles Wallace, é filha do coronel João Baptista Lopes, figura de destaque do alto commercio cearense, e sobrinha do nosso prezado companheiro de trabalho, dr. Elcias Lopes.

— Quando chegasse o noivado, que é que haveria? — indagou uma senhora avançada no tempo e no amor, certamente.

— Os namorados já se conheciam um pouco. Mas, ahi, começaria nova phase experimental.

— Que quer dizer o sr.? — inquiriu a noiva, assustada.

— Quero dizer que os noivos se dariam plena, absoluta liberdade de pensamento e de acção. Por que tudo que os vinculasse, e representasse interesse entre ambos, seria em nome do amor, e não significaria esforço, nem coacção, nem calculo. Sim, porque uma noiva que deixa o ir a um baile, porque esse noivo lhe impoz o condição, prova que o não ama. E prova ainda que o detesta, ou que só o quer, para abandonal-o, depois de casada, si elle a prohibe de ir a uma festa, e ella vae a essa festa, ás occultas, e flirta com outro, á vontade...

— E quando, depois de solidificada a confiança, elles se casassem, qual seria a attitude de ambos?

— Elle diria: "Deixa-me em paz e faze o que quizeres. E's livre e senhora do teu nariz. Não tenho ciumes de ti."

E conclui:

— Juro que nunca haveria razão para divorcio, entre elles. Nem para ciumes. Nem para desconfianças. Mas subentende-se que o noivo não devia ser um calhambeque de homem...

Yves

NOIVAS

Mlle. Eglantina Corazza, que se casou em São Paulo com o sr. Ilio Santocchi.

Mlle. Isabel Monteiro Diniz.

(Photos Rossi—Cerri—S. Paulo)

O HOMEM QUE RI...

O dr. Xavier de Oliveira é um nome de projecção nos circulos scientificos e literarios do paiz. Medico e escriptor de merito, o illustre psychiatra patricio focalizou o seu nome, nesta capital, ao publicar «Beatos e Cangaceiros» — estudo interessantissimo, a que a critica, em geral, teceu as melhores referencias. Um novo livro do illustre escriptor — «Espiritismo e Loucura» — veiu, agora, mais firmar-lhe os meritos, mesmo por se tratar de uma obra do mais alto valor scientifico. Estudando e analyzando os inconvenientes do espiritismo, sob o ponto de vista psychopathologico, o dr. Xavier de Oliveira offerece-nos um trabalho não só interessante, como opportuno e util.

* * *

O homem que ri, o homem sempre alegre, estuante de vida, está condemnado a desapparecer da face da terra.

A luta material da vida, a conquista cada vez mais amarga e dolorosa do pão, absorve por tal maneira o homem seculo XX, que já lhe não deixa tempo para as expansões mais intimas e mais espontaneas de sua alma e de seu coração.

Au banquet de la vie, assim, na vida contemporanea, já não ha logar tambem para os que ainda trazem dentro de si a poesia e o encanto de uma alegria, sadia e fresca, espontanea, natural, que quer dizer, que quer cantar, descuidada e feliz, a canção de cigarra da vida contente de ser, a expandir a festa da agua corrente das suas fontes mais primitivas e mais profundas...

* * *

Um homem alegre? Uma physionomia sorridente? Um sorriso para a vida?...

Parece incrivel, mas, ainda ha pouco, um grande diario americano promoveu uma curiosa reportagem com o objectivo unico de se encontrar, nas ruas de Nova York, uma physionomia alegre, um rosto sorridente!

O photographo destacado para a missão de bater a chapa de uma creatura contente acabou estafado e desilludido.

Não encontrara em meio a molle humana que se movimentava, agitada, febricitante, suarenta pelas avenidas da metropole dos arranha-céos, uma physionomia sorridente, feliz!

* * *

Mas, ainda assim, apesar da sua decepção, teve coroada de exito a sua canseira em busca de um homem alegre, contente de si e da propria vida.

Porque elle mesmo, pasmo de não ter encontrado o que julgava tão facil, acabou confessando ao director do jornal que se considerava um homem... feliz, pois não tinha de que se queixar da vida.

Bateram, então, a chapa do unico homem feliz, contente de ser, encontrado em Nova York, no meio de milhões de creaturas, e depois de varios dias de vãs tentativas.

* * *

E isso porque o "homem alegre, feliz" se encontrara a si mesmo na pessoa de um modesto e despretencioso photographo...

MAX LINDER

«Folhas de acanto...» E' mais que um volume de poesias, como quer o seu autor, Olavo Dantas. E' um relicario de harmonias, que, ora cantam, docemente, como o vento nas folhas do acanto, ora soluçam como queixumes de aguas, no seio da floresta. E' um livro feito de alma, e cujos versos se plasmaram para ser ditos, em surdina, á hora do entardecer, quando a penumbra afoga as linhas, os contórnos, os detalhes das coisas, numa doçura de melancolia e de sonho. Que dizer mais do poema de Olavo Dantas? Accrescentemos que o poeta faz a sua estréa. Mas isso só tem grande importancia, porque elle apparece feito, e prompto para os nossos applausos.

NOVA GUERRA MUNDIAL?

O Japão foi dia a dia se apoderando da Mandchu-ria, que acabou por ficar totalmente nas suas mãos. Agora, os Estados Unidos intervêm diplomaticamente, affirmando o seu proposito de não consentir em qualquer ataque á integridade territorial da China. Que dirá o Japão? Que sahirá de tudo isso? Elle não pode renunciar a expandir-se e os Estados Unidos não podem deixar que elle cresça ainda mais. Como se processará esse periodo da historia? Será o mundo levado a nova conflagração pelo choque dos dois imperialismos — o nipponico e o Yankee — na Asia?

A professora Marieta Campello Barroso realizou, no dia 12 do corrente, no salão do Instituto Nacional de Musica, uma audição de canto, na qual tomaram parte todas as suas alumnas, que apparecem no grupo ao lado.

No Salão de Concertos do Lyceu de Artes e Officios, as distinctas professoras d. d. Carolina Engracia e Engracia Carolina de Azevedo realizaram, com exito, na penultima terça-feira, interessante audição de seus alumnos. Nesse concerto, que foi uma verdadeira demonstração da efficiencia do ensino da musica e do piano ministrado pelas distinctas professoras, ambas diplomadas e laureadas com o primeiro premio do Instituto Nacional de Musica, o excellente programma organizado foi caprichosamente executado, tendo tomado parte nessa exhibição publica 62 estudantes, entre os quaes 6 rapazes e 56 moças. A nossa gravura representa um aspecto da audição dos alumnos das distinctas professoras patricias no Lyceu de Artes e Officios.

Commemorando a passagem do 3.º anniversario da sua fundação, a União Universitaria Feminina offereceu um chá ás suas dignas associadas, nos salões do Automovel Club. Essa linda festa intima decorreu num ambiente de larga e communicativa alegria. A photographia acima focaliza um flagrante do chá realizado no Automovel Club, vendo-se, além de alguns membros da actual directoria da União, varias sócias dessa victoriosa instituição feminina.

O conhecido contador, sr. Edgard Mendes de Freitas inaugurou, no ultimo sabbado, á tarde, um completo escriptorio de contabilidade, que se acha magnificamente installado á rua da Carioca, n.º 10, 1.º andar. Ao acto inaugural desse novo departamento de contabilidade estiveram presentes representantes da imprensa e numerosos convidados, aos quaes o sr. Edgard Mendes de Freitas offereceu uma taça de champagne, além de um lauto serviço de chopps e doces.

ATROPELO DE IDÉAS

A's vezes, nem eu mesmo comprehendo o meu espirito. Porque é uma Babel. Babel de sonhos, de illusões desfeitas, de esperanças que teimam em renascer e de dôres e de alegrias, e de triumphos e de victorias.

Vivo nessa barafunda mental, nessa intrincada selva de pensamentos, nessa confusão de emoções as mais diversas. E a minha serenidade apparente não é mais do que a impossibilidade intima de organizar o cafarnaüm da minha alma.

Assim, vai por dentro de mim, como pelo mundo inteiro que no meu interior se espelha, em atropelo terrivel de formas, de imagens, de visões e, sobretudo, de idéas...

A gurysada, que nasce, neste Rio, carnavalesca, e sabe cantar e dançar, como gente grande, — mal se annuncia a chegada de Momo — a gurysada, diziamos, tambem encontrara, nesta pagina, lindas e graciosas «fantasias», que lhe darão, certamente, muita graça e um tom de jocosidade infantil.

A cidade se agita e se apresta para os festejos de Momo. «Le mot d'ordre» é — carnaval. Ahi estão as classicas «batalhas» de confetti, como indice do enthusiasmo com que será recebido o deus da Folia. E' claro que os carnavalescos já estão escolhendo a sua «fantasia». Pois bem, esta pagina irá auxilial-os nessa escolha... Qual será o «travesti» preferido? O «Pierrot», que toma a sua Colombina pelo braço? Aquelle de «shimmy»? Aquella de bailarina? Ou a que representa a Noite — com a lua e o seu cortejo de estrellas? Todas são tentadoras, não?

As senhoritas, as «Jeunes filles», em summa, essas creaturinhas gentis e graciosas que amam os bailes e os corsos, por excellencia, têm nas silhuetas que ahi apparecem os mais lindos modelos para as suas «fantasias». Originaes, interessantes, ricas e fáceis de trazer, todas ellas merecem a preferencia da carioca folia. A de «Miss Universe» é encantadora. A de escossez é outra que se impõe. Tem a sua linha de elegancia masculina, dentro de um todo feminino. A de rajah é mais commum. Mas na gravura ella apparece prestigiada com uma «souplesse» digna de nota.

Os amigos e admiradores do grande e saudoso jornalista patricio, dr. Antonio Felicio dos Santos, prestaram á sua memoria, no dia oito do mez corrente, expressivas homenagens. Ás 9 horas daquelle dia celebrou-se missa na Matriz de Santa Thereza, de que foi officiante d. Pedro Massa, Prelado do Alto Rio Negro, tendo assistido a essa cerimonia religiosa numerosas figuras dos nossos centros de cultura e da sociedade carioca. Ás dez horas procedeu-se á inauguração da placa de bronze da rua Felicio dos Santos, sendo o acto presidido pelo dr. Amaral Peixoto, representante do interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto. Ás vinte e meia horas, sob a presidencia de honra do Nuncio Apostolico, dom Aloisi Masella, realizou-se imponente sessão solemne no Circulo Catholico, falando varios oradores. Nesta pagina fixamos, ao alto, um aspecto da missa na Matriz de Santa Thereza; no medalhão, uma das ultimas photographias do illustre brasileiro, e, embaixo, um flagrante da cerimonia da inauguração da placa da nova rua Felicio dos Santos, em Santa Thereza.

O dr. Jones Rocha, secretario particular do interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, foi alvo, ha poucos dias, de significativa homenagem de apreço por parte de seus amigos e admiradores, que festejaram o transcurso de sua data natalicia.

Enlace Yvette Esberard - Fausto Capanema.

Raul de Azevedo, nosso illustre collaborador, cujo romance «Roseiral», ultimamente apparecido, obteve grande exito.

DA GLORIA

Gloria, sonho de muita gente; ambição dos que, só na apparencia, têm as vistas voltadas para o sublime.

Os grandes inventores, os altos poetas e pensadores; emfim, todos quantos trabalham para produzir um pouco acima do commum dos homens, pensam na gloria e são eleitos della.

Mas, nem sempre os intellectuaes reflectem desse modo. Os que produzem, tendo como alvo principal beneficiar a humanidade, engrandecendo a patria, não procuram a gloria, porque ella costuma fugir de todos os que a seguem pelo simples interesse das suas graças.

A gloria é como as mulheres superiores, que não gostam de galanteios frivolos, e vão, ás vezes, sorrir e amar a um homem retrahido, porém viril no seu aspecto...

Quem conseguiu galgar uma posição de relevo, sem o exigido merito, suppõe estar nos braços da gloria... Insensato! A' gloria não se engana.

Todo aquelle que, com as proprias forças intellectuaes e physicas, construiu, é um glorioso. A mulher possue a gloria de ser mãe, gloria que não cabe a todas comprehender.

Feliz de quem estiver nos pincaros da gloria e não o reconhecer.

ALEXANDRE PASSOS

Enlace Durvalina Philigret da Cunha - Nello Borsaro.

Com a abertura da exposição de «Arte Européa na Edade Media», foi inaugurado, sabbado passado, ás 17 horas, no edificio da Associação dos Empregados no Commercio, á Avenida Rio Branco, um novo centro de cultura artistica, denominado «Pró-Arte». Ao acto inaugural da novel sociedade, que se acha magnificamente installada, compareceram numerosos representantes dos nossos circulos artisticos, e literarios, e figuras da sociedade carioca, sendo muito visitada a interessante e linda exposição de arte européa medieval.

Promovidas pela Missão Libaneza e pela Collectividade Maronita do Rio de Janeiro celebraram-se, na ultima quinta-feira, solennes exequias por alma de Sua Beatitude, Elias Pedro Hoayeh, Patriarcha Maronita de Antiochia e de todo o Oriente. O solenne acto religioso foi rezado na Cathedral Metropolitana, sendo a missa officiada por s. ex. revma. d. monsenhor Aloisi Masella, nuncio apostolico. Pronunciou a oração funebre o conhecido orador sacro, conego dr. Benedicto Marinho. A gravura acima focaliza um aspecto da tocante cerimonia, que attrahiu enorme assistencia de fieis á Cathedral Metropolitana.

Nos meios artisticos desta capital despertou o mais expressivo interesse o concurso de cartazes de propaganda para o grande e sumptuoso «bal masqué» do Municipal. Essa nota original do carnaval de 1932 deve-se á iniciativa do Touring Club, cuja illustre directoria tanto se vem esforçando no sentido de emprestar a maior animação aos festejos de Momo nesta capital. Ao interessante certamen, cuja organização foi confiada á Associação dos Artistas Brasileiros, concorreram varios candidatos, cujos trabalhos, julgados sabbado ultimo, se acham expostos no Palace Hotel. Estampamos acima um aspecto desse original «salon», vendo-se, de pé, os membros da commissão julgadora, que conferiu os diversos premios instituidos pelo Touring Club.

Domingo ultimo, na igreja de S. Francisco de Paula, foi celebrada missa em acção de graças por motivo da formatura do dr. Orlando Pires, e mandada rezar pelos seus amigos e admiradores. Na gravura acima vê-se o digno homenageado cercado de pessôas de seu vasto circulo de relações, notando-se entre as mesmas o illustre cirurgião, dr. Frederico Eyer e sua distincta familia.

O capitão Rubens de Azevedo Guimarães, distincto official do nosso Exercito, e que, por occasião do movimento revolucionario, serviu no gabinete do então chefe de policia, general Bertholdo Klinger, recebeu, ha dias, significativa e tocante homenagem dos inferiores e praças do 10.º Regimento de Infantaria, onde serve, actualmente, aquelle brioso militar, os quaes lhe offereceram uma linda espada. Na photographia acima, vê-se o capitão Rubens de Azevedo no momento em que recebia a grata prova de apreço e consideração dos seus camaradas de farda.

O Commercial Club, de Poços de Caldas, realizou no dia 5 do corrente, naquella cidade mineira tão procurada pelas suas aguas thermaes, um grande baile á fantasia, que foi um brilhante successo carnavalesco e mundano.

PARA O MEU AMOR

Si eu fosse uma roseira, meu amor, subiria por sua janella emmoldurando-a. E todos os dias, quando você viesse colher a mais bella das minhas rosas, eu lhe tocaria a fronte, amorosamente, devagarinho...

E você julgaria que era a brisa da manhã e não saberia que era o meu carinho.

Quando aspirasse o perfume da mais perfumada e linda das minhas rosas, ella tocaria seus lábios levemente, cariciosamente, deixando nelles um gosto de primavera...

E você julgaria que era a frescura do orvalho, e não saberia que era o meu beijo.

Depois, meu amor, você a poria na jarra de sua mesa e sahiria. E á noite, quando voltasse, havia de encontrar a pobre rosa desfolhada sobre a mesa, e julgaria que era o vento, e não saberia que era a minha saudade...

Si eu fosse uma andorinha, meu amor, iria fazer meu ninho no beiral do seu telhado, bem sobre a sua janella.

Ah, si eu fosse uma andorinha, meu amor, todas as manhãs, entrando em seu quarto, levar-lhe-ia no bico um perfume de flores e nas azas um raio de sol.

E voaria sobre o seu leito, e aninhar-me-ia entre os seus cabellos...

E você, quando acordasse, julgaria que era a primavera.

Depois, sentindo a caricia das minhas azas e sentindo a caricia do meu bico, você me tomaria nas mãos e falaria assim:

"Pois não é, andorinha, que confundes meu cabello com teu ninho?" E soltando-me, você me deixaria fugir pela janella... e não saberia que era eu.

Ah, meu amor, si eu fosse andorinha!

Ah, meu amor, si eu fosse uma sombra, si eu fosse a sua sombra!...

Viveria a seus pés, seguir-lhe-ia aonde você fosse... e você nem me notaria!

Si eu fosse a sua sombra, quando você me pisasse — e me haveria de pisar! — eu lhe bemdiria, desfazendo-me em perfumes, como a flor que quanto mais esmagam mais perfuma...

Si eu fosse a sua sombra, todas as noites, quando você estivesse dormindo, iria deitar-me a seu lado, no seu leito. E sentindo a caricia de minhas mãos no seu cabello, sentindo a caricia de meu beijo no seu lábio, você, quando acordasse, julgaria haver sonhado... e não saberia que era eu.

Ah, meu amor, si eu fosse a sua sombra!...

REGINA RIZIERE

EM THEREZOPOLIS

No alto do Soberbo, em Therezopolis, foi implantada a estaca inicial do plano geral de remodelação, embellezamento e extensão de Therezopolis — iniciativa essa do respectivo prefeito municipal, dr. Rubem Moitinho, que apparece na photographia acompanhado dos drs. Carlos Guinle, Allyrio de Mattos, Angelo Bruhns, Flavio Torres Ribeiro de Castro e Armando de Oliveira, por occasião do acto de tanta significação para aquella linda cidade serrana.

A R. C. A. Victor, por intermedio de seus representantes nesta capital, srs. Paul J. Christoph & Cia., offereceu aos socios do Fluminense F. C. uma linda e encantadora festa, durante a qual foi feita uma interessante audição de discos Victor modernos e caprichosamente seleccionados. Desse festival, que decorreu num ambiente de fina distincção, offerece um expressivo flagrante a photographia acima.

A MULHER CHIC, EM PARIS, USA...

— tres flores artificiaes brancas, uma na gola do casaco ou do vestido e as duas outras no encantador chapéusinho de *cellophane* inclinado sobre o olho direito.

— não mais um unico alfinete de diamantes, porem dois ou tres agrupados para formar uma *barrette* ou collocados simetricamente nas dobras da gola do vestido.

— sempre uma nota de côr sobre os vestidos brancos de verão: largo cinto de trança tricolor, fichú ou bolero de tonalidade viva, enrolado de crêpe da China de pintas em volta da cintura.

— ao sol, grande chapéu transparente branco, guarnecido com uma faixa de organdi escossez e largo cinto em laço do mesmo tom.

— vestidos cuja cinta é uma faixa de fazenda forrada em contraste de côres e que se enrola duas vezes em torno da cintura.

ESTATUA DE GELO

Quando Ella, desdenhosa e indif-
[ferente,
Minhas amargas supplicas ouvia,
A Lua divagava mansamente
Entre a ronda dos astros que a
[seguia...

Sentindo muda essa paixão fremente,
Que outr'ora para mim tudo exprimia,
Soffri, chorei, silenciosamente,
A mais dura e cruel magoa sombria...

Hoje, como que n'Alma vacillando,
Ouço vibrar o pendulo da Morte
A' balladа da Dôr horas marcando.

Horas cheias de tetricos horrores,
Horas sem luz, horas que não têm
[norte
Horas sem Sol, soturnas, sem
[amores...

SOLFIERI DE ALBUQUERQUE

Photographia tomada na secção de hygiene do Centro de Saúde de Jacarépaguá, durante a cerimonia da distribuição de brinquedos, roupas e alimentos a cerca de 1.200 crianças que ali se reuniram no dia de Natal por iniciativa das enfermeiras daquelle Centro e com o concurso da Associação de Damas Protectoras da Infancia.

— á noite, conjuncto inteiramente de setim branco, cujo mantelete curto, de gola batida e guarnecido de *vison* nas mangas, parece mais ser uma blusa-collete do que uma peça diversa.

— nos bellos dias, sapatos abertos como os de *soirée*, de couro de gamo claro.

Eis o que se chama elegancia.

L. DESMURS

Enfermeiras especializadas que concluiram o curso de obstetricia e gynecologia na Pró-Matre, vendo-se ao centro o seu professor dr. F. de Carvalho Azevedo. As enfermeiras são as seguintes: Maria Peixoto, Carmela Stomziola, Izabel Chrismann, Esmeralda Vieira Fontes e Clotilde Lopes Martins.

FON-FON NO CINEMA

O jogo era a sua paixão.

MERCEDES era uma creatura formosa, apesar de não estar na primeira, nem mesmo na segunda mocidade. Vivendo em meios sociaes de alta distincção, a sua elegancia

MAMA' FILM DA FOX

Com

CATALINA BARCENA, Andre de Segurola e Julio Pena

e o luxo em que se estadiava a sua existencia, tornaram-no um idolo dos salões. Formosa, distincta, compartilhava de todos os defeitos da sociedade a que pertencia, deixando-se empolgar pelas paixões do mundo que se diverte.

Assim, uma das distracções que mais a empol-

Santiago procurava prendel-a ao seu dominio.

gavam era o jogo, por que tinha uma verdadeira loucura. O nervosismo das situações difficeis, a angustia de reconquistar o dinheiro perdido, aquella agitação de almas em constante febre de dinheiro, tudo nella era de molde a arrastal-a nesse campo a todas as loucuras. Uma noite, em tôrno da mesa onde o mundo elegante se apertava na ansia de agarrar a fortuna pelos cabelos, Mercedes entregou-se descuidadamente á sua paixão. A sorte, naquella noite, como tantas vezes acontecera já, foi-lhe madastra. Perdeu, e perdeu tanto que chegou a perder o que não tinha, nem o que os seus recursos lhe podiam dar.

Em torno della, gravitando como um astro em torno do sol, andava Santiago, um desses caracteres perversos, tão vulgares na sociedade moderna. Era um homem cujos fins justificavam os meios, não titubeando deante de qualquer obstaculo para conseguir as coisas que o seu espirito doentio imaginava. Entendeu de conquistar Mercedes, apesar de ser o marido um dos seus melhores amigos. Espreitava o terrivel D. Juan o momento propicio para dominar a sua victima. Esse momento, proporcionou-lh'o Mercedes. Levada pela sua invencivel paixão, acceitou de Santiago uma importancia de vulto, sem pensar nas consequencias desse gesto lamentavel. A infeliz estava-lhe nas unhas. Perdera ao jogo tudo quanto obtivera.

Figuras do grande mundo que se diverte.

Seducção.

Mercedes tinha dois filhos a quem adorava: José Maria e Cecilia. Por sua vez os dois queriam loucamente áquella mãe, que era o seu orgulho. José Maria e Cecilia iam chegar dos collegios onde tinham concluido a sua educação. No palacete de Mercedes vivia-se uma grande alegria, de que partilhava o marido, não obstante o feitio bisonho que o caracterizava.

(Conclue na pag. 54)

Os perigos da sociedade moderna.

Elles e as suas mamãs esperam com ansiedade.

«VAMOS BRINCAR DE REI?»

DA PARAMOUNT

Com Mitzi Green, Jackie Searl, Louise Fazenda

A economia é a base da riqueza, e a senhora Maggie Tiffani, cuja bonhomia era communicativa, acreditava nessa base. Assim que seu filho Tim attingiu a idade de dez annos, ella tinha no mialheiro alguns mil dollars, que dizia ser uma pequena base de riqueza. Dessa base, a risonha Maggie fez um sustentaculo, que lhe metteu no mialheiro uma fortuna: Foi para Hollywood e fez do filho um astro de cinema.

Essa gloria, porém, transformou sua bonhomia em orgulho e quando ella se decidiu a ir visitar a sua amiga e ex-vizinha Bessie Tait, vestiu o seu mais rico vestido, e levou seu filho Tim vestido de lord Fauntleroy.

— Eu não me chamo mais Mickey, disse Tim ao ver Daisy, a filhinha de Bessie Tait. Chamo-me Tim Tim Tiffany e sou actor de cinema. Já viste meu ultimo fonofilm?

— Sim, e gostei muito, respondeu Daisy. Eu tambem sei representar. Queres ver?

— Não quero ver nada. Tu nunca has de ser actriz de cinema. Tua mãe é pobre.

— Tim, quanto custou a tua cabelleira postiça?

— Custou cento e vinte cinco dollars! Mas cae da minha cabeça quando me abaixo.

— Isso é facil de remediar!

E ao dizer estas palavras, Daisy tirou-lhe a cabelleira e untou-a com

Olha a «presa» delle!

Conselhos maternos, que elle ouvia desconfiado.

cola pelo lado interno. Quando Tim deu pela *brincadeira*, já não a poude tirar da cabeça. Estava grudada aos cabellos do pequenino actor de cinema.

Dentro de casa, Maggie e Bessie lembravam-se dos tempos em que eram vizinhas, emquanto as duas crianças brincavam.

— Bessie, quando penso que vivi numa casa como esta quando nossos maridos viviam, chego a estremecer.

— Maggie, é certo que em Hollywood você vive num palacete?

— E' mais do que um palacete! Tem doze alcovas e treze banheiros!

— Oh, Maggie, é palacete ou *casa de banhos?* Melhor seria fazer uma hospedaria desse tal palacete!

— E para o anno, minha cara Bessie, quando augmentarem o ordenado de Tim, vou comprar um palacio! Elle agora só ganha quatro mil dollars por semana, mas com a popularidade que tem, deveria ganhar o dobro. Mas... Bessie... aqui cheira a gaz!

— Não é gaz! Eu tenho na panella salchichas com choucroute.

— Ah, Bessie, meu estomago delicado não supporta mais esse petisco!

— Mas antigamente era o seu prato favorito...

— Como é bom lembrar-nos dos tempos antigos, interrompeu Maggie, apesar dos dias de pobreza que passamos... mas Bessie, já é tarde e eu tenho que voltar para casa. Adeus!

Maggie e Tim despediram-se e assim que Bessie se viu só, chamou a filha e disse-lhe:

— Daisy, tu vaes ser actriz de cinema! Se o filho de Maggie ganha quatro mil dollars por semana, tu deves poder ganhar o dobro. E's mais esperta do que elle!

* * *

Na semana seguinte, depois de muita persistencia, Bessie conseguiu empregar Daisy no Studio Hi-Art.

— Você, Daisy, disse-lhe o director, vae servir para dar mais ambiente ao fonofilm que estou produzindo.

— Ambiente!... exclamou Bessie. Minha filha nunca servirá de ambiente para o filho da Maggie. Daisy tem dez vezes mais talento do que Tim.

— Não interrompa!... bradou o director. As mães dos artistas têm agora que retirar-se para a outra sala.

— Bem se vê que você nunca *foi* mãe, disse Bessie meia zangada.

— O ensaio vae principiar!... gritou o director. Attenção! Silencio!

Mas ao dizer a palavra *silencio*, Daisy, sem querer, fez uma barulhada infernal. Pisou no contáto de um carro electrico, que, numa desenfreada carreira percorreu o Studio até abalroar com uma grande montagem. Daisy, assustada, tornou-se mais livida do que um cadaver. O director do Studio foi tranquillizál-a e ao interrogál-a descobriu que ella tinha talento sufficiente para vir a ser uma actriz celebre.

— Como se chama?... perguntou-lhe o director.

— Daisy Tait, respondeu com vóz tremula a assustada comparsa.

— Minha filha!... exclamou Bessie ao entrar no salão. Disseram-me que tua vida estava em perigo.

— Você tem um genio na familia, affirmou o director.

— E' mais do que um genio! E' um super-genio!... garantiu o ajudante do director.

— Ella sahiu a mim!... exclamou Bessie.

— Fui eu o primeiro a reconhecer o talento de sua filha, declarou o director.

— Foi uma boa descoberta, redarguiu Bessie sorrindo.

— Bem, disse o director, vamos continuar o ensaio. Daisy vae representar o papel de Esmeralda, filha do commandante da embarcação que naufragou no Oceano Pacifico... mas que vejo eu... já é uma hora da tarde! Vamos almoçar! O ensaio recomeçará ás duas horas.

Entretanto, Tim Tiffany soube que Daisy conseguira empregar-se no Studio e tratou logo de lhe fazer guerra. Entrou no seu camarim e disse á sua mãe:

— Se Daisy tivér tosse convulsa será despedida?

— Não comprehendo! Explica-te, meu filho.

— A actrizinha Nelly está no camarim com um ataque de tosse convulsa...

— Então, Tim, interrompeu Maggie, não te aproximes della. Essa tosse é contagiosa.

— Comprehende agora? Se eu levar Daisy para o camarim de Nelly... comprehendeu?

— Muito bem, meu filho, faze isso immediatamente.

Tim Tiffany sahiu do camarim gritando Daisy... Daisy!... e ao encontrar-se com ella, disse-lhe:

— A actrizinha Nelly quer mostrar-te o seu guarda-roupa. Ella tem vestidos lindos.

— Tim, tu tambem vens commigo?... interrogou Daisy.

— Não, eu só te indico a porta da entrada. Olha, é esta. Entra.

Daisy entrou, e Tim Tiffany foi correndo dizer ao director que Daisy estava no camarim da actriz que tinha tosse convulsa.

— Sua filha não póde mais trabalhar aqui, disse o director dirigindo-se a Bessie.

— Que grande contrariedade!... exclamou Bessie.

— Mas quando a tosse convulsa passar, Daisy poderá voltar...

— Ella está immune, garantiu Bessie, com vóz firme.

— Immune?.. inqueriu o director. Que quer você dizer com isso?

(*Conclue na pag. 54*)

Cada uma julga o seu um assombro.

NA PRAIA DA MINHA TERRA

Agrippino Ether

Ainda os vejo lá:
os capacêtes verdes agitando,
coqueiros do Sobral,
soldados,
de atalaia,
guardando
enfileirados
a enorme vastidão d'aquella praia.
O coqueiral!...
De um lado — Jaraguá;
do outro lado, tão bonita!
a scismar,
de verde toda enfeitada,
naquella curva infinita,
— a Pajussára, sentada
na órla branca do mar.
No meio dessa esplendida paisagem,
miragem
onde cantaram sereias,
onde rolaram fetiches,
sobre o lençól tão branco das areias,
a reticencia negra dos trapiches...

Jean Fayard, que o premio Goncourt do anno passado collocou em notoriedade, é um joven de 30 annos, nascido em Paris, e filho do celebre editor Arthème Fayard. Seu primeiro livro foi publicado aos 18 annos, "Oxford et Margaret", romance, apparecendo depois "Trois quarts du monde", "Madeleine" et Madeleine" e, por fim, "Mal d'Amour", um romance cheio de candura e ironia, que lhe valeu o premio Goncourt de 1931.

Robert Burns, o celebre poeta inglez, algumas semanas antes de morrer, escrevia a um amigo: "A doença deprimente, lenta e consumidora, que pesa sobre mim, em breve será vencida pela morte". Essa carta, vendida recentemente em leilão, em Londres, deu 360 libras.

Os jornaes inglezes fazem grande alarde pela descoberta de poemas ineditos de Tennyson, assim como de um retrato do celebre poeta pelo pintor Cameron, famoso tambem como retratista no seu tempo.

Francis Vielé Griffin, considerado o maior poeta da Belgica, pela enorme popularidade de seus versos, acaba de ser eleito membro da Academia Real de Lettras Belgas.

Alguns jornaes, em França, combatem o premio obtido por Jean Fayard, allegando que esse escriptor não está nas condições estabelecidas pelo testamento dos Goncourt. Enorme polemica se trava, a esse respeito, actualmente. A titulo de curiosidade transcrevemos aqui a parte referente ao assumpto do testamento Goncourt: "Mon voeu suprême, voeu que je prie les jeunes Academiciens futurs d'avoir présent a la memoire, c'est que ce prix soit décerné, soit donné *a la jeunesse*, a l'originalité du talent, aux tentatives nouvelles et hardies de la pensée et de la forme. Le roman, dans des conditions d'égalité, aura toujours la préférence sur les autres genres."

O principe Charles, irmão do rei da Suecia, acaba de publicar um livro de *Memorias*, que alcança, no momento, grande exito em todos os paizes escandinavos.

Morreu em novembro, em Bale, a grande poetisa suissa, Franziska Stoecklin, autora de mais de 15 livros de versos, que são obrigatorios em todas as escolas suissas.

No dia 2 de novembro a policia de Marselha encontrou morto em um hotel, mysteriosamente, o poeta Noel Garnier, varias vezes laureado pela Academia Franceza e autor de "La Mort misse en croix" e "Le Don de ma mére", 2 livros de poesias que ainda hoje têm successo.

A viuva de Arnold Bennett, o celebre escriptor inglez, morto ha não muito havia deixado um livro no prelo, sobre seu marido, que acaba de sahir em Londres. Intitula-se "*My Arnold Bennett*" e é asginado por "Marguerite, his wife". (Margarida, sua mulher).

Octave Uzanne, uma das maiores erudições da França, autor de varios livros notaveis, amigo inseparavel de Remy de Gourmont, acaba de morrer em Paris aos 79 annos.

Sabe-se que Lord Byron escreveu uma "Ode a Napoleão", a qual elle ajuntou, annos após 3 estrophes supplementarias. O manuscripto dessas estrophes serão vendidos brevemente em Londres. — O manuscripto da Ode foi vendido tambem em leilão em 1910 por 320 libras.

Jean Royére, discipulo de Mallarmée, acaba de obter o premio de Lasére da Academia Franceza (10.000 francos).

Livros que acabam de apparecer

— «Baudelaire», de Ernest Seillière. (Armand Collin, editor).
— «X. Y. Z. ou L'etrange aventure», romance de Gaston Charles. (Nouvelle Société d'Ed.).
— «Cervantes», por Americo de Castro. (Rieder, ed.).
— «L'education sentimentale de Goethe», por Robert d'Harcourt. (Armand Collin, editor).
— «La traversée du boulevard», romance, por Suzanne Rémond. (Plon, editor).
— «Femmes aimées, femmes aimantes», as mulheres na Historia, por Charles Foley. (Tallandier, editor. Successo).
— «Les souffrances du jeune Werther, de Goethe. (Editions Montaigne).
— «Les enfants Abandonnés de Dieu», romance, por Sarah G. Millin. (Plon, editor).
— «Cadet Loureux», romance, por Lucienne Gorce. (Edition du Tamborin).
— «Pages choisis de nos grands chefs», paginas dos grandes generaes da guerra, por Paluel Marmont e André Fage. (Editions Berger Levrault).
— «Vers L'inaccessible», philosophia, por L. Barbedette. (La Fraternité Universelle, ed.).
— «Classe 15», guerra, por Albert Pillard. (Tallandier, editor).
— «Un homme entra», romance, por Noel Felici. (Renaissance du Livre, editora).
— «Eux et nous», por Maximo Gorki, com prefacio de Romain Rolland. (Enorme successo. Editions Internationales Sociales).
— «Trois Histoires de la nuit», contos de Claude Aveline. (Emile Paul, editor).
— «Gens et routes de Lithuanie», viagem, por Jean Mauclére. (Alexis Redier, editor).
— «L'ephemer seigneur de Caille», historia, por Beranard Barnery. (Perrin, editor).
— «L'imitation de Jesus Christ», traduzido directamente do latim por André Beaunier. (Successo. Bernard Grasset, editor).
— «Un pays neuf: L'Ouest Canadien», por J. Wilbois. (Valois, editor).

Um livreiro de Nova-York havia comprado toda a bibliotheca do celebre poeta americano Rupert Brooke. Scientes de que os livros iam ser vendidos esparsamente, os jornaes americanos abriram forte campanha contra o governo que permittia que a bibliotheca de um dos mais notaveis poetas da america fosse dispersada de forma tão humilhante. O "Collegio de Dartmouth" vem de adquirir todos os volumes, afim de installar a bibliotheca do "remember of Brook".

8.446 livros appareceram na Allemanha nos 6 primeiros mezes de 1931, contra 9.424 em 1930. — O preço médio dos livros baixou tambem de 8 marcos e 47 "pfennig" em 1930 para 8 marcos e 25 em 1931.

O tomo XI das obras completas de Villiers de L'Isle Adam, acaba de apparecer editado pela "Mercure de France". Contem, elle — "Propos d'au-delà", "Chez des Passants" e "Pages Posthumes", e é o ultimo da collecção.

Eugene Fasquelle, executor testamentario de Emile Zola, vem de depôr nas mãos de Jules Cain, administrador da Bibliotheca Nacional, uma importantissima collecção de cartas, recebidas pelo celebre romancista de 1865 a 1902. Essa correspondencia é assignada pelos maiores nomes da litteratura, sciencia, politica e artes, que illustraram o fim do XIX seculo.

No dia 18 e 19 de novembro, foi vendida em leilão, no Hotel Dronot, toda a volumosa correspondencia recebida por Gustave Flaubert.

O premio Brieux, da Academia Franceza, não será distribuido este anno a nenhum autor dramatico, em vista de não haver nenhum digno de tal recompensa entre os muitos apresentados. Comtudo, será empregado "no interesse da arte dramatica, como manda o regulamento.

Entre as cartas e ineditos de Gustave Flaubert que foram vendidos em leilão a 18 e 19 de novembro ultimo, figurava um manuscripto de 65 paginas, de notas reunidas sob o titulo "Souvenirs, notes et pensées intimes." O "Figaro" publica alguns fragmentos dessas notas, entre as quaes figuram estas linhas escriptas na noite de 2 de janeiro de 1845, "en revenant du bal:

Mes idées de grand voyage m'ont repris plus que jamais. C'est l'Orient toujours. J'étais né pour y vivre...

Un soldat français resté en Egypte et devenu mameluk... avait vécu longtemps dans le désert, avec les Bédouins, il regrettait singulièrement cette vie; il me contait que, quand il se trouvait seul dans les sables, sur un chameau, il lui prenait des transports de joie dont il n'était pas le maître. Cela m'a fait réfléchir longtemps; quand j'y pense, je voudrais chaque jour davantage pouvoir tomber dans l'extase des alexandrins — ce silence du désert qui a des bruits si beaux pour ses fils effraie les hommes des terres pluvieuses, ceux qui respirent le charbon de terre et qui vivent les pieds dans les boues de villes...

O grande poeta polaco Artur Oppmann, conhecido e popularizado pelo pseudonymo de OR-OT, acaba de morrer em Varsovia, aos 64 annos. O seu enterro foi feito pelo Estado, "acompanhado de 6 generaes, uma companhia de artilharia pesada (!), toda a escola militar todo o Ministerio e o presidente da Republica (todos a pé!) afim de prestarem devida homenagem ao maior poeta da Polonia", segundo reza o proprio decréto, publicado em Paris, no *Temps* de 10-XI.

BRICIO DE ABREU

Livros que acabam de apparecer

— «L'encerclee», romance, por Mme. Sirieyx Villiers. (Editions du Tambourin).
— «Chine». (Premio Gringoire) por Marc Chadourne. (Reportagens. Plon, editor).
— «Peaux noires, coeurs blancs», guerra, por Yves de Boisboissel. (Fournier, editor).
— «Calvin», Historia, por Jean Moura e Paul Louvet. Grasset, editor).
— «Le Jardin Sans Mur», poemas, por Lucien Jacques. (Valois, editor).
— «Petite lumiere», romance, por Mme. Suzane Spezzafumo. (Flammarion, editor).
— «Forçats», romance, por Albert Cremieux. (Nouvelle Societé d'Editions).
— «La malle d'osier», romance, por Stephane Corbiere. (Editions Cosmopolites).
— «Plaza de toros», romance, por Gaston Richard. (Talandier, editor).
— «La mysterieuse aventure de Christophe Colomb» (a la recherche du gran khan) romance, por Vicente Blasco Ibanez. (Successo. Flammarion, editor).
— «La grace de Dieu», submarinos na guerra, por W. Gui Carr. (Payot, editor).
— «Ma femme ue les consequences d'un sejour en Syrie», romance de viagem, por Victor Druillet. (Peyronnet, editor).
— «Les vers d'or de Pythagore» (Hiéroclés, commentarios sobre os versos de ouro dos pythagoricos. (L'Artisan du Livre, editor).
— «Sir Wilfried Laurier, Canadien», por Robert Rumilly. (Flammarion, editor).
— «Vingt Années d'Egipte», pelo Barão Van den Bosch. (Perrin, editor).
— «Remords», romance, por Jean Mariotti. (Flammarion, editor).
— «La danseuse du Gal Moulin», romance, por Georges Simenon. (Fayard, editor).
— «Les morts vivants de l'«Antifer», romance do mar, por J. Guillemard. (Grés, edit.).

Primavera de lagrimas

(A meu pae)

VEIU triste a primavera deste anno. Tão triste!

Os dias de setembro, que deviam ser de oiro e azul cobalto, tinham a nuance cinza dos crepusculos amargurados.

Elle mesmo commentára, surpreso: "Que primavera chorosa!"...

Na tarde do ultimo domingo, ás seis horas, elle ainda estivera em seu jardim entre as suas flores queridas... A's oito e meia entrava em agonia!

E quando a madrugada chegava, a "primavera chorosa", que então, trocára o seu manto de petalas rosas e azues pela mortalha das violetas, se póz, agoureira, a soluçar, lá fóra, entre as flores que elle amava.

Do céo cahiam tochas inflamantes como para illuminar o caminho de alguem que devia subir áquella hora!

E assim, victimado pelo que tinha de maior — seu cerebro, seu coração, sereno e bom como foi na vida, elle, o meu Paezinho que eu adorava nos deixou para sempre!

Meu pae! Quizera um momento, um só momento não ser sua filha para, sem suspeitas, dizer da sua vida, de sua obra!

Santo e adorado pae! Poeta das flores, prosador das plantas, historiador formidavel! Que foste um sabio, nem se discute; basta ver como foste guerreado. O destino dos grandes! — Aos ingratos, a sua vingança era esquecer a injuria e serwil-os novamente!

Si S. Francisco de Assis fosse pae, um dia, não seria melhor que o meu! Querido pae, cantor da Natureza e das épocas! Meu mestre! Sim, o que sei devo a elle tão sómente! Lamento não ter aproveitado melhor as suas palestras, que eram sempre lições. Que o digam os que o conheceram. — Mestres! Meus mestres foram simples formalidade!

Desde o alphabeto, linguas, dicção, gestos, literatura, historia foi elle quem me fez comprehender e quem gravou em meu espirito tudo!

Qual o seu methodo de ensinar? — A paciencia, a doçura e a clareza. Quanta vez, madrugada alta, ouvindo algum trecho de sua "historia do mundo pela traducção das palavras" (livro que elle não chegou a terminar), eu me quedei perplexa deante de tanta verdade e maravilha! "Adão e Eva"... — o segundo capitulo — elle nunca me deixou ver, porque, dizia, eu era muito joven. Tenho em mãos o original desse livro estranho. Mas juro que o capitulo que eu tanto ansiava ler não o abri, ainda. Nem pareço filha daquelle homem que nada temia e tudo investigava... Talvez... mas antes quero ser obediente como sempre o fui e sobretudo agora, que elle está junto de Jesus, o mais doce e o maior dos sabios que elle prezava!

Elle me educava para continuar a sua obra — sinto-o bastante —, mais isso não me é possivel... Primeiramente, porque sou mulher e amo o lar, o que me impediria de uma obra que requer tempo, estudo aprofundado e paciencia e, sinceramente, não possúo o valor intellectual de meu pae, nem seu talento.

Elle, que tanto queria as flores, aprimorava o meu espirito como si eu fôra uma flor que tivesse alma. Já que as flores não falavam, porque o seu espirito é a belleza, elle cultivava a minh'alma para fazer surgir em mim a semente ideal do saber.

Para o sacerdote da natureza, botanico por excellencia que elle era, a minha alma era, dentre as flores que amava, um iris, o lirio azul, tudo porque eu gostava da côr do céo e do luar!

No ultimo dia em que elle esteve entre nós, livido e frio, fui ao jardim colher aquella flor e a colloquei entre os seus dedos gelados.

....

Então, o lirio tal como elle desejava, naquelle instante, falou na lagrima mais amargurada de minha vida, brilhante entre petalas azues, como si toda a minha eloquencia se tivesse liquefeito no calor de minha adoração, ao dizer: "Dorme, meu Papae!"

Dilke de Barbosa Rodrigues

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis,

Michel Zevaco.

prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeira thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

OS PARDAILLAN, 12 fase., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPÉA DE AMOR, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fase., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fases., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fases., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fases., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fases., 7$000, pelo correio 6$400 — NOSTRADAMUS, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fases., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fases., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fases., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 -- Rio de Janeiro

O QUE PASSOU PARA A HISTORIA...

NÃO se passa semana sem que Edmundo Grezan, mesmo de corrida, deixe de visitar sua irmã Clara, hoje a linda e elegante mme. Manduel. Irmão e irmã adoram-se: o marido desta dá-se o melhor possivel com o seu cunhado, e a mulher deste tambem com a cunhada. São dois "ménages" maravilhosamente unidos — o que é um desmentido formal aquelles que dizem que a familia, em França, se desagrega dia a dia mais.

— Bom dia, minha querida Clara!

— Bom dia, meu bom Edmundo!

Elle tem trinta e dois annos; ella, vinte e sete. Dois camaradas que nunca se abandonaram — desde a infancia. Nunca tiveram segredos um para o outro. Trocavam sempre suas confidencias. E — o que é mais admiravel — nunca tiveram coisas graves a confidenciar.

Nesta manhã, porém, Clara Manduel tem um arzinho exquesito, travesso, seus olhos brilham com mais intensidade — tudo, nella, denota uma attitude provocante que intriga Edmundo.

— Que se passa?

— Ah! Ah!... o curioso!

— Pareces excitada, nervosa!

— Meu caro, fiz uma descoberta.

— Sensacional?

— Sim, verdadeiramente sensacional! Mas, vaes jurar-me nada dizer a qualquer pessoa.

— Prometto!

— Nada disse a meu marido; nada dirás tambem á tua mulher. Ficará só entre nós, exclusivamente entre nós!

— Espantas-me!

— Não é nada de espantar. Coisas do passado!

— Estou certo, agora, de que não me vaes dizer que hontem fechaste o gaz...

Apesar do ar brincalhão de Clara, Edmundo fica um tanto apprehensivo. Clara comprehendeu isso e procura desfazer essa má impressão.

— Repito-te: trata-se de coisa do passado... E que diz respeito a vovó.

— Vovó!

— Sim, de vovó Emmelina.

Edmundo balança a cabeça; seu olhar tem uma expressão de grande ternura.

— Como ella era linda, lembras-te? E tão boa! Faziamos della o que queriamos, principalmente tu, tanto ella nos adorava!

— Eu, hein? E tu, ruim creatura, que tanto abusaste da bondade e da estima della, que era linda, ainda, pesar de velhinha. Seus olhinhos ternos riam sempre para nós...

Curioso, Edmundo perguntou:

— Mas, emfim, o que se passou com vovó?

— Hontem, passando uma revista em alguns papeis, descobri alguma cousa.

— Que cousa?

— Queres dar-me tempo para contar-te isso a meu geito? Estás tão impaciente!

Clara começa, então, a explicar. No dia anterior, já a tardinha, começara a pôr em ordem uma velha correspondencia da familia. Já ha annos ella se promettera fazer esse trabalho que, no emtanto, sempre adiava, por achar desagradavel a tarefa. Encontrara cartas dirigidas á sua mãe, a seu pae, todos, porem, sem o menor interesse. Muitos outros documentos, tambem banaes ou já inuteis, passaram pelas suas mãos. Queimara-os.

No meio, porem, dessa papelada descobriu uma simples folha, já um pouco estragada, escripta pela avó Emmelina com o seu traço de letra muito fina e elegante.

— Que havia escripto? perguntou Edmundo vivamente.

— Meu Deus, como és apressado! Toma, lê.

Eis o que estava escripto:

Para remetter o enveloppe junto ao sr. George Planteau, tenente no 2º Regimento de Lanceiros, ou, se impossivel, queimar tudo, sem ler.

— Não encontraste a carta? perguntou Edmundo.

— Não.

— Já ouvi falar num general Planteau. Foi ha muito tempo. Já deve ter morrido. Que pensas, Clara?

Clara Manduel concentrou-se um pouco, depois dirigiu um olhar um tanto brejeiro ao irmão e disse:

— Creio que vovósinha teve uma aventura de amor.

— Estás louca?

Pierre Valdagne

— Tu é que me pareces ser um grande tolo: avósinha deve ter sido extremamente bella.

— Clara, não sejas estupida! De quando é datado esse papel?

— Não tem nenhuma data, como vês!

— Espera! disse Edmundo. "tenente no 2º Regimento de Lanceiros." Isto nos decifrará o resto. Li, não sei onde, que os regimentos de lanceiros haviam sido supprimidos logo depois da guerra de 1870, sendo incorporados aos hussards.

— Como já faz tempo! murmurou Clara num gesto comico.

— E' exacto. Ja faz bastante tempo. Mas este papel deve ser de 1870 ou 1869.

— Em 1870, vovó deveria ter uns vinte e sete ou vinte e oito annos. Ella parece ter nascido em 1842, 43...

— Emfim... que conclues de tudo isto?

— Simples e muito naturalmente que, mais ou menos em 1870, vovó Emmelina, linda como um pequeno demonio, despertou uma grande paixão num moço tenente de lanceiros que lhe dirigiu bellas cartas de amor e que são essas cartas as que se achavam no enveloppe a que ella se refere.

— Não encontraste qualquer indicio desse enveloppe?

— Nenhum! Estou aborrecidissima com isso.

Edmundo Grézan levantou-se e poz-se a andar, preoccupado, nervoso.

— E' melhor que essas cartas tenham sido entregues ou queimadas, depois da morte de vovó.

— Não penso como tu. Estou desolada por não as ter encontrado.

— Pois bem, Clara, não te comprehendo. Primeiramente, tua hypothese não está provada. Esse enveloppe, sem duvida, apenas conteria cartas sem importancia.

— Como és ingenuo!

— Mas, se não te enganas, não desejo sinão uma cousa: que essas cartas nunca sejam encontradas... Pensa bem: é o nome de vovó Emmelina...

Clara Manduel tinha nos labios um curioso sorriso. Falou:

— O nome de vovó! De modo algum estranharia ou reprovaria que vovó Emmelina se tivesse apaixonado uma vez na vida!

— Clara! Clara, estarás louca, irmãzinha!

— Não, não! São tão lindas as cartas de amor, de outrora! Teem um tal perfume, uma graça, tão differente do que se diz hoje, em cartas seccas, sem sentimento, sem alma, sem coração!

— Desconfio que sabes mais do que dizes!

— Não, não sei! E é isso o que lamento: não ter encontrado as cartas que esse bello tenente de lanceiros escreveu á vovósinha! Quem sabe se, mais tarde, d'aqui a vinte, trinta annos, algum pesquisador mais feliz não as encontrará, para publical-as, como uma evocação dos velhos tempos de outra. E essas cartas deverão ser interessantissimas, sinão avósinha não as conservaria com tanto devotamento!

— Mas é precisamente isso que acho abominavel... que, um dia, essa correspondencia seja divulgada por um cynico qualquer.

— Que segredos encantadores não revelariamos e que, pela acção do tempo, não despertariam, hoje, sinão discreta emoção e suave e commovedora lembrança!

— Não te lembras, porem, que se trata de nossa avó!

— Ora, foi ha tanto tempo, já! E, depois, isso não me impediria de continuar a adoral-a, como sempre; pelo contrario!

— Clara! Quererás ser igual a todas as mulheres sem cabeça dos dias de hoje?

— As desmioladas de hoje não recebem sinão pneus e telephonemas. Vou procurar! Vou procurar ainda! Darei não sei que para encontrar essa correspondencia!

— Pois bem — disse Edmundo enfiando o chapéo na cabeça — se achares essas cartas fica com ellas só para ti. Dellas não quero saber! Até logo!

Clara deixou o irmão sahir. Quando elle desappareceu, ella apanhou um grande enveloppe que se achava na sua secretária. Ella encontrara as cartas, mas nada quizera dizer ao irmão, na certeza de que elle não acceitaria as coisas da mesma maneira.

Comprimiu o enveloppe contra o seio e disse:

— Querida vovósinha, como devias sentir-te feliz quando recebias estas cartas!

EXAME MEDICO. — E' curioso! Dir-se-ia que qualquer cousa vos impede de respirar...

— Daisy teve tosse convulsa ha dois annos e ninguem a tem duas vezes.

— Bem, então, póde continuar a trabalhar. Ella vae agora representar o papel de uma pobre orphã que se chama Delicia...

— Por que não lhe dão um papel de rainha?... perguntou Bessie. Tim Tiffany já foi rei duas vezes... mas agora Daisy vae ser photographada. O photographo está á espera della. E depois de se photographar, Daisy tem que ir á manicurista antes da lição de musica. Os retratos vão ser tirados de modo a abrangerem duas paginas dos magazines que os publicarem.

Nessa occasião, porém, entrou Maggie e disse a Bessie:

— Vim dizer-te... adeus!

— E para onde vae você?... indagou Bessie.

— Vou para Londres com meu filho Tim. Vou visitar o rei Maximiliano, de Slovaria, e a rainha Sidonia. Adeus!

— Bôa viagem é o que te desejo. Adeus!

E assim que Maggie sahiu, Bessie chamou Daisy e disse-lhe:

— Daisy, acabo de tomar uma decisão. Nós vamos para a Europa. *A minha custa é que Maggie não se ri!*

* * *

Duas semanas depois, em Londres, onde o rei Maximiliano estava em vilegiatura, Bessie descobriu que Maggie morava no quarto andar do hotel com Tim e que ella morava com Daisy, no quinto.

Ora, como o rei Maximiliano morava com a rainha Sidonia no quarto andar, Bessie resolveu mudar-se do quinto andar para o quarto. O gerente do hotel, porém, disse-lhe que nesse andar todos os quartos estavam occupados. Bessie foi verificar se isso era verdade e encontrou-se com Maggie que lhe disse:

— Não te convido para entrar no meu quarto porque tenho uma visita.

— Será a rainha Sidonia, cara Maggie?

— Adivinhaste, cara Bessie.

— Ora, Maggie, tu és uma impostora. A rainha foi passear com o reisinho.

Nesse momento, a rainha e o filho, que regressavam do passeio, passaram para os aposentos reaes e

«Vamos brincar de Rei?»

(Conclusão)

Maggie *ficou de cara á banda*. Sua mentira fôra descoberta.

No grande salão de recepção da rainha, os cortezãos beijavam a mão do rei Maximiliano, de dez annos de idade, e assim que terminou a audiencia, o reisinho disse á rainha:

— Que grande aborrecimento é esta vida de rei!... exclamou o petiz dando passos em direcção aos seus aposentos. Minutos depois estava elle decorando o discurso no pateo do do hotel e ouviu um ruido estranho:

— Pst! Pst! Pst!... era Daisy que o estava chamando.

— Que deseja você?... perguntou-lhe o reizinho, que Daisy julgou ser um lacaio.

— Vamos brincar de rei?... perguntou-lhe Daisy.

— Eu prefiro brincar de outra coisa.

— Então vamos brincar de cinema, mas não faça barulho, porque minha mãe não quer que eu brinque com os lacaios do hotel.

— Por que não vaes brincar com as outras crianças nos Jardins de Kensington? Tua mãe não te deixa sahir de casa?

— Não deixa, porque eu sou uma estrella de cinema! Chamo-me Delicia!

— Estrella de cinema!... exclamou o reisinho. Que bom que isso deve ser.

— Não é assim tão bom, retorquiu *Delicia* amuada. Mas agora vamos brincar! Tu vaes ser o heroe do film. Vamos construir uma choupana. Dize qualquer coisa. Fala como um heroe!

— Então vou recitar o meu discurso!

— Discurso?... inquiriu *Delicia*. Quem és tu?

— Sou o rei de Slovaria!

— Então, como rei, você póde fazer o que quer!

— Não posso! Ahi é que está o mal! Só posso revistar tropas, distribuir medalhas, decorar discursos...

— E tambem tens conferencias com teus ministros?... perguntou-lhe *Delicia*. As minhas são com jornalistas.

— Que me dizes? Tu tambem passas por esses tormentos? Eu julgava que uma estrella de cinema passava uma vida regalada.

— O mesmo pensava eu de um rei!... retorquiu *Delicia* de bocca aberta.

Horas depois, foi o reisinho que pediu a Daisy para ir brincar com elle, mas Bessie entrou precipitadamente e julgando que o reisinho era um servente do hotel, expulsou-o da sala. Daisy, ao ficar só com a mãe, de uma gostosa gargalhada.

— Que servente atrevido!... exclamou Bessie. Minha filha não brinca com criados! Vou fazer uma queixa ao gerente do hotel e esse lacaiosinho será despedido. Mas de que te ris tu?

— Ora, minha mãe, a senhora acaba de expulsar daqui o reisinho!

* * *

No dia seguinte, Daisy foi novamente brincar com o reisinho e elle disse-lhe:

— Daqui a dois dias regressarei para Slovaria! Ah, se eu pudesse, abdicaria!

— Abdica, Maximiliano, e eu abdicarei comtigo. Só assim, poderemos fugir daqui. Ninguém mais nos poderá obrigar a fazermos o que não queremos.

— Fugir? Quando, de que fórma, e para onde?... inquiriu o reisinho.

— Fugiremos amanhã, ao romper da aurora, e esta noite furtaremos as roupas dos criados.

Na manhã seguinte, Daisy e o reisinho iam fugindo pelo jardim e depararam com Tim Tiffany que exigiu acompanhál-os.

Meia hora depois, Maggie deu pela falta de Tim e Bessie pela de Daisy.

— Procurei minha filha Daisy, mas não a encontrei...

— E eu procurei Tim, e não o encontro, interrompeu Maggie.

— Que fez você da minha Daisy? Não dissimule, raptora!

— E que fez você do meu Tim, "sua" grande invejosa?

Como se vê, os animos de Maggie e de Bessie estavam exaltados. Ambas esqueciam-se de que a primeira condição para viver bem, consiste em saber conservar a alegria, e os quiproquós que se seguem até ao final deste vibrante fonofilm que dão motivos para demonstrar que nunca vale a pena agir precipitadamente.

M A M A'

(Conclusão)

No meio da alegria do regresso dos filhos Mercedes recebeu um golpe terrivel. Santiago, aproveitando o momento, insistiu nas suas tentativas amorosas. Como fôsse repellido, exigiu em praso certo a quantia emprestada, sob pena de revelar essa falta ao marido. Mercedes tremeu. O seu olhar, o seu aspecto, traduziam grande angustia. Se ao marido estas coisas escapavam, não escapavam aos filhos, nomeadamente a José Maria, que conhecia sua mãe como a si proprio. Inquiriu, supplicou, para que ella lhe dissesse a causa do seu penar. Mercedes desabafou. Contou toda a sua afflição, o receio de que o marido soubesse o motivo que tanto a fazia soffrer.

José Maria calou-se. Santiago continuava a assediar a sua victima, impondo-lhe ou o seu amor ou a sua vingança. O escandalo preparava-se e seria uma affronta áquella familia, porque Mercedes não ultrajaria o nome de seu marido. Dominado pelo intenso amor que dedicava a sua mãe, José Maria entrou no escriptorio do pae e roubou-lhe a importancia de que precisava para salvar a mamã querida. Apanhado em flagrante ia soffrer do pae o castigo merecido, quando Mercedes, para salvar o filho, tudo revelou. Santiago recebeu o dinheiro e o castigo que merecia, e Mercedes resurgiu para o amor dos filhos e do marido, livre das paixões que tanto a atormentavam.

GELO MACABRO

De Gabriel de Lantrec

PODIA eu acreditar em meus olhos? Era realmente aquelle o amigo que eu conhecêra tão jovial e tão feliz? Como estava differente! Tinha a cara chata e amarellenta. Em vez de um terno claro e alegre, vestia um sobretudo e triste, que lhe dava um aspecto impressionante.

Suspirei e extendi-lhe a mão fraca.

— Que lhe aconteceu, meu caro Tom Joe? — perguntei-lhe. Quasi não o reconhecia.

Elle contemplou alguns minutos, curiosamente, minha mão extendida e depois se resolveu a estreital-a. Encontrámo-nos no *boulevard*. Assobiei um cocheiro que cochilava no meio da calçada e que veiu, immediatamente, collocar-se no meio fio. Conduziu-nos habilmente para o outro lado da avenida, bem em frente, onde tinhamos nosso ponto predilecto. Tom Joe sentou-se a uma mesinha e pediu um copo de *mint-julet*, que lhe fez recordar sua infancia, e se pôz a chorar. A lembrança dessa dôr não se apagará de minha memoria, embora a 11 de dezembro proximo, a lua, astro sereno de nossas noites, se transformasse, subitamente, e sem razão plausivel, em um vulgar circulo de lacre.

— A historia, em duas palavras, é a seguinte — disse elle. — Verás si é preciso que um homem tenha o coração solidamente temperado para resistir a semelhantes provas. Foi o anno passado. Regressava do Mexico, onde fôra caçar a phoca equatorial. Não ha animal mais astuto e mais terrivel do que a phoca equatorial. Sua conformação physica lhe permitte escapar quasi com certeza á perseguição dos caçadores. Seu corpo tem o tamanho e, mais ou menos, o aspecto de um grande caranguejo, mas a cabeça, imperceptivel, só é visivel por meio do microscopio. Durante a muda se refugia nas rocas inaccessiveis. Si se accrescentar a isso que só é vulneravel no cascão esquerdo, poderás imaginar as difficuldades que apresenta a caça, bem tentadora, aliás, desse animal fabuloso.

"Tive, nessas condições, uma sorte excepcional, e regressava á Europa com duzentas ou trezentas duzias de pelles de phocas equatoriaes. Tive a alegria de encontrar-me, a bordo do vapor, com meu velho camarada Jack Bobins, meu mais querido amigo, depois de Deus. Elle viajava para a Inglaterra, afim de proceder á inhumação de seu negro favorito, Roger Bacon, o *boxeur*, que morrêra de colera. O encontro com Bobins foi realmente um presente da sorte. Era um rapaz alegre, que nos contava historias engraçadissimas, que faziam morrer de riso. Duplo mérito, uma vez que tambem morriamos de sêde.

"Sem duvida te recordas do calor tórrido que fez o verão passado. A bordo, elle era espantoso. Para cumulo de desgraça, a provisão de gelo se esgottou em tres dias. Não ha nada mais prejudicial. Bebi uma vez whiski preparado com agua morna. Quasi morria."

— Mas — objectei, timidamente — devias beber outra coisa em vez de whiski: chá, por exemplo...

Tom Joe olhou-me severamente.

— E a hygiene? Onde a deixas?

Vi-me obrigado a reconhecer que elle tinha razão.

A CASA DO SILENCIO

Perto de Lowestoft, na costa oriental da Inglaterra, não faz muito, havia um hotel originalissimo: tanto no interior como nos jardins que rodeavam a casa era terminantemente prohibido falar, pronunciar uma só palavra. As ordens e tudo que se queria dizer fazia-se por escripto. Os creados e demais serventes calçavam sapatos de feltro. Os automoveis e outros vehiculos destinados ao hotel deviam deter-se a mais de cem metros do edificio. Em toda a casa não havia um piano, nem radio, nem telephones, nem campainhas electricas. Tal era a quietude, o silencio, a tranquillidade deste hotel extravagante que toda a Inglaterra o conhecia pelo nome de "Mansão do Silencio".

Como é de imaginar, o hotel estava sempre cheio de hospedes, a tal ponto que, para se conseguir um commodo, precisava pedil-o com seis mezes de antecedencia.

Eis aqui outra particularidade da "Mansão do Silencio": seus hospedes eram todos homens: literatos, scientistas e estudiosos que, em meio daquelle silencio, encontravam o ambiente ideal para suas meditações, suas inspirações e especulações espirituaes. O dono do mesmo enriqueceu em pouco tempo até que certo dia, em um momento de fraqueza, se convenceu de que deveria admittir mulheres em sua casa. Uma semana mais tarde o hotel estava vazio e a "Mansão silencio" desapparecia.

*

CONHECIA AS MANHAS

Durante uma representação do "Desejo", obra em que Sacha Guitry faz, á maravilha, o papel de creado, o principe Jorge, da Grecia que assistia ao espectaculo, fel-o chamar ao palco e depois de felicital-o, disse-lhe:

— Como poude traduzir os sentimentos e desejos dos creados?

— Alteza — replicou Sacha — nunca se poz a escutar por traz das portas?

*

ACADEMIA

Esta palavra deriva de Academos, cidadão de Athenas que havia legado ao Estado um amplo parque com grandes jardins onde Platão e seus discipulos costumavam reunir-se. D'ahi provem o nome de *academia* dado a toda reunião de sabios e intellectuaes reunidos para trabalhar pelo progresso dos conhecimentos humanos.

*

OS FILTROS DE AREIA

Os filtros de areia foram considerados, até bem pouco, como o melhor processo para fazer potavel a agua. Está, porém, comprovado que esses apparelhos não são capazes de destruir, nem de reter com segurança as bacterias pathogenicas mais perigosas.

A agua póde ser perfeitamente esterilizada pelo ozono, mas esse processo é extremamente caro.

Um sabio belga, o sr. Noel Adam, preconiza um novo producto, o feno-chloro, que permittiria uma esterilização pelo menos igual á assegurada pelo ozono e que teria a grande vantagem de ser muito mais economico, dando uma agua tambem absolutamente limpida. O processo consiste em misturar chlororureto de cal e perchlorureto de ferro. O ferro-chloro que se forma assim é extremamente activo, conforme o comprovaram as experiencias realizadas. Segundo os resultados dos mesmos, a doze de chlorureto de cal a empregar seria de 4 a 5 grammas por metro cubico.

GELO MACABRO

(Conclusão)

— Soffriamos, pois, horrivelmente, de calor e da falta de bebidas frescas, quando, um bello dia, assim por volta das quatro da tarde, emquanto eu passeava, febril, pelo tombadilho, vi chegar Jack Bobins com um pequeno embrulho de papel de jornal. Com gesto imperioso, indicou-me que o acompanhasse a seu camarote, e ali, deante da garrafa de whiski e dos copos, abriu o embrulho. Continha um pedaço de gelo admiravelmente fresco. E, desde então, duas vezes ao dia, até a chegada do navio, bebemos whiski gelado, e ás escondidas dos outros passageiros. De onde provinha esse gelo maravilhoso? Não me permitti perguntal-o a Bobins. Mas tive a chave do mysterio no dia em que chegámos e eu vi Jack Bobins, de rigoroso luto, soluçando junto a um féretro que acabava de ser retirado do compartimento de bagagens, e cujo conteúdo pudemos verificar ao ser retirada a tampa, por um instante. Era o cadaver de Roger Bacon, o negro que Bobins trazia da America, e que, privado pouco a pouco do gelo com que o haviam cercado para conserval-o fresco, se parecia, de uma surprehendente maneira, com uma mumia jubilada. Nunca vi nada tão sêcco. Imagina um grande arenque frito, com bigode e nariz chato...

— Sem duvida ficaste literalmente estupefacto...

— Eu? De maneira alguma. Para dizer-te a verdade, havia muito que eu suspeitava existir nesse caso algo de anormal, pois esse gelo...

— Que?

— Acredita-me si quizeres: mas a verdade é que esse gelo tinha um gostinho de queimado...

HISTORIAS DE FEITICEIROS

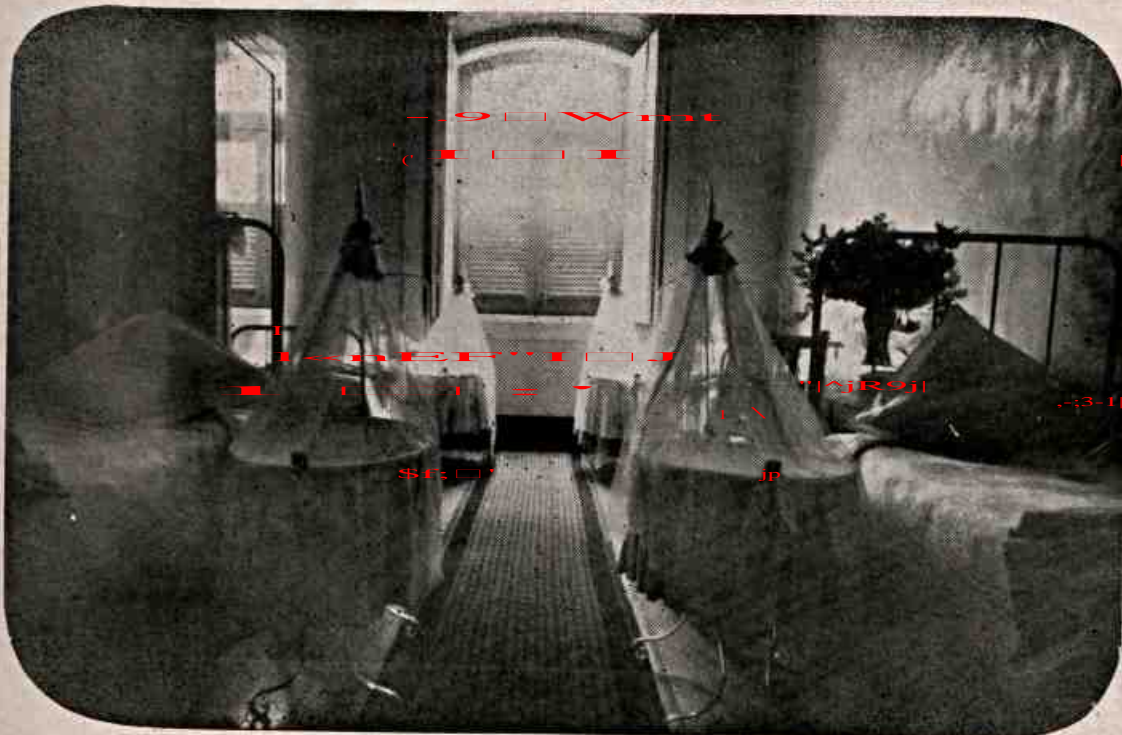
QUANDO lêmos as chronicas dos tempos passados, entre os factos que nos parecem mais incomprehensiveis, devem ser citados os diversos processos que se desenrolaram em quasi toda a Europa com o unico fim de confundir e condemnar os feiticeiros.

Um velho proverbio arabe diz que "sempre no melhor, como no peor, podemos ter a certeza de vêr as mulhers occuparem o primeiro lugar". Esse adagio parece estar certo para os que, olhando a historia da magia e feitiçaria, vêem, pelo menos, tantos nomes de mulheres como de homens. E, sem duvida porque os crimes que se lhes imputavam pareciam mais abominaveis perpetrados por ellas, os magistrados se mostravam mais severos.

Muito poucas feiticeiras escaparam ao supplicio, ao passo que muitos homens delle se salvaram. Uma das primeiras conhecidas entre as mulheres de magia e de feitiçaria foi uma tal de Pasqueta, de Villa-franca de Piamonte, condemnada a pagar uma multa de quarenta soldos, por fazer sortilegios".

Ao regressarem das Cruzadas, durante as quaes o Oriente lhes mostrára a existencia de feiticeiras e magos, os cavalheiros viam bruxas por toda parte; os castellos ouviam a narrativa das legendas mais estranhas. Os companheiros do Rei São Luis repetiam o que tinham ouvido contar em suas peregrinações.

A mais rara e encantadora destas historias é a que se refere ao rei Roger, da Sicilia, o qual, nadando uma tarde na margem do mar Tirrhenio, agarrou uma cabeça pelos cabellos, crendo que salvava a um de seus camaradas que estavam se afogando. Chegado á praia, reconheceu que levava uma linda donzella. Casou-se com ella e teve um filho. A vida era feliz. A esposa era muda. Mas, advertido por um amigo de que havia introduzido em seu palacio uma feiticeira, obrigou sua esposa a falar para defender-se, ameaçando-a de matar o menino. Então, a bella falou, declarando a seu esposo que acabava de perder, por sua violencia, a melhor e a mais fiel das companheiras; e bruscamente desappareceu, não deixando deante do homem estupefacto senão uma leve fumaça.

— Miseravel mentiroso! Fui eu, e não tu, quem conseguiu a captura deste elephante!

Pouco tempo depois, emquanto o menino jogava perto do mar, a mãe lhe appareceu. Emergindo das aguas, agarrou seu filho e levou-o para os abysmos ignorados. Grande seria a lista dos magos e das feiticeiras que escandalizaram o Velho Mundo.

Basta recordar, por exemplo, que, durante o pontificado de Innocencio VIII, Barthelemy Spina affirma que mais de mil feiticeiros fôram objecto de perseguição judicial, e cem delles fôram queimados em praça publica, isso só na diocesse de Como.

Seara alheia

Recordação A recordação é tudo no mundo. Recordação da poesia, recordação da historia, recordação da felicidade. Principalmente da felicidade.

E é realmente de admirar que nenhum systematizador do mundo haja feito do principio da memoria o eixo da variedade do universo.

A que epoca remontarão as nossas recordações? Aos cinco, aos seis annos. Antes dessa edade não ha senão momentaneos, rapidos relampagos de reminiscencia, minucias e detalhes que nos ficaram gravados no cerebro, por milagre, e que parecem reflexos de luz perdidos sobre um largo rio de trevas.

Para nós, a vida começa aos seis annos. Antes, está a recordação dos demais, e não a nossa.

Ha, para cada homem, três nascimentos que é preciso considerar separadamente: o nascimento para a mãe, o nascimento para o mundo e o nascimento para nós proprios. Os dois nascimentos que valem verdadeiramente são o primeiro e o ultimo e, talvez por isso, é que os homens tomam nota apenas do segundo.

O tempo que vae do primeiro ao terceiro nascimento é, por excellencia, o impossivel de recordar.

Existimos e nada pretendemos saber de tal existencia. Temos vivido e não sabemos como. Fomos alguem extranho para o nosso proprio pensamento. Porque fomos, naquelle tempo, com respeito a nós mesmos, *ser* e *não ser*. — GIOVANNI PAPINI.

UM BOM NEGOCIO

GUARDO eterna gratidão de meu tio Basil. Devo-lhe um immenso favor. Elle fez alguma coisa que impediu me chamassem Basilia.

O avô Bennington era muito rico, e, portanto, gostava de que seus desejos fossem considerados como ordens. Era severo com seus filhos e vivia a prophetizar que elles trariam a deshonra e a desgraça sobre o velho e formoso nome de Bennington. Mas quando um delles o fez, pareceu causar-lhe uma verdadeira surpresa.

Ainda hoje se baixa a vóz quando alguem allude áquella noite em que Basil communicou a seu pae a noticia de seu casamento com uma artista. Avózinha se retirou para seu dormitorio e pediu que chamassem o medico da familia. Todos os filhos, á excepção de Basil, fizeram rapidamente sua bagagem e foram passar o fim da semana com seus amigos no campo. Os criados, pallidos e fascinados, caminhavam nas pontas dos pés pelas immediações da bibliotheca, procurando ouvir alguma coisa.

Tio Basil manteve-se firme, na bibliotheca, emquanto o avô gritava coisas, coisas terriveis sobre as mulheres que não passavam de desavergonhadas á cata de fortunas fáceis e dos jovens idiotas que se deixavam prender.

— Senhor — disse tio Basil. — Está falando de minha esposa!

— E de ti, idiota! — gritou o avô Bennington.

— E de como poderás sahir deste atoleiro. Irei ver a tal moça, e terei que pagar-lhe o preço que ella exigir...

— Pae! — interrompeu Basil.

Mas o avô, sem fazer-lhe caso, continuou:

— Não é por ti que faço, mas pelo velho nome de Bennington! E o preço integro será descontado de tua herança! — ajuntou.

O avô se considerava a si mesmo um astuto homem de negocios.

Tio Basil conseguiu soltar uma gargalhada desdenhosa, ainda que um pouco trahida pelos cabellos.

— Ella me ama — disse, simplesmente.

O avô Bennington sahiu resmungando juramentos.

NA adornada sala de uma pensão modesta, Phyllis Foster de Bennington recebeu, no dia seguinte, a visita de um cavalheiro enfurecido. Todas as pessôas que a conheceram affirmam que era uma deliciosa joven, não precisamente formosa, mas com um encanto subtil e insinuante muito difficil de ser esquecido. Era esbelta, tinha uns magnificos olhos castanhos e falava com vóz baixa e clara. Cumprimentou o avô Bennington com tranquillo orgulho.

Elle brandiu sua bengala como um velho coronel enfurecido.

— Diga quanto quer! — perguntou, sem preambulos. — Qual é o preço da liberdade de meu filho?

Cartas Quanto mais velhos somos, mais terror nos inspiram as cartas que recebemos. Durante a juventude toda missiva nos traz effusões de amizade ou promessas de amor. Oh! as adoradas epistolas em que a paixão real e fingida compensava gentilmente os caprichos da ortographia! Mas, traspassada a casa dos sessenta, toda carta é um saque contra a bolsa, contra a honra ou contra o cerebro. Os que nos escrevem começam por nos fazer gentis protestos de affecto, veneração e respeito. Mas, ao chegar ao fim, todos solicitam, com desoladora unanimidade, dinheiro, collaboração, amparo e sinecuras. — S. Ramon y Cajal.

A mocidade de hoje A juventude de nossa epoca tem sido miseravelmente prejudicada pelos seus aduladores e seus poetas. Seus aduladores offereceram-lhe o sceptro do mundo; ante suas embriagadoras promessas, ella partiu com o povo do deserto, cheia de si, presumida, ávida, depois, quando lhe chega o dia da decepção, quando o objecto que havia entrevisto através dos sonhos sorridentes da esperança não se lhe apresenta senão de longe, mal vislumbrado nas sombras de um futuro ainda remoto, áspero e rude para ser conquistado, os poetas começaram a ensinar-lhe o desalento e a lamuria; e a mocidade, achando as lamentações mais faceis que o trabalho, cruzou os braços e occupou-se em accusar a vida, que ella ignorava, em chorar os males que nunca havia experimentado.

Notei sempre que, entre esses jovens indolentes, que cansam o céo com o seu desespero, que se queixam da solidão de seu coração e deploram o abandono e o desamparo os que os relegou a sorte, ha muito poucos que não têem pae que tudo sacrificaram por elles, com a esperança de que fossem, um dia, o orgulho e o amparo da sua velhice. Bem poucos, bem raros, porem, os que comprehendem esta ou outras sagradas obrigações a que não deveriam faltar. — Julio Sandeau.

De Doris Montagne

— Seu filho deseja a liberdade? — perguntou, tranquillamente, Phyllis.

— Elle não sabe o que quer, o idiota! Antes que se passe um anno...

— Está certo disso?

— Ora! Quando se encontrar sem dinheiro a partir de hoje. Vocês não hão de querer morrer de fome, não é verdade? E que sabe elle fazer? Não tem profissão, não conhece nenhum negocio, não tem nada a que recorrer...

— Oh, o senhor não póde fazer isso! — exclamou Phyllis, assustada. — Quem tem a culpa de não haver elle aprendido a ganhar a vida?

— Bobagens... Meu filho não terá necessidade disso si tiver senso commum.

— O senhor gosta muito delle, não é verdade?

— O bastante para pagar o que fôr preciso para tiral-o desta absurda situação.

— E o senhor faria tudo para vêl-o feliz e darlhe o que quer?

— Sim, sempre que seja o que deve ter.

— E si fosse o mesmo?

— Deixemos de tolices e vamos ao que importa. Quanto pretende a senhora?

— E si nos amassemos?

O avô limitou-se a grunhir algo desdenhosamente. Depois começou a se acalmar. Como já disse, elle se considerava um homem de grande habilidade para os negocios.

— Que lhe parecem dez mil dollars? — perguntou-lhe. — E' uma quantia respeitavel. Seja razoavel. A senhora é uma moça intelligente. Casada com meu filho, nada arranjará. Divorcie-se, retome seu nome de solteira e terá dez mil dollars. Que lhe parece?

Phyllis levantou-se. Era alta de estatura e, naquelle momento, provavelmente, pareceu crescer dez centimetros. Seus olhos castanhos relampagueavam.

— Cincoenta mil, si quizer — disse ella, com sua clara e linda voz. — E o senhor pagará as despesas do divorcio.

O avô Bennington engoliu alguma coisa. Era uma forte dose para o velho senhor. Mas havia ganho a partida.

— Pagal-os-ei — disse. — A senhora partirá para o Rheno, dentro de uma hora.

Phyllis, olhando a rua pela janella, se limitou a acquiescer com uma inclinação de cabeça.

Levaram tio Basil para o estrangeiro, por um anno. Ficou elle, inteiramente, á disposição da familia, que, naturalmente, se encarregou de apresentar-lhe numerosas e encantadoras jovens de nome e de dinheiro. As viagens ampliam tanto as idéas e os moços romanticos são tão susceptiveis!

Phyllis foi ao Rheno e, chegado o momento, lhe foi enviado um cheque.

Sim, Basil é um velho nome de familia e eu não me livraria delle. Por isso sou tão grata a meu tio.

Decorrido o anno, elle voltou da Europa e se casou com uma linda joven que tinha uma pequena fortuna, sufficiente para viver feliz e commodamente em um chalezinho nas collinas de Sorrento, sobre o Mediterraneo.

A noiva chamava-se Phyllis Foster.

Póde-se viver muito bem na Italia, mesmo hoje, com a renda de cincoenta mil dollars...

Tive a sorte de vir ao mundo poucos mezes depois do segundo casamento de meu tio, e os leitores comprehenderão facilmente por que não me deram o nome de Basilia...

LILIA FERNANDES (Capital) — Começo por lhe agradecer e retribuir os votos de bôas festas e felicidades em 1932, que me dirige na sua missiva. Depois... Ah, depois, o interessante é lêr a sua carta, na integra.

Eil-a:

"Sr. Yves. Boas festas!

Como consulente da sua "agradavel" secção dirijo-lhe meus sinceros votos de venturas pela passagem do novo anno. Como leitora da revista Fon-Fon cumprimento-o pelo bello artigo q publicou no numero de Natal.

Eis afinal, resolvido o longo caso Djénane...

Tambem, longo foi o interesse despertado, não?

Até a figurinha obscura de Lilia Fernandez, se animou a opinar sobre o thema...

Com q então, minha graphia me revela decidida e violenta? (o 3.º qualificativo não accuso... faltaria á modestia). Obrigada, muito obrigada, meu bom amigo!

Eu não aprecio em absoluto, os timidos e pacatos.

Mas... desconhecia essas minhas "valentes" qualidades!...

Foi preciso a argucia penetrante de um olhar muito vivo...

Bemditos olhos!...

Yves: é o senhor o "Gris", da secção Bocca do Inferno, da Conquista?

Que pergunta violenta, não acha?

Desculpe-me...

Agradeço-lhe a sinceridade com q me responderá por certo. Envio-lhe mais uma vez boas-festas.

"Tchau"... — *Lilia Fernandez*"

Como v. ex., varias outras leitoras bonitas de "Saibam todos", acham que liquidei o "caso *Djénane*".

Antes assim. Já é um consolo. Fôram tantas as opiniões das "femmes savantes"... Tantas as lições, as theses, os conceitos, as sapiencias... E nenhuma dellas acertou, como eu, a pôr de pé o ovo de Colombo...

Porque, afinal, em amor todos têm razão: o que erra, o que não erra; o que cáe, o que não cáe; o forte, e o fraco, o feito e o bonito, o martyr e o heroe, o santo e o bandido.

Até as mulheres fingidas têm razão... Não acha, D. Lilia?

RAFAEL GUERRINO (S. Paulo) — O seu soneto, com alguns retoques, passa. Como está, não é possivel.

EURICO FRANÇA — (Capital) Desejo tambem que o anno de 1932 lhe tenha sido risonho, com a sua entrada.

MAUDE (Capital) — Sou extremamente sensivel á gentileza do seu lindo e expressivo postal, que me traz este voto commovente, para mim: "Salve 931- 932 — Boas festas — Que o novo anno, que ora transpõe as portas do mundo, seja o portador das mais roseas felicidades. São os votos sinceros da — *Maude*".

Com a mesma sinceridade e effusão, desejo que tenha sabido receber o "cheque de felicidade" que o seu cartão representa, durante os 366 dias de 1932 — anno bisexto.

AUG. MACHADO (Capital) — Olá, poeta! De novo, por aqui?

Eis a carta que o sr. me dirige:

"Prezado Yves. Saudações. Si tomo a liberdade de enviar-lhe junto á presente, um Soneto, inspirado por uma passagem real de minha vida, é que conto com a mesma benevolencia com que o Amigo acolheu meus versos anteriores.

Ficaria extremamente grato si consentisse em sua publicação no semanario "Fon-Fon".

Aguardando o "veredictum" na secção "Saibam Todos", é com admiração e estima que me subscrevo, attenciosamente. — *Aug. Machado*".

Leiamos agora o soneto:

AO ENCONTRO DELLA

Como occultar da vista humidecida
O crystallino orvalho da ventura!
Como occultal-o si é a expressão sentida
Do júbilo, do amor e da ternura!

Perdóa-me! Oh, perdóa-me, querida!
Si em vez de rir, a minha voz murmura,
E dou-te em vez de saudação garrida,
Um triste canto de doce amargura!

E' que a emoção tem transes que parece
Que a alma surge dos olhos na janella,
E numa tenue lagrima apparece!

Só fica um longo olhar, doido e aberto,
Surpreso por poder te ver tão bella,
Deslumbrado por ver-te, assim, de perto!

Como vê, o sr. mesmo declara que, da primeira vez, o sr. foi bem acolhido nesta secção. (Ser bem acolhido para certos poetas, é ver o que escrevem publicado...) E' prova de que o sr. era mais intelligente o anno passado do que agora...

Que pensa o sr.? Ha intelligencias que são como aquelle bondezinho do Pão de Assucar: — não sáem do logar e vão para frente e para traz. Ha outras que são como os aviões nacionaes: — vão para todos os lados, mas não atravessam as nossas fronteiras. Ha outros que vôam longe — como os "zeppelins" — e fazem a volta do mundo...

TELEMACO DE ASSIS (São Paulo) — Eis aqui a sua carta — que denota um joven cheio de fatuidade e empáfias:

"Caro senhor Yves. Animado, talvez, pelo grande numero de "revelações" que se têm feito sentir, ultimamente, de um modo epidemico, nos diversos sectores da intelligencia, consegui vencer hoje a minha fragil modestia, ousando submetter á sua critica dictatorial e impiedosa, si bem que justa, o pequeno trabalho intitulado: "Destino".

Não creio que este meu gesto fosse o mais aconselhavel: "si tacuisses philosophus esses"...

Mas, o desejo bem humano de a tudo tentar conhecer, inclusive a si proprio, justifica-me o assim agir, e talvez revele-me a culpa de causar, ao sr., um provavel ademan irado de impaciencia mal contida, quando terminar a leitura das cinco paginas de minha autoria.

Sem duvida, lamentarei sempre como a uma desgraça o ter lhe perturbado o feliz trancurso de uma radiosa manhã guanabarina, si o bondoso amigo tornar effectiva a hypothese acima de um gesto raivoso, completado naturalmente com o indefectivel "rumo á cesta".

A compensação, porem, de melhores dias para mim, que sou joven, não ingressando na classe dos literatos, e o lucro dos senhores evitarem a concorrencia futura de um novo "artista", pagarão, com sobejo, tanto o meu inutil e redundante esforço em attingir a cesta de "Fon-Fon", como a sua ingrata obrigação de ler e contestar a mim e a quantos que, como eu, se julgarem aptos para certos misteres incompativeis com as verdadeiras funcções a que se destinam.

Creia na sinceridade do joven. — *Telemaco P. Assis.*"

Acabou? Tanta coisa para receber uma resposta simples: — Sim. Será publicado.

SOLTEIRONA (Capital) — Tenha paciencia. Vejo em toda mulher que renuncia ao amor—por simples preconceito—uma creatura egoista e de más entranhas. Nego-lhes a minha sympathia.

Escreve v. ex:

"Yves. Hoje relendo um caderno de "Poemas" encontrei uma pagina solta do Fon-Fon de 9-5-31; uma resposta da minha ultima consulta. Pensei então, quanto tempo já se vão... Não deixei de sorrir ao ler uma das tuas phrases a mim dirigida "Beati paupefis spiritu". Tens razão Yves, não sei o que ainda eu faço neste mundo. E no fim escreves (Não vá se zangar com o seu admirador) (Es tou brincando) Sorri tambem ao reler isto, e vi Yves que, no intimo não és máu. Nesta phrase (estou brincando) sem querer mostras á ternura do teu coração. Não penses que, isto que eu digo, são elogios, para me agradares, em absoluto. Eu quero agora, é dar um dedinho de prosa por carta ao Yves (como disse uma das tuas consulentes ha tempos...)

Porque será Yves, que as "solteironas" são alvo de chacotas e cousas semelhantes? A' começar pelo prefacio da vida; todos fingem não ver á desgraça muda da "solteirona" o physico indifferente sempre aguardando com igual anciedade dorida á felicidade de ephemera. E no proprio "seio amigo da familia" são onde partem as primeiras humilhações. E afinal o que são as "solteironas"? são as guardas do relicario da honra da familia; que exige brutalmente esse sacrificio inutil. A familia e a sociedade não são dignas de tal sacrificio da mulher, e do preconceito da virgindade; si em geral todos se riem com desdem das "solteironas?" meu irmão mais joven que eu apenas tres annos, se entrega as paixões de sua sensualidade e se mete no convivio innumero de mulheres que lhes sirvam de pasto; eu continúo firme no meu posto, zelando á honra da familia. Como differe á vida do homem e da mulher. Só mesmo uma grande evolução paralella, um milagre talvez, possa modificar e libertar á mulher dessa escravatura...

Será porque não exigimos do homem o que elle tanto exige de nós á pureza da mulher? Mas, elles deviam de se lembrar que não temos direito de exigir de outrem o que ainda não seremos capazes de obter de nós proprios.

Como é difficil, porem á solução... não achas, Yves? Talvez me excedi demais comtigo, o que peço não reparares, e ao mesmo tempo me fales com franqueza, sobre isto. Manda-me a tua opinião, sim? embora seja completamente opposta á minha.

Todo affecto sincero da — "*Solteirona*"

NB—Fui obrigada á modificar o meu antigo pyseudonio. Amesma".

A sua ultima interrogação me conduz a esta resposta simples: — o celibato é o unico sacrificio que se acceita voluntaria e egoisticamente. Logo, é facil o não acceitar.

A moça que se conserva "solteirona", é como uma suicida que mette a cabeça debaixo das rodas de um bonde, sem que ninguem lhe exija esse processo de morrer... O celibato é um suicidio sentimental. Quer dizer — é morrer, para o amor, pela propria vontade.

Nesse caso, o que se pode fazer, é enviar á "defunta" uma corôa funebre, — composta de "saudades", amores-perfeitos e aquellas florinhas, que têm o domestico nome de — "bem-casados"...

Amen.

ZOPHAR (?) — Sim. Espere a sua vez.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 23 - 1 - 932

Data da consulta....................

Nome do consulente....................

....

A NODOA DE SANGUE

(SHERLOCK HOLMES) Por CONAN DOYLE

Era firme intenção minha findar o relatorio d'estas aventuras de Sherlock Holmes com o tragico episodio succedido na Abbadia de Grange.

Este proposito não foi, porém determinado por carencia de material. Tenho numerosos apontamentos relativos a inqueritos do celebre policia amador, os quaes o publico desconhece ainda.

Nenhum receio sentia, tão pouco, de fatigar o interesse dos leitores. A surprehendente habilidade do grande detetive e o aspecto sempre intrincado e sensacional, dos casos em que elle interveio, asseguravam aos meus trabalhos literarios um exito seguro.

O motivo era outro: a repugnancia que Sherlock, cada vez mais invencivelmente sentia, por ver divulgados os seus altos meritos. Emquanto trabalhou como detetive particular, a nomeada do seu talento trazia-lhe vantagens, mas desde que se retirou de Londres para ir viver, tranquillo e descuidado, nas dunas de Sussex, ganhou um tédio profundo a toda a especie de notoriedade.

Havia-me pedido, mas por maneira que implicava uma ordem, que puzesse um definitivo termo á reportagem dos seus inqueritos.

— Estou farto de andar na bocca do povo!... concluiu.

Eu ponderei-lhe que já me tinha comprometido com o publico a descrever, em occasião opportuna, o episodio da *Nodoa de Sangue*. Fiz-lhe ver a conveniencia de fechar a longa série de narrações, a que o seu nome andava ligado, com essa importante questão internacional — a mais notavel, no genero, de quantas elle tratara; embora constrangidamente, cedeu.

Impoz-me, comtudo, a promessa formal de substituir as personagens que entraram no acontecimento por meras creações de phantasia. Previno o publico desta circumstancia para que me não culpe se nas paginas que se seguem achar algumas personagens um tanto diffusas e vagas.

Na manhã de uma terça-feira d'outomno (o anno e o mez pouco importam para o caso), recebemos na nossa modesta habitação de Baker Street a visita de dois politicos de reputação européa.

Um delles — Lord Bellinger — tinha sido, já por duas vezes, primeiro ministro da Gran-Bretanha. Era um homem de porte austero e aspecto dominador, com um nariz proeminente e uns olhos penetrantes, argutissimos.

O outro — Trelawney Hope — Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, era um dos homens publicos de maior futuro no Reino Unido. Juntava a uma grande belleza physica um talento surprehendente. Vestia, com aprimorada elegancia, um fato de côr escura, que dava um grande realce á sua insinuante figura de rapaz louro.

Tiramos de cima do sofá a volumosa papelada que o pejava e convidamol-os a sentarem-se.

O ar de gravidade dos dois estadistas deu-nos a perceber que tinham vindo procurar-nos para assumpto de grande monta.

A mão secca e marmoreada de veias do primeiro ministro apertava, numa contração nervosa, o castão de marfim do guarda-chuva e fixava, alternadamente, com os seus olhos de aguia, o rosto de Holmes e o meu.

O Secretario de Estado cofiava automaticamente com a mão direita o bigode sedoso e torcia, com a outra, a corrente do relogio.

— Esta manhã, ás 8 horas, é que dei pelo desapparecimento, sr. Holmes.

Procurei immediatamente o primeiro ministro e, depois de uma rapida entrevista, rsolvemos vir procural-o.

— Informaram a policia do acontecimento?

— Não, respondeu lord Bellinger com a vivacidade que lhe é peculiar. Isso seria dar ao assumpto uma prejudicial divulgação. O que nos convém é que o desapparecimento seja conhecido do menor numero possivel de pessoas.

— Mas porque?

— Porque é um papel diplomatico de altissima importancia. A sua publicação pode facilmente provocar as maiores complicações na politica européa. Avalie, sr. Holmes: é uma questão de paz ou de guerra! A intenção de quem quer que se apoderou delle é, certamente, a de o tornar conhecido.

— Comprehendo. Queira ter a bondade sr. Trelawney Hope, de me explicar, com toda a minuciosidade, as circumstancias em que o papel desappareceu.

— Poucas palavras são precisas para o pôrem ao corrente do que se passou:

A carta — é uma carta d'um chefe de Estado estrangeiro — foi recebida ha seis dias. Como era um documento de grande responsabilidade politica, nunca o deixei ficar no ministerio. Trazia-a todas as tardes para a minha casa, em Whitehall Terrace, onde a guardava n'um pequeno cofre que está collocado, no quarto onde durmo, sobre o toucador.

Tenho a absoluta certeza de que hontem, no começo da tarde, ainda a carta estava dentro delle, e isto porque abri o cofre, na occasião em que me vestia para jantar.

— Deixal-o-ia, por um descuido, ficar aberto?

— Lembro-me perfeitamente de que o fechei á chave. Esta manhã, com o fim de a levar para o Ministerio, ia tiral-a do sitio onde a deixára e vi que tinha desapparecido!

Tanto eu como minha mulher, temos o somno leve e ambos nós podemos jurar que ninguem, durante a noite, entrou no quarto.

— A que horas jantou v. ex.?

— A's sete e meia.

— E d'ahi até se deitar, que tempo mediou?

— Minha mulher foi ao theatro e eu esperei por ella. Quando entramos no quarto, seriam onze e meia.

— N'este caso, o cofre esteve quatro horas sem vigilancia.

— Do pessoal de serviço, ninguem entra lá a não ser, pela manhã, a governante e durante o resto do dia, o meu creado particular e a creada de quarto de minha mulher. Merecem-me todos tres uma illimitada confiança e estão na casa ha muitos annos. De resto, nenhum delles podia suppôr que havia no cofre um papel, cuja valia era superior á de outros documentos do meu ministerio que eu costumava guardar alli.

— Quem conhecia a existencia da carta?

— Em minha casa, ninguem.

— Nem a esposa de v. ex.?

— Minha mulher ignorava a existencia d'ella até o momento em que eu dei pela desapparição. Antes disso não tinha falado d'ella.

O primeiro ministro fez com a cabeça um signal de approvação e accrescentou, dirigindo-se ao secretario:

— Conheço e aprecio ha muito a meticulosidade com que o sr. Hope cumpre os seus deveres officiaes e tenho, por isso, a certeza de que ha de ter sabido guardar completo sigillo.

— Agradeço a v. ex. a prova de estima e de confiança que acaba de dar-me. Nunca disse a ninguem uma palavra, sequer, a respeito desse documento.

Houve um silencio curto.

Em seguida, Sherlock Holmes perguntou ao secretario:

— A esposa de v. ex. não podia desconfiar da existencia da carta?

— Não senhor. Nem ella, nem ninguem.

— Quaes são, na Inglaterra, as pessoas que conhecem o documento?

— Todos os ministros. A carta foi hontem lida em conselho. Acerca dos assumptos diplomaticos que se ventilam nessas reuniões é, porém, como sabe, mantida quasi sempre uma grande reserva. Além disso, o primeiro ministro salientou a todos os membros do conselho a importancia da communicação e a necessidade de se guardar, a respeito della o maximo segredo. Tanto cuidado, para afinal, poucas horas passadas, eu proprio a perder desastradamente!

Ao pronunciar estas ultimas palavras, o secretario de Estado, n'um movimento de desespero, arrepellou com as mãos crispadas os seus cabellos louros e flavos. Via-se que era de um temperamento impulsivo e ardente, mas que dispunha d'um grande predominio sobre si proprio, porque recobrou, logo em seguida, a normal correcção de maneiras, accrescentando com vóz calma:

— Além dos ministros, ha apenas dois ou tres funccionarios superiores do meu ministerio que conhecem o assumpto. Ninguem mais, na Inglaterra, o sabe. Posso assegurar-lh'o, sr. Holmes..

— E no estrangeiro?

— No estrangeiro? Creio bem que, além da pessoa que a escreveu, ninguem mais lhe poz a vista em cima. Nem mesmo os seus ministros... nem nenhum dos palatinos da côrte.

Sherlock reflectiu por um instante no que ouvira.

— Vejo-me, disse elle, na necessidade de lhes pedir que me esclareçam acerca da natureza d'esse documento e que me expliquem como é que a sua desapparição póde arrastar a consequencias tão graves?

Os dois visitantes trocaram entre si um olhar interrogativo e rapido.

Com o sobrecenho carregado, o primeiro ministro disse evasivamente:

— O enveloppe é comprido e estreito, e de côr azul pallida. Tem no fecho um sello de lacre vermelho, com um leão deitado. A letra do endereço é larga e grossa...

— Observo a v. ex., redarguiu Holmes, que além d'esses pormenores, na verdade essenciaes e uteis, preciso outros de maior alcance para poder aprofundar o assumpto. De que tratava a carta?

— O texto da carta é um segredo de Estado e de transcendente magnitude, que eu não posso dar-lhe a conhecer. Não vejo mesmo que haja precisão disso. Se o senhor com a rara habilidade de investigador que todos lhe reconhecem, fôr capaz de encontrar o enveloppe que lhe descrevi, e o conteúdo respectivo, praticará um acto de benemerencia civica que ha de ser-lhe larguissimamente recompensado.

Sherlock Holmes ergueu-se com um sorriso tranquillo, e redarguiu:

— VV. eexcs. são talvez os dois homens mais occupados d'este paiz. Eu, por meu turno, tenho tambem uma numerosa clientella a que attender. A continuação d'esta entrevista representaria, pois, para todos nós, uma perda de tempo. Dir-lhes-ei, por isso, como remate da visita com que honraram esta pobre casa, que não posso auxilial-os nesse assumpto.

Nos olhos de lord Bellinger luziu um relampago de colera, capaz de fazer cahir dez ministerios. Ergueu-se da cadeira e observou n'um tom altivo:

— Não estou habituado...

Repentinamente, porém, soffreou a irritação que o tomara e assentou-se novamente.

Ficamos todos tres a olhal-o num silencio expectativo. Passados uns segundos, o velho estadista encolheu os hombros e disse:

— Vemo-nos obrigados a acceitar as suas condições, sr. Holmes. Pensando melhor no caso, vejo que é justo o seu melindre em não querer incumbir-se do trabalho que lhe propuzemos, sem primeiro adquirir a nossa confiança.

— Concordo inteiramente com v. ex., observou o secretario de Estado.

— Vou, pois, dizer-lhe tudo, confiando na sua honradez e na do seu collega dr. Watson. Não invocarei, todavia, sómente o cavalheirismo pessoal de ambos, appello tambem para o patriotismo dos seus corações de inglezes. Neste momento, não poderia haver, para o nosso paiz, desgraça maior que a divulgação deste assumpto.

— Póde ter em nós plena confiança, lord Bellinger.

— A carta foi escripta por um chefe de Estado cujas ambições politicas foram postas em cheque com a recente expansão do nosso dominio colonial. Fel-a numa crise momentanea de despeito e de irreflexão. E é da sua exclusiva responsabilidade pessoal, porque temos informações seguras de que os seus ministros ignoram a existencia de tal documento. Os termos empregados nelle são de uma leviandade indesculpavel. Certas phrases chegam a attingir um caracter tão provocante que, se cahissem no dominio publico, despertariam em todo o paiz uma irreprimivel crise de indignação. Uma semana depois de divulgadas, estalaria a guerra mais sanguinolenta deste seculo.

Sherlock escreveu um nome num pedaço de papel e estendeu-o ao primeiro ministro.

(*Continúa na pag. seguinte*)

— E' elle mesmo! Calcule agora a preoccupação em que me deixou a inexplicavel perda de um documento que póde custar-nos milhões de libras e milhares de existencias.

— Informou já do desapparecimento á pessoa que a escreveu?

— Mandei-lhe esta manhã um telegramma cifrado.

— Parece-lhe que essa pessoa tenha desejo de que a carta se divulgue?

— Disponho das melhores razões para acreditar que dera. A publicação da carta traria para elle e para o seu paiz desastrosissimas consequencias.

— Mas, sendo assim, quem póde ter interesse na publicação? Com que intuito, a pessoa que a roubou, vae dal-a á publicidade?

— O sr. Holmes acaba de abordar um dos pontos mais delicados da politica internacional. Si encarar a situação da Europa neste momento, facilmente descobrirá o mobil a que essa publicação obedeceria. A Europa é um vasto campo retalhado. As allianças entre os diversos paizes deram ás forças militares um equilibrio quasi perfeito. Ora a Inglaterra tem a balança nas suas mãos. Se nos virmos forçados a declarar guerra a uma nação da alliança *A*, os paizes da alliança *B* adquiriam logo por esse facto, quer entrassem na guerra quer não, uma superioridade porporcional ás perdas que a nação guerreada soffresse. Comprehende-me?

— Perfeitamente. Os inimigos desse chefe de Estado têm interesse em apoderar-se da carta e em publical-a para provocarem um choque entre a Inglaterra e o paiz que elle governa.

— Exacto.

— V. ex. tem algumas razões que o façam presumir a chancellaria que ha de receber o documento?

— Não. Póde ir para qualquer das grandes chancellarias da Europa. Agora mesmo, provavelmente, vae elle de viagem, a toda a força do vapor...

O secretario de Estado teve um suspiro triste.

Lord Bellinger pousou-lhe a mão no hombro e disse:

— Tenha coragem, meu amigo. Ninguem que seja justo, póde attribuir-lhe a responsabilidade desta desgraça.

Voltando-se depois para Sherlock, accrescentou:

— Sabe já como os factos se passaram. Aconselhe-nos, pois. O que se ha de fazer?

Holmes abanou melancolicamente a cabeça e redarguiu:

— V. x. está convencido de que, si não conseguirmos rehaver a carta, sobrevirá uma guerra. Não é isto?

— E'.

— Pois então, o ministerio deve preparar-se para ella.

— Oh! sr. Holmes! O senhor desalenta-nos com essa recommendação...

— Examinemos friamente as coisas. E' impossivel que o documento fosse subtrahido depois das onze horas e meia da noite, porque, segundo ouvi, nem o sr. secretario de Estado nem lady Hope sahiram do quarto desde essa hora até o momento em que se deu pelo desapparecimento. O roubo, portanto, deu-se hontem á noite, entre as sete horas e meia e as onze horas e meia, e, probabilissimamente, mais perto das sete e meia que das onze e meia e isto porque a pessoa que se apoderou delle conhecia o sitio onde estava e desejava deitar-lhe a mão o mais cedo possivel.

Não ha nenhum motivo que nos faça crer que o ladrão quizesse o documento para o guardar e, por conseguinte, é de suppor que o remettesse immediatamente a alguma pessoa a quem a posse delle sirva de utilidade.

Que probabilidade ha, pois, de encontrarmos a carta ou, mesmo, de descobrirmos uma pista? Poucas, ou nenhumas.

Lord Bellinger ergueu-se do canapé.

— O seu raciocinio é de uma logica cerrada, sr. Holmes. Perante elle, fico tambem convencido de que o negocio está muito mal parado.

— Admittamos, por hypothese, que foi a creada de quarto, ou o creado particular, quem tirou o papel...

— São ambos fidelissimos e antigos na casa, observou lord Hope.

— V. ex. disse-me que o quarto é no segundo andar, que não tem sahida para o exterior e que ninguem podia introduzir-se nelle sem ser visto. E' pois evidente que foi alguem da casa que praticou o roubo. A quem é provavel que o ladrão tenha remettido o documento? Com certeza foi a algum dos agentes secretos que residem em Inglaterra. Eu conheço os tres principaes chefes da espionagem internacional. Vou principiar as minhas investigações por averiguar se todos elles estão ainda em Londres. Se alguem delles se ausentou e, sobretudo, se partiu hontem á noite ou hoje, obteremos uma pista que nos fará saber a chancellaria á qual a carta foi entregue.

Lord Hope, observou:

— Póde succeder que não partisse e que tenha ido entregar a carta a alguma das legações estrangeiras.

— Não creio nisso. Os grandes espiões trabalham por sua propria conta e são quasi sempre mal vistos nas embaixadas, pelos cheques que lhes dão.

O primeiro ministro applaudiu, com um menelo de cabeça, a opinião de Sherlock, e accrescentou:

— Diz bem, sr. Holmes. Um espião habil não iria entregar uma carta de tão subido valor a uma embaixada. Acho excellente o seu plano. Vamos embora, sr. Hope. Por que este grave acontecimento se deu, não havemos de pôr de parte os nossos outros deveres. No caso de obtermos mais alguns esclarecimentos, enviar-lh'os-emos, sr. Holmes. Inutil é accrescentar que temos o maior desejo de conhecer, ponto por ponto, os resultados do seu inquerito.

Em seguida, os dois homens de Estado despediram-se de nós e sahiram.

Holmes acendeu o cachimbo e concentrou-se numa profunda meditação.

Eu peguei num jornal da manhã, e absorvi-me, tambem, na leitura de um crime sensacionalissimo praticado em Londres na noite anterior.

Repentinamente, Holmes ergueu-se e sacudiu, de encontro o canto do fogão, a cinza do cachimbo.

— Não tenho outro meio, disse. A situação é grave mas não é desesperada. Se eu conseguir averiguar qual dos tres se apoderou da carta, a coisa reduzir-se-á, provavelmente, a uma simples questão monetaria, porque talvez elle não tenha partido ainda e ande tratando de arranjar dinheiro para uma viagem ao estrangeiro. Qualquer dos tres é pessoa sem escrupulos e que tudo subordina ao interesse. E, assim, eu teria todas as probabilidades de lhe comprar o documento. Dinheiro, para isso, não me falta, porque tenho ás minhas ordens o thesouro britannico. Mesmo que fosse necessario um augmento de imposto, o ministerio não hesitaria. De todos os espiões que vivem em Londres, disse Sherlock em voz alta, os unicos capazes de tentarem uma empreza audaciosa como esta, são: Oberstein, La Rothiére e Eduardo Lucas. Preciso procural-os.

— Foi em Eduardo Lucas que falou, não?

— Foi.

— Esse homem residia em Godolphin Street? perguntei eu, deitando os olhos ao jornal.

— Residia e reside.

— Pois meu amigo, desista de ir ter com elle.

— Ora essa! Porque?!...

— Porque o assassinaram hontem á noite.

O meu companheiro tinha-me enchido tanta vez de surpreza com as suas maravilhosas descobertas, que experimentei um verdadeiro orgulho em arranjar um ensejo de o espantar tambem, por meu turno.

— Aqui tem. Veja a noticia que eu estava a ler quando o senhor se levantou da cadeira. Estou certo de que hade interessal-o.

Arrancou-me, quasi, o jornal das mãos e deu, surprehendissimo, com a seguinte noticia:

ASSASSINATO EM WESTMINSTER

"Foi hontem á noite, praticado um mysterioso crime na rua do Godolphin n. 16. O sangrento acontecimento passou-se, porém, nesses antigos palacetes do seculo XVIII, que tão interessante caracter dão á parte de Londres comprehendida entre a Abbadia e o Tamisa.

"Fica situado proximo do palacio do Parlamento e era, desde ha tempos, habitado pelo sr. Eduardo Lucas muito conhecido na roda elegante pelas suas bellas qualidades pessoaes e pela sua bem merecida reputação de barytono amador. O sr. Eduardo Lucas completara 34 annos e era celibatario. Tinha ao seu serviço uma governante de appellido Pringle e um creado de quarto que moravam nas aguas-furtadas do palacete. Milton tinha pedido licença para sahir e foi passar a noite com um amigo em Hammersmith.

"O amo ficara só, desde as dez horas da noite.

"O que se passou então? Ignora-se. O agente de segurança Barret, rondando á meia noite e um quarto por Godolphin Street, notou que a porta da rua estava entreaberta. Bateu, mas não obteve resposta. Vendo luz num dos compartimentos do rez do chão, entrou no vestibulo e bateu de novo, mas tambem sem resultado.

Tomou por isso a resolução de abrir uma porta envidraçada, através da qual a luz se coava, e entrou. Todo o aposento estava em desordem. Ao meio, uma cadeira tombada e junto della estendido o dono da casa. Tinha recebido uma punhalada no peito e a morte devia ter sido instantanea.

"A arma com que o crime foi praticado é um punhal indiano, de talhe curvilineo e fazia parte duma collecção de armas orientaes numa panoplia afixada á parede. Parece não ter sido o roubo a determinante do crime, porque de diversos objectos valiosos que havia na sala, nem um só faltava.

"O sr. Eduardo era bastante conhecido, quasi mesmo popular, e, por isso o mysterioso e infortunado remate da sua existencia produziu uma dolorosa consternação nos seus numerosos amigos".

Sherlock concluiu a leitura e, após uns instantes de silencio, perguntou-me:

— Que diz a isto, Watson?

— Que é uma extraordinaria coincidencia.

— Coincidencia! Não creia nessa. E' justamente um dos homens que nós visamos como podendo ser o heroe do roubo désse inestimavel documento o que morre assassinado na hora em que sabemos que o roubo se effectuou! Ha vinte probabilidades contra uma de que o caso não seja uma coincidencia apenas. Não, meu caro Watson, não. Entre o assassinato e o roubo ha uma estreita relação. O contrario é impossivel e nós havemos de descobrir o laço que prende uma cousa á outra.

— O peor é que a policia, agora, vae pôr-se ao corrente de tudo.

— Homem... não me parece. A policia conhece apenas a tragedia de Goldophin Street e preoccupar-se-á exclusivamente com ella. Nós, porem, conhecemos essa e a de Whiteall Terrace, e portanto só nós — ninguem mais — pode descobrir a ligação que ha entre os dois acontecimentos. Pois não é assim? As minhas suspeitas recahiam principalmente sobre Eduardo Lucas, por ser elle de todos os tres agentes o que morava mais proximo de Whitehall Terrace. Os outros dois chefes de espionagem em que lhe falei, vivem na extremidade oriental de Londres. De Go-

(*Continua na pag. seguinte*)

dolphin Street e Whitehall Terrace, o trajecto leva poucos minutos a fazer-se. Era portanto mais facil do que aos outros receber com brevidade uma carta que lhe fosse mandada da residencia do Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros. Isto não passa talvez dum pormenor insignificante, mas uma simples minucia é muitas vezes a chave dum mysterio.

— Olá! Que quer isto dizer?

A creada tinha entrado com um bilhete de visita numa bandeja. Sherlock lera-o num relance e passara-m'o ás mãos, espantadissimo.

— Diga a Lady Hilda Trelawney Hope que faça o obsequio de entrar para aqui.

Dahi a instantes a nossa modesta saleta de trabalho honrava-se, recolhendo dentro das suas quatro paredes a mais linda mulher de Londres. Primeiro, dois politicos de alta cotação, depois uma grande dama da aristocracia. Era dia, portanto, de visitas sensacionaes.

Tinha ouvido falar repetidas vezes da belleza, da formosura de Lady Hope, a mais nova das filhas do duque de Belminster. Mas nem os elogios que lhe ouvira tecer, nem as photographias que as publicações do mundo elegante a miudo apresentavam, me haviam preparado sufficientemente para o delicado encanto daquella estranha e maravilhosa cabeça.

Comtudo, a sua formosura não era o que primeiro impressionava os olhos de quem a visse, naquelle dia de outomno. Ao admiravel colorido do seu rosto sobrepunha-se um véu de pallidez e de tristeza.

Brilhava-lhe nos olhos uma chammasinha de febre, e os seus labios sensuaes, normalmente entreabertos e sorridentes, comprimiam-se pelo esforço de querer apparentar a tranquillidade. Estes indicios de commoção tinham-se accentuado, sobretudo, quando, ao entrar, o olhar investigador e frio de Sherlock cahiu sobre ella.

— Meu marido veiu procural-o, sr. Holmes?

— Veiu, sim, minha senhora.

— Antes de mais, supplico-lhe que lhe não diga nada a respeito desta minha visita.

— O pedido de v. ex. é um tanto embaraçoso, mas emfim.... Tenha a bondade de se sentar.

Lady Hope atravessou a sala e sentou-se de costas para a janella.

Ao vel-a andar, achei-a mais bella ainda. Tinha um passo de rainha, e era alta, ondulante e esbelta.

— Sr. Holmes, disse ella, emquanto as suas mãos enluvadas de branco se crispavam, vou falar-lhe francamente e rogo-lhe que seja franco para commigo. Mereço a meu marido a mais inteira confiança, e elle nada me occulta, a não ser o que se refira a assumptos politicos. Sobre estes assumptos guarda sempre o mais completo mutismo, dentro do nosso lar. Ora eu sei que se passou hontem á noite um incidente deploravel, sei que desappareceu do nosso quarto de dormir um documento. Mas meu marido, sob o pretexto de que o caso é de caracter politico, recusa-se a dar-me explicações. E, não obstante, é absolutamente preciso que eu saiba que especie de documento é esse. Além de meu marido e dos membros do governo, só o sr. Holmes e o seu companheiro sabem como os factos se passaram. Supplico-lhes pois que me digam o que se deu, e quaes as consequencias que d'ahi podem provir. Diga-me tudo, sr. Holmes, e não se refugie na evasiva de que deve respeitar os segredos dos seus clientes. Asseguro-lhes que os poderá servir melhor se tiver confiança em mim. Diga-me, senhor, que documento é esse que desappareceu!

— Senhora, é impossivel responder ao que me pergunta.

Lady Hope deu um profundo suspiro e cobriu o rosto com as mãos.

— Bem deve comprehender que não posso deixar de proceder assim. Se lord Hope entendeu dever occultar-lhe o que se passou, hei de eu violar a minha obrigação profissional e revelar-lhe o que elle quiz que v. ex. ignorasse?... Mas isso seria o cumulo da indiscrição. Com lord Hope, e não commigo, é que v. ex. deve insistir.

— Já o fiz, inutilmente. Como ultimo recurso dirigi-me para aqui.

E depois d'uma pausa:

— Embora não possa entrar em explicações directas, quererá, ao menos, explicar-me uma coisa?

— Qual, minha senhora?

— A carreira de meu marido póde ser prejudicada com esse incidente?

— Se não conseguirmos remediar o que se passou, a carreira de lord Hope fica seriamente arriscada.

Uma grande pallidez invadiu o rosto da visitante.

— Bem m'o adivinhava o coração! disse. Permitta que lhe faça uma pergunta mais, sr. Holmes. Na desorientação em que meu marido ficou quando deu pela falta do documento, escaparam-lhe umas palavras pelas quaes comprehendi que a desapparição podia occasionar uma calamidade publica. E realmente é assim?

— Visto que o marido de v. ex. o disse, não serei eu que o negue.

— Mas que especie de calamidade póde ser essa?

— Oh! minha senhora... isso, não me atrevo a dizer-lh'o.

(Continua no proximo numero).

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500